This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

A 468859 DUPL

PROPERTY OF
The University of Michigan Library

ESTUDOS DE LITERATURA

JOSÉ VERISSIMO de Matos,

DA ACADEMIA BRAZILEIRA

ESTUDOS

DE

LITERATURA

BRAZILEIRA

SEXTA SÉRIE

A HISTORIA DA LITERATURA BRAZILEIRA
BOTELHO DE OLIVEIRA — AS ODES E ELEGIAS — QUESTÕES
O SR. ALBERTO DE OLIVEIRA
A ACADEMIA BRAZILEIRA — UMA POETISA E DOUS POETAS
MACHADO DE ASLIS — LIVROS E AUTORES
DE 1903 A 1905 — INDICE DOS SEIS VOLUMES

DR. L. A. PODESTÁ BOSTA
ADVOGADO

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

109, RUA DO OUVIDOR, 109, RIO DE JANEIRO | 6, RUE DES SAINTS-PÈRES, PARIS

1907

869.9
/E2E5
v.6

13—357976

A HISTORIA DA LITERATURA

BRAZILEIRA

Historia da literatura brasileira, por SYLVIO ROMÉRO, 2ª edição, melhorada pelo autor. Tomos I e II, Rio de Janeiro, H. Garnier, 1902-1903.

E' de 1888 a publicação dos dois primeiros volumes da *Historia da literatura brasileira* do sr. Sylvio Roméro. Vinha essa historia desde o seculo do descobrimento até 1870. Não obstante ser, ainda antes de acabado, o livro mais completo sobre a nossa historia literaria, e apezar das suas dimensões, havia nelle lacunas sensiveis, como o silencio sobre o romance e o theatro, que justamente antes desta ultima época aqui nasceram e mais floresceram. Essa falta era grave, não só do ponto de vista chronologico, mas ainda do ponto de vista logico.

Certamente o autor a emendaria, sem aliás poder mais sanar o que me parece um erro de methodo, nos seus subsequentes volumes, mas a obra, infelizmente, parou no segundo.

Reeditando agora o primeiro, promette-nos elle um terceiro, que a deve concluir. Eu não sei si, com o desenvolvimento que nos dois primeiros lhe deu, um só lhe bastará para, sem defeito notavel e prejuizo do assumpto, leval-a ao cabo. Obra tal, e sobretudo tão complexa e suggestiva, como é a do sr. Sylvio Roméro, não póde talvez ser convenientemente julgada sinão no seu conjuncto. Sem embargo da exactidão deste asserto, não creio, entretanto, impertinentes os juizos syntheticos della já feitos. Não é talvez a *Historia da literatura brasileira* do sr. Sylvio Roméro um desses livros quasi perfeitos e quasi definitivos, um *standard book*, como lhes chamam os inglezes, de trabalhada erudição e solida e coherente doutrina, nem, pela sua estructura e composição, uma obra d'arte; mas é um acontecimento literario de primeira ordem e como tal conserva todo o seu valor.

Não é difficil, e já tem sido feito, apontar-lhe as contradições, as incoherencias, as repetições, as inexactidões de facto ou de juizo, os abusos de generalização, a carencia de serenidade e imparcialidade critica. Nada disto, quando fosse bem verificado, lhe tira, ou siquer

diminue, o merito proprio, que é, penso eu, aquelle. Nem tudo o que lhe poz o autor é novo ou original, apezar do seu manifesto e nem sempre legitimo desdem pelos seus antecessores na historia da literatura brazileira, desdem proprio dos temperamentos de luta e de negação, como o seu. Não obstante, a *Historia da literatura brasileira* do sr. Sylvio Roméro é com certeza um dos livros mais originaos, ou pelo menos mais pessoaes, mais suggestivos, mais copiosos de opiniões e idéas, mais interessantes, de mais veia e temperamento que jamais se escreveram no Brazil. Si innovou muito menos do que cuida o autor no, que respeita á concepção, o methodo da nossa historia literaria, foi o primeiro que para ella trouxe as noções da critica e da philosophia modernas, que nella agitou, com maior conhecimento das doutrinas, e mais capacidade de applicação e generalização, as idéas que fóra d'aqui haviam desde muito revolucionado as criações semelhantes. E a pretexto de literatura, a sua *Historia* discutia todos os problemas e questões que directa ou indirectamente interessavam a nossa vida nacional: politicas, economicas, scientificas, industriaes, estheticas, administrativas, ethnicas, costumes, crenças, lingua, ideaes, aspirações e opiniões. Apenas se achará alguma de que o livro não trate ou sobre a qual não dê o autor o seu pa-

recer; e como elle é um nervoso, um apaixonado, um temperamento de combate, um propagandista de idéas, e traz da Academia, e lhe ficará por toda a vida, o gosto da discussão, calorosa, entremeiada da chalaça, que a camaradagem escolar desculpa, e que elle tem da melhor especie luso-brazileira, a exposição dellas é sempre viva, jámais monotona, nunca banal. Si em dois fartos volumes ella acaba por fatigar um pouco, é por causa das repetições, que na primeira edição eram demasiadas, e que não sei si foram tão supprimidas quanto convinha nesta segunda. Este defeito, porém, como outros que se podem apontar no livro, derivava da maneira por que o sr. Sylvio Roméro realizou a sua obra. Apezar da unidade de titulo e de composição que apparenta, ella é por muito fragmentaria, feita em grande parte de artigos diversos em, cada um dos quaes o autor repetia as suas idéas favoritas de pregador de doutrinas que lhe eram caras. O seu livro é de polemica, como de polemista é essencialmente o temperamento literario do autor. « Porque esta — perdôem-me citar esta apreciação por mim escripta em 1895 a proposito do livro do sr. Sylvio Roméro *Doutrina contra Doutrina* — é a caracteristica, a dominante do sr. Sylvio Roméro : ser um polemista. Fazendo história ou critica literaria, politica ou philosophia, escrevendo ou conver-

sando, apezar da bonhomia affectuosa, natural e amavel do seu trato, que estão longe de suspeitar os que só por seus livros o conhecem, o sr. Sylvio Roméro é um polemista ». Si esta feição principal da sua indole espiritual tirou á sua obra as qualidades de reflexão e imparcialidade que são as preeminentes da historia, mesmo literaria, prejudicando muitas vezes a exacção dos seus juizos, por outro lado deu-lhe talvez mais vida e interesse. Sómente, eu temo que essa vida e interesse não sejam retrospectivos, que as doutrinas ou opinões pelas quaes se bateu com tanto talento e ardor o sr. Sylvio Roméro, umas por totalmente passadas de tempo, outras por victoriosas, não despertem mais no leitor de hoje a mesma attenção e interesse que levantaram nos de quatorze annos atraz. E' aliás esta a sorte dos livros revolucionarios, dos livros de doutrina e propaganda; realizado o seu effeito, mingua-se-lhes tambem a virtude essencial. Não sei, porém, de mais gloriosa e consoladora recompensa de um escriptor do que haver influido no espirito da sua geração e do seu tempo. Essa influencia, feita principalmente mediante a sua *Historia*, é incontestavel que a exerceu o sr. Sylvio Roméro, ao menos no gráu compativel com a capacidade de acção e reacção espiritual do nosso organismo nacional. Mesmo entre os que delle divergem, e até lhe combatem idéas,

concepções, doutrinas, conceitos, ha discipulos seus da primeira hora, espiritos que por mais de uma feição provêm do seu. Para um escriptor, para um pensador que á sua pessoa, á sua mesma obra, antepõe e prefere as idéas, ainda desenvolvidas e modificadas e corrigidas, que espalhou e pelas quaes combateu, não conheço maior galardão, maior motivo de intimo e nobre contentamento.

Penso que para assentarmos em bases definitivas uma historia da literatura brazileira precisamos completar o trabalho de erudição, apenas começado, e muito fragmentario, indispensavel ao conhecimento exacto e seguro dos materiaes que a compõem. Como na historia politica, nós principiámos pela synthese, antes de fazer a analyse; o trabalho de generalização aqui precedeu o do saber exacto. A fonte da nossa historia literaria é a introducção de Varnhagen ao seu *Florilegio* da poesia brazileir. (Lisboa, 1850, I e II vols III, Madrid, 1853) Foi elle quem lançou nessas paginas a primeira pedra do edificio ainda não acabado de construir da historia da nossa literatura, e mais quem lhe assentou o criterio geral. Wolff, Norberto Silva, Fernandes Pinheiro e outros não fizeram sinão seguil-o, e si o desenvolveram, foi segundo o plano das suas indicações. E, sinão pelo espirito philosophico e methodo

critico, pelo desenho geral, por innumeras noções e informações, ainda a *Historia* do sr. Sylvio Roméro deriva da *Introducção* de Varnhagen, ao qual deve a nossa historia literaria mais outros preciosos subsidios.

E' obvia, para os que consideram a literatura como um facto social, e sob seu aspecto historico, a necessidade de um profundo conhecimento dos documentos literarios, da época, do meio, do momento em que appareceram, para a constituição de uma historia do seu desenvolvimento. Um exemplo, porém, não será demais, e é o da difficuldade que presentemente temos de assentar em razões incontestaveis as grandes divisões da nossa historia literaria; e não quero maior prova disso do que o vago, o inconherente, o impreciso, o incongruente das divisões feitas pelos differentes autores. Quereis vêr? Na primeira edição do seu livro, havia o sr. Sylvio Roméro estabelecido uma divisão, que aliás mantem nesta; mas, como si não estivesse seguro da sua excellencia ou simples razão de ser, no prologo desta segunda edição declara que « no que diz respeito á questão dos *periodos literarios* entre nós », não lhe « seria difficil substitutir a divisão proposta no texto pela seguinte » — e enuncia-a. Mas logo accrescenta que « poderia ainda ajuntar que, tanto esta nova divisão e classificação, como a que se lê no livro,

não perderiam nada em ser substituidas pela seguinte » — e expõe outra. Porém « não é tudo, escreve elle; seria ainda possivel simplificar a divisão e dal-a em duas grandes epocas », — que tambem aponta. Temos, pois, um só historiador da literatura nacional que acha possivel dividir indifferentemente em quatro classificações ou divisões diversas os seus periodos historicos, de nenhuma das quaes, declara-o elle francamente, « faz grande cabedal ».

Numa historia da literatura nacional com pretenções philosophicas e doutrinarias, este defeito de methodo, esta fluctuação inconcebivel de um criterio de classificação, é do peior effeito. E talvez desta falta inicial derivem outras, da mesma categoria na obra, aliás por tantos titulos estimavel, do Sr. Sylvio Roméro. Chegava a ser extravagante na 1ª edição a qualificação dos poetas no que o autor chamára, com a convicção que vimos, Terceira epoca, ou periodo de transformação romantica (1830-1870 e annos proximos): « poetas », « ainda poetas », « poetas ainda, « outros poetas », « ainda outros poetas », etc., que não indicava sinão a inconsistencia do criterio applicado á apreciação da poesia brazileira naquelle periodo, pelo seu novo historiador. Na 2ª edição, de 1903, corrigiu elle estas denominações disparatadas, dividindo a poesia do nosso romantismo

em phases, não menos arbitrarias, aliás, a meu ver, que aquellas categorias. Mas a correcção foi puramente exterior, e de modo algum interessou ao amago da questão.

De parte o que esta fluctuação e incoherencia de classificações póde revelar de uma erudição lacunosa do objecto, a indifferença declarada por ellas me parece pouco philosophica, e de surprehender no sr. Sylvio Roméro, que escreveu a sua *Historia* com preoccupações e intuitos declaradamente philosophicos. O seu livro, e este é um dos seus principaes meritos, é a demonstração de que a literatura brazileira é um aspecto da sociedade brazileira, cujo desenvolvimento acompanha, cujo caracter define, cuja vida representa. Ora, o desenvolvimento de toda sociedade, e o da nossa não faz excepção, por mais igual a si mesmo e homogeneo que seja, se opera sempre de modo a offerecer á analyse feições mais ou menos distinctas. Estas feições, de qualquer ordem que sejam, comtanto que sejam caracteristicas, cumpre ao historiador assignalal-as. Vai nisso não só uma questão da exactidão, de verdade objectiva, da verificação de um facto indispensavel para entendermos a evolução da sociedade, mas de methodo e, portanto, de logica. Si o historiador da literatura brazileira chegar a convencer-nos de que quatro divisões de seu desenvolvimento são igualmente

boas ou igualmente ruins, principalmente quando são todas estabelecidas á mesma luz, somos levados logo a crer que essa literatura é alguma cousa amorpha, inconsistente, sem vida nem relação com a sociedade, não tendo por onde se lhe pegue e, portanto, o que nos deva interessar.

Uma divisão rigorosa, systematica e logica, scientifica, si posso dizer, dos periodos em que necessariamente se reparte a historia da nossa literatura, é a meu ver condição indispensavel para lhe comprehendermos o desenvolvimento, e para percebermos em synthese que reacções sociaes soffreu ou operou. Tem pois dupla importancia theorica e pratica, sob o aspecto didactico, não menos relevante, para toda a ordem de estudiosos.

Outra necessidade de uma historia da nossa literatura, que quasi todos os que della se têm occupado aliás sentiram, é a de definil-a. Deve ella, segundo quer e praticou o sr. Sylvio Roméro, comportar tudo quanto na ordem intellectual se escreveu no Brazil, ou, como penso, sómente o que é propriamente literario ou o que não o sendo, tem bastante generalidade e virtudes de emoção e de fórma para poder ser incorporado na literatura? Assevera-nos o sr. Sylvio Roméro que aquella é a concepção allemã da historia da literatura; não o contestarei, embora não o pudesse verificar do modesto conhe-

cimento que, mediante os francezes e inglezes, tenho da literatura allemã. Esse criterio, porém, não é o da nossa cultura latina, nem o da anglo-saxonia, não o praticam os francezes, nem os italianos, nem os hespanhóes, nem os portuguezes, como não o praticam os inglezes ou os americanos. Sobejam os exemplos em apoio da minha asserção. Em França ha uma excepção que não prejudica a regra, antes a confirma: é a *Historia literaria da França,* vasta e copiosa publicação de erudição pura, começada pelos Benedictinos em seculos transactos e continuada pela Academia das Inscripções e Boas-Letras, e na qual se recolhem e analysam todos os documentos escriptos que interessam não só á literatura, mas á vida intellectual e á lingua franceza, mas nenhum historiador da literatura franceza a tomou por modelo ou lhe seguiu o criterio. E os mais recentes e notaveis historiadores da literatura grega, os irmãos Croisets, embora, seguindo o pensamento allemão, houvessem alargado o campo da historia literaria, para comprehenderem na sua mais que os puros literatos ou as obras propriamente de boas letras, limitaram nitidamente o seu assumpto, a ponto de, si se lhes depara um autor de quem nem toda a producção pertence a esse dominio, expressamente abandonam a parte que lhe é extranha. E' este criterio que me parece verda-

deiro, tanto mais que elle não exclue, antes abrange como elementos subsidiarios de valor, as obras e os homens, que sem pertencerem á historia da literatura influiram na vida moral e mental da sociedade, no seu pensamento e, portanto, na representação della, que é a literatura. Ora, não me parece que fosse com esta reserva necessaria que o sr. Sylvio Roméro tenha feito entrar na historia da nossa literatura economistas, jurisconsultos, publicistas, linguistas(?) theologos, e tenha-se occupado, em capitulos especiaes, das bellas-artes e das sciencias naturaes aqui. Tudo isto, sobretudo pelo modo que o fez, é impertinente ao seu assumpto, tanto mais que não sei si ao autor não faltou, sinão a competencia, a arte de ligar esses sujeitos e correlacional-os devidamente com elle. Mas, segundo o velho rifão, *quod abundat non nocet*, e si a *Historia da literatura brasileira* do sr. Sylvio Roméro, excedendo os seus justos limites, perde em logica, em methodo, em proporções, e, portanto, em belleza, como obra d'arte, ganha em extensão, sendo mais que uma historia da nossa literatura, quasi uma historia da nossa cultura.

Definida o que é a literatura brasileira e limitada a comprehensão da sua historia, um estudo rigoroso devia fazer a selecção dos escriptores e obras que lhe pertencem, pois ainda a este

respeito ha divergencias e fluctuações grandes, e incoherencias, como do mesmo livro do sr. Sylvio Roméro se vê. Pertence Anchieta á nossa literatura? Uns dizem sim, o sr. Sylvio Roméro diz não, mas dando razões que justificariam o sim. Pertence-lhe Antonio José? Si me consentissem voz no capitulo, eu responderia redondamente não; o sr. Sylvio Roméro, por motivos que absolutamente não calaram no meu espirito, assevera convictamente que sim. Havemos de admittir nella, sinão como prova de uma incipiente vida espiritual nas épocas de formação da nossa literatura, obras que só vieram a ser publicadas nos nossos tempos, deconhecidas completamente dos coévos, como as de Gabriel Soares, frei Vicente do Salvador e outros? As cartas e mais publicações jesuíticas hão de se lhe incorporar? E, como estas, ha muitas outras questões que a critica devia previamente discutir e resolver, para não obrigar a historia a discussões que não lhe são proprias, que a forçam a polemicas descabidas, que lhe perturbam o desenvolvimento e a mesma belleza da exposição, que a obrigam a repetições importunas e contradições graves.

Não se póde, entretanto, sem injustiça ou incomprehensão das circumstancias em que o sr. Sylvio Roméro escreveu a sua *Historia*, e até sem desconhecer a inspiração geral da sua obra,

prezal-a menos por esses e quejandos senões ou falhas.

Ella é, em todo caso, um dos livros mais consideraveis das nossas letras, o mais completo para o estudo da sua historia, sendo muito para desejar que o autor o leve sem maior demora ao cabo.

II

O MAIS ANTIGO LYRICO BRAZILEIRO

BOTELHO DE OLIVEIRA

Foi o primeiro brazileiro que publicou poemas soltos, em collecção, e como a sua poesia pertence ao denominado genero lyrico, podemos chamar-lhe o primeiro lyrico brazileiro. A nossa historia literaria para existir precisa de rememorar ainda os mais mesquinhos sujeitos que, para as nossas escassas letras primitivas, contribuiram com qualquer cousa, ainda somenos. E' o caso de Bento Teixeira, é tambem o de Botelho de Oliveira.

Este aliás tem, parece-me, mais valor do que aquelle, mas não tanto que o seu merito não lucre principalmente daquella distincção chronologica, que é a unica de Bento Teixeira. A superioridade do bahiano sobre o pernambucano, si é possivel estabelecel-a, não deriva de

nenhuma qualidade preeminente do seu talento, mas apenas de ser elle como poeta mais variado, acaso mais rico em éstro, e tambem da vernaculidade da sua lingua e finalmente de já se lhe vislumbrar nos versos alguma cousa de mais regional, não ouso dizer nacional, que faz delle o progono da poesia intencionalmente brazileira.

« Manoel Botelho de Oliveira, informa a mais antiga noticia que delle conhecemos, nasceu na cidade da Bahia, capital da America portugueza, no anno de 1636, filho de Antonio Alvares Botelho, capitão de infantaria paga, fidalgo da casa de Sua Magestade. Estudou na Universidade de Coimbra jurisprudencia cesarea (direito romano ?) exercitando na sua patria a advocacia de causas forenses por muitos annos, com grande credito da sua literatura. Foi vereador do Senado da sua patria e Capitão-mór de uma das comarcas della. Teve grande instrucção das linguas latina, castelhana e italiana, como tambem da poesia, metrificando com suavidade e cadencia. Falleceu a 5 de Janeiro de 1711. »

Viveu, pois, 75 annos, o que é outra distincção que se lhe póde sem difficuldade reconhecer.

E' quanto se sabe da vida deste primeiro poeta brazileiro, que reuniu me volume os seus poemas, mau costume de que foi elle o feracissimo introductor num paiz onde devia proliferar fecundissimamente.

O titulo, bem do tempo, da sua collecção é *Musica do Parnaso em quatro coros de Rimas portuguesas, castelhanas, italianas e latinas com seu descante comico reduzido em duas comedias*, offerecida ao Excellentissimo Senhor Dom Nuno Alvares Pereira de Mello, Duque de Cadaval, etc. e entoada por — Fidalgo da Caza de Sua Magestade. Na officina de Miguel Menescal, Impressor do Santo Officio, Anno de 1705.

Cento e quatro annos antes, um outro poeta brazileiro, natural de Pernambuco, o já mencionado Bento Teixeira, publicára tambem em Lisboa um poema, um poemeto lhe chamariamos hoje, intitulado *Prosopopéa* (1), que é de facto a primeira manifestação impressa da poesia no Brazil, mas do genero épico. Entretanto, Botelho de Oliveira considerava-se, no prefacio do seu livro, « o primeiro filho do Brazil que faça publica a suavidade do metro ». O desconhecer o poeta bahiano o seu emulo pernambucano (si taes patronimicos cabem aqui), publicado um seculo antes do seu prefacio, indicaria a falta de communicação que naquelle tempo, principio do seculo XVIII, existia, e que ainda até ao seculo XIX existiu, entre os escri-

(1) Veja *Estudos da Literatura Brazileira* do A. IV, ensaio sobre Bento Teixeira e o seu poema: *O primeiro poeta brazileiro.*

ptores brazileiros, si não é tambem extempora neo qualifical-os assim.

Da leitura do gongorico « Prologo ao leitor » da *Musica do Parnaso*, deduz-se que antes desta já o seu autor se fizera imprimir.

O livro de Botelho de Oliveira, in-4°, de 340 paginas, contem, além das poesias em portuguez, em hespanhol, em italiano e em latim, duas comedias, em castelhano, *Hay amigo para amigo* e *Amor, engaños y zelos*. Ora, segundo declaração do poeta naquelle prologo, a primeira, ao tempo em que elle o escrevia (1705 ou antes?) já corria impressa anonyma. Sendo as licenças do Santo Officio ao livro de 1703, deve-se crer que o Prologo é pelo menos dessa éra, ou de pouco antes, pois foi mandado do Brazil. Portanto, antes dessa éra já o brazileiro Botelho de Oliveira publicára pela imprensa uma comedia em hespanhol, *Hay amigo para amigo*, que teria sido, com a *Prosopopéa* de Bento Teixeira, uma das primeiras obras brazileiras publicadas. Não consta que desta, cujo valor seria sómente bibliographico, se conheça algum exemplar.

Poetas populares, amigos de descantes e trovas, importadores das cantigas portuguezas ou inventores dos primeiros cantares indigenas, e até poetas literarios e letrados, e escriptores de prosa, como Botelho de Oliveira (1636-1711), Eusebio de Mattos (1629-1692), Gregorio de

Mattos (1633-1696), Bernardo Vieira Ravasco, irmão do padre Antonio Vieira (1617-1697), Bento Teixeira (1573- ?) Fr. Vicente do Salvador (1567-1637), immediatos antecessores ou contemporaneos todos e relacionados entre si alguns, e outros ainda menores ou menos conhecidos, haveria no Brazil (quero dizer de Pernambuco a Bahia, que era o Brazil menos selvagem de então) desde a segunda metade do seculo XVI, quando se aqui entrou a constituir uma sociedade.

Ao tempo de Botelho de Oliveira, a segunda metade do seculo XVII, já a cidade do Salvador, ou a Bahia, como depois se lhe havia de chamar do nome da capitania, era, a crer os chronistas, uma cidade adiantada, de muita commodidade e riqueza. Cumpre, entretanto, não aceitar, sem muita reserva, as informações contemporaneas a respeito do estado e importancia da vida e das cidades coloniaes. Além da differença dos tempos, que torna muito relativo o conceito que possamos fazer de uma cidade, ha naquelles informadores, naturaes da terra ou adventicios, manifesta tendencia a exagerar-lhe as excellencias e grandezas. As « grandezas do Brazil » foram o thema caracteristico de uma das obras mais curiosas e mais interessantes sobre o Brazil primitivo

Como quer que seja, a cidade do Salvador,

na sua incoherencia e extravagancia de todas as primitivas cidades americanas, meios aldeiamentos de indios, meios acampamentos militares, meias povoações civis, agglomerações de choupanas, fortalezas e palacios (ou que tal nome tinham), era a séde do governador geral da Colonia e do seu sequito, assim como das principaes autoridades, civis e militares, cujas funcções aliás ainda se confundiam, e das quaes algumas eram fidalgos de condição e tratamento. Era tambem séde do unico bispado do paiz, com a sua sé e os seus conegos, e já tinha varias igrejas e conventos, e o collegio dos Jesuitas, cujas aulas haviam quasi todos os letrados do tempo frequentado, e em cujo templo se fazia justamente ouvir naquelle tempo a voz eloquente e florída do padre Antonio Vieira e a sua palavra de um tão literario sabor. Possuia já « muitas casas sobradadas e de pedra e cal, telhadas e forradas como as do Reino », das quaes, ao tempo de Gandavo, « havia ruas muy compridas e formosas ». (*Historia da provincia de Santa Cruz*, Lisboa, 1858, 15). Havia ali relativa riqueza e commodidade, e o gosto do luxo, apenas menor que o notado pelos chronistas e viajantes em Olinda e no Recife, e a obsequiosidade dos moradores, tambem por elles notada, e que parece ainda é hoje uma das feições da vida bahiana, ou o foi até não ha

muito, estabelecia na pequena população da cidade, onde não escasseavam os letrados de béca, de batina ou de habito, o nucleo social indispensavel á cultura das letras, ao estimulo espiritual. Os moradores abastados, que viviam fartamente pelo costume de terem seus escravos especialmente empregados na caça, na pesca e na acquisição de outros mantimentos para as suas casas, mandavam os filhos estudar a Coimbra, depois de os fazerem cursar as aulas preparatorias locaes, principalmente as dos jesuitas, que eram as mais recommendadas e frequentadas. Botelho de Oliveira foi com certeza discipulo delles, como o está revelando o seu gosto de alardear vaidosamente conhecimento de linguas e literaturas diversas. Nessas aulas estudava-se, além de cousas de religião e de theologia, moral, dogmatica, casos de consciencia, o latim e a sua literatura e conjunctamente a historia, a geographia, a mythologia. Nellas explicou e commentou Seneca, estamos a ver com que abuso de subtilezas e argucias e desmancho de trocadilhos e equivocos, o padre Antonio Vieira, em tempo em que poderia ter sido seu alumno Botelho de Oliveira.

A educação jesuitica, toda de exterioridade, de mostra, superficial em summa, estimulante e provocadora da vaidade literaria pela sua invenção dos premios e outros incentivos escolares,

era muito apta para desenvolver o gosto das letras, que rarissimo se desacompanha daquella vangloria, no que ellas têm de mais facil, os seus puros aspectos exteriores, a arte de versejar sem sentimento, de escrever com brilho e simples apparencias de fundamento, o abuso da mythologia, em que afogavam a curiosidade das investigações originaes, e com a qual se dispensava a criação original das imagens e o trabalho pessoal da imaginação, a rhetorica substituindo a inspiração e a eloquencia palavrosa a emoção. Talvez não fosse errado attribuir a essa educação jesuitica, formalistica, mais vistosa que solida, mais de apparato que de realidade, cujo unico fim parecia ser ornamentar a memoria, a feição geral, que estes signaes distinguem, do seculo da decadencia da literatura portugueza, já em começo, e o caracter incolor e dessaborido, como um thema de escola, da primeira poesia brazileira.

Provinha essa poesia immediatamente, não dos grandes modelos da metropole, de um Camões ou de um Sá de Miranda, não obstante a influencia enorme e patente do primeiro (influencia aliás de ordem exterior), mas dos seus imitadores de segunda mão e de segunda classe, dos quaes nenhum por aquelle tempo rivalizava com aquelles. O Sr. João Ribeiro viu muito bem porque o influxo do *quinhentismo*, que é o periodo

aureo da lingua e da literatura portugueza, e simultaneo com o descobrimento e colonização do Brazil, não foi aqui maior, nem melhor. O analphabetismo geral da nação portugueza, que seria ainda maior na sua colonia da America, tornava-lhe impossivel a leitura dos seus classicos, cujas obras tambem só muito tempo depois de terem sido escriptas, e até depois da morte dos seus autores, foram publicadas. De sorte que a sua influencia foi duplamente limitada, pela falta de contacto immediato com o povo e pela sua extemporaneidade. « Esta circumstancia diminuiu o influxo geral que na linguagem commum deviam exercer os primeiros classicos, e por isso os prosadores até á metade do seculo de quinhentos pouco se differençam dos que os precederam na éra archaica. Os colonos do Brazil trouxeram no seculo XVI as mesmas qualidades e a mesma linguagem idiomatica dos precursores da época classica: muitos dos chamados *brazileirismos* de expressão, e até de prosodia, acham-se em perfeita concordancia com certas peculiaridades dos seculos XIV e XV; e talvez não haja ousadia em dizer que o exclusivo genero lyrico, que predomina ainda na literatura brazileira, é o desenvolvimento natural da antiga poesia dos cancioneiros, transplantado sob o novo céo americano ». (*Selecta Classica*, Rio, Alves,

1905, 3). Que o lyrismo brazileiro (parece-me exagerado dizer o exclusivo genero lyrico, pois este genero é o unico hoje vigente em todas as literaturas) deriva directa ou indirectamente, mas em todo caso proximamente, da cantiga ou canção portugueza, da poesia popular da metropole, influindo as fórmas literarias, é facto já assentado pelo Sr. Theophilo Braga (Prefacio do *Parnaso portuguez moderno* e *passim*), pelo seu discipulo brazileiro o Sr. J. A. de Freitas (*Lyrismo Brazileiro*), pelo Sr. Sylvio Roméro (*Historia da Literatura Brazileira*) e, se me é licito citar-me em tão grande companhia, por mim mesmo (*Estudos Brazileiros*, 1ª e 2ª séries).

Esse lyrismo, porém, não é o do primeiro seculo da nossa literatura, que esse nada tem da espontanea inspiração popular dos cancioneiros, mas é de imitação classica ou pseudo-classica, sem absolutamente nada de nativo ou original. Provem de uma copia consciente, que pouco se differença do plagio, do innato gongorismo iberico, que no seculo XVII devia produzir em Portugal, com o vigor de uma planta indigena, tão adequado e propicio lhe era o sólo, a *arte da agudeza*, o conceitismo fingindo com trocadilhos, em prosa ou em verso, idéas e pensamentos que não tinha. Sob o aspecto da imaginação criadora, do talento como o dom de descobrir aspectos novos nas cousas, de inven-

ção de idéas, de faculdade de generalização e de synthese, que é por ventura a marca do escriptor digno deste nome e de uma grande literatura, o periodo seiscentista da literatura portugueza é, sem embargo do padre Antonio Vieira, grande escriptor cheio de falhas e defeitos, o mais safaro da nossa lingua, depois que ella se policiou. E foi justamente esse periodo, desde quando elle ainda balbuciava com os imitadores sem talento de Camões, ao acabar o seculo XVI, que principalmente influiu na formação da nossa literatura.

Não admira, pois, que, quer pelo fundo, quer pela fórma, seja ella, no seu periodo inicial, o que é : destituida de outro valor que não o chronologico, incaracteristica, incolor, insipida, de pura imitação. Dos poetas lyricos portuguezes daquelle fim de seculo e do seguinte nenhum de facto vive, a não ser nas anthologias escolares, e de um dos melhores delles, D. Francisco Manoel de Mello, poude escrever com razão Camillo, aliás seu admirador, que « elle mesmo... era tão emphatico nas prosas como abstruso nas poesias ». (*Curso de lit. port.*, Lisboa, 1876, 54). Não é, pois, de assombrar, que, quer na essencia, quer no accidental, seja a poesia brazileira do seu primeiro seculo falha de qualquer virtude que a levante aos nossos olhos e a torne benemerita do nosso apreço.

Manoel Botelho de Oliveira é um bom exemplar desta poesia, e sí Gregorio de Mattos se separa um pouco de outros poetas do mesmo estofo e do mesmo periodo literario, e delles se distingue alguma cousa, deve-o á sua veia satyrica sómente, pois como poeta não satyrico confunde-se e some-se no meio dos outros.

Como se vê do discurso da « Dedicatoria » da sua obra, afóra os latinos e hespanhóes, eram os italianos os poetas que lia Botelho de Oliveira, que no mesmo passo do seu livro informa havia então na Bahia « muitos engenhos que imitando os poetas de Italia e Espanha » se applicavam á poesia. Dos italianos menciona o « grande Tasso e o delicioso Marini », daquelles « o culto Gongora », de quem diz « que mereceu extravagante (*scilicet* extraordinaria), admiração » e o « vastissimo Lope » e depois os portuguezes « o insigne Camões, o Lusitano Apollo », Jorge de Montemayor e Gabriel Pereira de Castro. Nestas menções, que não abonam o criterio literario do nosso poeta, apparece clara a incongruencia do gosto do tempo em que Tasso e Marini, Gongora e Lope da Vega e Camões e Jorge de Montemayor são emparelhados e confundidos.

No tempo em que esteve no Reino a estudar direito, ou, depois, por outro motivo, nos dous ultimos quarteis do seculo XVII, a escola gongorica da Phenix renascida, a mais extravagante

e ridicula corrente literaria que jamais se viu, dominava absolutamente a poesia portugueza, e ainda a prosa. A citação do nome de Jorge de Montemayor, um dos mais celebrados coripheus dessa escola, a par do de Camões, por Botelho de Oliveira, está mostrando a sua importancia e influencia, da qual todo o genio de Antonio Vieira o não poude emancipar.

Mas não é sinão justiça reconhecer que o nosso poeta, comquanto mediocre, é um dos mais supportaveis dos desse estylo, ao menos no Brazil. Seus versos portuguezes são menos eivados que os dos seus contemporaneos, dos defeitos que tornam verdadeiramente penosa a leitura dos poemas da época. E elle é mesmo, em alguns passos, como no mais celebre dos seus poemas, *A Ilha da Maré*, um excellente versejador, não raro harmonioso e relativamento discreto. Não tem imaginação, como não a tinha nenhum dos poetas brazileiros primitivos. Aliás, como observa o Sr. João Ribeiro no passo citado da sua *Selecta Classica*, as qualidades de imaginação ou faculdades inventivas não existiram nos melhores escriptores e poetas portuguezes, si exceptuarmos Camões, Gil Vicente e talvez D. Francisco Manoel de Mello, ainda nos periodos mais notaveis da sua literatura. Si esta verificação é exacta, como me parece, só esse facto bastaria para diminuir de

muito o valor esthetico dessa literatura, já de si secundario, sinão mediano.

E esse facto de observação de um caso particular, corrobora-o o estudo critico das manifestações da arte em geral. Ao contrario do que vulgarmente se pensa, entre nós ao menos, onde esse erro tem servido de thema a dissertações rhetoricas, a primazia da imaginação poetica, fóra das civilizações antigas, todas do Sul, não pertence aos povos meridionaes ou mestiços, sinão ás raças, relativamente mais puras, do Norte. E a historia da literatura brazileira estou eu em que fornece novo testemunho disso. Imaginação, imaginação criadora, inventiva, principalmente, não tem Botelho de Oliveira nenhuma. Não tem igualmente nenhuma originalidade. Os assumptos dos seus versos, sempre bons aliás, são os mesmos dos poetas seus contemporaneos, ou antecessores, sem nenhuma novidade de inspiração.

Elle sonetea copiosamente, consoante á moda do tempo, mas sem distincção alguma. Dos seus sonetos pareceu-me o melhor, o menos vulgar (a maioria delles é dos endereçados a personagens diversas, por motivos differentes, nenhum bastante commovente para inspirar um poeta) é o que traz o titulo *A vida solitaria,* o 18º da collecção, á pag. 47 :

Que doce vida, que gentil ventura,
Que bem suave, que descanço eterno,
Que paz amada, livre do governo,
Se logra alegre, livre se assegura!

Mal não molesta, foge a desventura,
Na primavera alegre, ou duro Inverno,
Muito perto do Ceo, longe do Inferno,
O tempo passa, o passatempo atura.

A riqueza não quer, de honra não trata,
Quieta a vida, firme o pensamento,
Sem temer da virtude a furia ingrata.

Porém attento ao rio, ao bosque attento,
Tem por si riqueza igual do rio a prata,
Por aura honrosa tem do bosque o vento.

Analysando-se este soneto, descobre-se a artificialidade da emoção naquella allusão á primavera e ao inverno, cousas desconhecidas na Bahia, e o gongorismo no conceito final do ultimo verso.

Entre os seus sonetos, cita-se (transcreve-o Varnhagen no seu *Florilegio*, I, 147) o feito *A morte do padre Vieira*, e é o seguinte :

Fostes, Vieira, engenho tão subido,
Tão singular, e tão avantajado,
Que nunca sereis mais de outro imitado
Bem que sejais de todos applaudido.

Nas sacras Escripturas embebido,
Qual Agostinho, fostes celebrado;

Elle de Africa assombro venerado,
Vós de Europa portento esclarecido.

Morrestes; porém não; que ao mundo atroa
Vossa penna, que applausos multiplica
Com que de eterna vida vos corôa;

E quando mortalmente se publica,
Em cada rasgo seu a fama vôa,
Em cada escripto seu uma alma fica.

E' excellente o remate do soneto « Em cada escripto seu uma alma fica », mas o tom geral do poema é vulgar.

Tambem poetou em *Canções* o nosso patricio, mas nada ha nas suas que de longe se possa comparar com as de Camões, que aliás ficaram sem par na lingua. A melhor dellas é talvez a VI, *Saudades de um esposo amante pela perda de sua amada esposa*. Como elle, parece, era esse esposo desolado, e, portanto, a sua commoção verdadeira, desta vez a sua inspiração achou algumas notas sentidas e por isso mais bellas que o commum das suas :

Agora que altamente
Me astima o rigor, me assalta a pena,
Agora que eloquente
Fala o silencio quando a voz condena,
Agora pois uando meu Bem me deixa,
Corra o pranto, obre a magua, suba a queixa
. . . . . .
. . . . . .

Qual flor em flor cortada
Tu murchaste, meu Bem (oh! morte feia!)
. . . . . .
. . . . . .
O' sól já retirado (menos formoso, menos claro o vejo
. . . . . .
Pois eras seu cuidado;
Eras do lindo sol seu vão desejo,
Sendo sim seus ardentes resplandores
Não ardores de luz, de amor ardores.
. . . . . .
Se vives retratada
Neste meu coração, que te ama ausente,
Fica a dôr mitigada,
Neste enganoso Bem, por apparente;
Mas ay que fica quando a dôr me aperta,
Falsa a consolação, a magua certa!

Os sonetos, dos quaes já disse, como os madrigaes, são versos de amor, feitos a uma Anarda. Tambem os romances têm o mesmo motivo, além de outros como *Pintura dos olhos de uma dama* ou *Pintura de uma dama namorada de um letrado*. O leitor está vendo que emoção poetica haveria em taes themas.

A mais famosa poesia de Botelho de Oliveira, aquella pela qual, por andar reproduzida em mais de uma anthologia (Varnhagen, Wolff, Mello Moraes Filho) elle é relativamente conhecido, é a *Ilha da Maré*. E' com effeito o melhor de seus poemas. Tem objectividade, belleza de fórma, sinceridade de emoção na descrip-

desse pittoresco sitio da Bahia, que bem poderia ter sido o torrão natal do poeta. E' o que o explicaria cantal-o elle com tão manifesta complacencia e estimação. Mais de um rasgo desse poema tem graça e belleza, e ha na descripção minuciosa das bellezas, formosuras e riquezas da ilha amorosamente celebrada um sentimento que desculpa, disfarça e embellece a aridez da enumeração. Demais, esse poema é um symptoma, o primeiro, do brazileirismo, isto é, do amor, do apreço da terra e da vaidade das suas riquezas e dos seus bens, que devia ser uma das feições, talvez a principal, do nosso patriotismo, na literatura brazileira. A *Ilha da Maré* de Botelho de Oliveira precede de perto de um seculo o Caramurú de Durão, cujo canto VII, da enumeração das producções e riquezas do Brazil, bem podia se ter inspirado daquelle poema.

Como Bento Teixeira, como o Anonymo Itaparicano, como todos os primitivos poetas brazileiros, Botelho de Oliveira imita Camões. Plagia-o quasi no *Panegyrico ao senhor Marquez de Marialva* :

Deponde um pouco a lança venturosa,
Inclinai vossa fronte ao rude canto,
Vós, ramo illustre de uma excelsa planta,
Entre os troncos mais altos se levanta

são outras tantas reminiscencias de versos quasi iguaes dos *Lusiadas*.

E' que os versos do grande poema cantavam constantemente na memoria daquelles poetas, sómente nella não havia elementos capazes de outra cousa sinão a reproducção inconsciente ou a imitação intencional.

Nesse poema ao marquez de Marialva se nos deparam estes versos, que trazem bem a marca da epoca :

> Marialva por illustre sympathia
> E' de virtudes mar e alva do dia.

Até parece uma charada, mas então seria havido como cousa muito galante.

Tal é o nosso primeiro poeta lyrico, um bom e correcto, e vernaculo versejador vulgar, como a nossa lingua teve dezenas de outros na mesma epoca, e que um dia sinceramente tocado das bellezas e bens da sua terra natal cantou-a linda e quasi ingenuamente, o que era no tempo rarissimo, e por isso deixou um poema *A Ilha da Maré*, que unicamente o salva de um esquecimento completo, e merecido.

III

AS ODES E ELEGIAS

DO SR. MAGALHÃES DE AZEREDO

Pela altura da sua inspiração, novidade da sua metrica, pureza da sua fórma e belleza da sua composição, são certamente a principal producção da musa brazileira o anno passado.

Um dos seus mais formosos trechos, é, sem duvida, *Pela Campanha*. Vão os dous, o poeta e a mulher amada, no coche rapido, campanha romana em fóra, « juntos, esquivos ao vulgo, ao mesmo sol ciosamente esquivos, ditosos prisioneiros do seu proprio ardente desejo despotico », num raro e alto momento de amor. Naquelle extasis sublime da communhão profunda de duas almas que se fundem em uma só, apenas lhes apparecem como lembranças ou vistas fugidias a paizagem formosissima e suggestiva

e os monumentos impressionadores das passadas éras, com as recordações que despertam, até nas almas dos amantes, ou nestas principalmente. E' um momento de enlevo indizivel, aliás descripto pelo poeta com um gosto peregrino e uma rara delicadeza e sobriedade de traços. Mas a que enlevos respeita a desventura que em nós mesmos está? Uma idéa triste acóde á bem amada, e de sua « adorada bôca esvaiu-se o mais terno sorriso, fazendo-se triste, triste de uma ineffavel tristeza » e « os claros olhos de pranto se turvaram ». No meio daquelle arroubo d'ave, chegou-lhe uma voz fatidica : « Vossa ventura é breve ».

Em vão com os laços todos do ser o momento presente
fixando (e nelle havia delicias infinitas

bastantes para a séde assaz saciar de uma vida!)
em vão, rogando ao tempo que suspendesse, ao menos

que demorasse o curso das horas, em vão trepidantes
buscavamos defesa contra a agonia estranha...

Ah! tudo em torno, tudo falava de coisas eternas :
os velhos monumentos, a erma Campanha, tudo...

Corria o coche rapido, quasi voava. Não era
um symbolo do nosso destino? Assim passando

iamos, pereciveis, diante das cousas eternas;
e a voz nos repetia : « Vossa ventura é breve ».

Então (tal é a humana vindicta!) um delirio tomou-nos,
um frenesi raivoso de amor, um prepotento

desejo de abraçar-nos, de unir nossos labios em beijos
innumeros, num unico e interminavel beijo,

de destruir-nos quasi, no excesso da dor e do affecto,
de arder, de incinerar-nos numa candente pira,

rindo, e com sarcasmo soberbo humilhando o destino:
« Um seculo — clamar-lhe — vivemos num momento! »

Ha neste poema uma singular belleza de sentimento e de expressão, e, sem nenhuma das extravagancias e falsas exterioridades dos nossos pseudo-symbolistas, um real e profundo symbolismo.

Roma, com a sua incomparavel e exclusiva belleza e com as suas não menos incomparaveis e unicas memorias, produziu no Sr. Magalhães de Azeredo, joven bacharel sul-americano posto em contacto intimo com ella, não só a impressão de deslumbramento que a todas as intelligencias causa, mas uma affeição de namorado. Todos os poemas de *Odes e Elegias*, explicita ou implicitamente, nos poemas especialmente consagrados á cidade ou ás suas glorias, ou nos versos ou phrases dos poemas de outro intuito, tudo emfim neste livro é um hymno de amor a Roma. Era quasi impossivel que amando-a assim, elle a não comprehendesse. Mas, como o seu amor, a sua comprehensão não foi talvez completa e inteira. Elle amou, não direi principalmente, mas sómente, a Roma do pas-

sado, a Roma pagan e, contradição apenas apparente, mas que se entende, a Roma christan. A'quella foi buscar o que é talvez o melhor da sua inspiração, e até os seus metros poeticos. Poeta catholico, que acha meio de cantar um velho papa decrepito, o que não constitue precisamente o melhor, ou siquer o bom da sua obra, da qual é antes um *tour-de-force* ou um desafio ao bom gosto, não foi o seu catholicismo tão forte que se não pudesse fazer no seu engenho a conciliação da inspiração christan com a inspiração pagan. Aliás esse cambio não é novo, nem raro; a época mais gloriosa da arte e da literatura italiana não é sinão a realização delle, e tão forte foi a marca deixada pelo paganismo em Roma que a capital do christianismo, a cidade dos papas, após dous mil annos de o ser, ainda é, por muito, pagan. E não será talvez uma heresia ou uma blasphemia pensar que o que porventura mais contribuiu para conservar-lhe o caracter pagão foi justamente o ser a séde do catholicismo. A Renascença, que o foi principalmente do Paganismo, imprimiu de tal modo o seu estygma no papado dos Medicis e de outros papas artistas e literatos, diletantes apaixonados das letras gregas e latinas, colleccionadores emeritos e zelosos dos restos das artes plasticas romanas e hellenicas, que esta paixão da antiguidade acabou por

criar na Cidade do Vigario de Christo uma atmosphera em que Venus, Apollo, Baccho e o proprio Jupiter se sentiram sempre bem.

E' ainda prova disso este formoso livro das *Odes e Elegias* do Sr. Magalhães de Azeredo. Não sei si não é a Roma pagan que principalmente impressiona e seduz este poeta catholico e o commove. No seu bonito canto *Roma*, é com certeza a essa que elle de preferencia se refere; são manifestamente as memorias do mais velho passado romano que lhe lembram, e o fazem divinizal-a :

genuflexo o deponho,
Propicio nume, aceita o meu dom,
a um canto do altar glorioso.

E bastaria contar os assumptos ou themas dos seus poemas para certificar-nos da ultima fonte da sua inspiração, essa inexgotavel fonte pagan, contra a qual luctou em vão o christianismo e que ainda é, dous mil annos depois de morto o paganismo, o unico manancial verdadeiramente fecundo da inspiração poetica e da belleza esthetica; o unico donde haurimos o nosso amor da vida, o nosso sentimento da natureza, a nossa sensação da belleza, o nosso gosto da liberdade, até a nossa profunda aspiração do bem.

Leia-se em *Odes e Elegias* esse mimoso poe-

meto *A's Abelhas*, digno de Anacreonte, ou o *Sarcóphago Antigo*, ou a *Estatua mutilada* e, principalmente, a bella, realmente bella ode, *A' Venus Capitolina*, de um sentimento tão justo e de uma arte tão rara. Que importa a restricção menos sentida que em dous versos põe o poeta á sua adoração, essa, sim, sincera, á « grande Mãi do desejo e da attracção fecunda », si todo esse poema, de um alevantado symbolismo, é da mais pura inspiração pagan?

O' Venus, ó Perfeita, ó Deusa eterna,
Venus deliciosa e formidavel!
Sim, a ti é que eu canto,
a ti se ergue o meu verso!

. . . . . .

A ti, Deusa do Amor, como elle eterna,
minha voz sobe.

A belleza deste canto está na idéa da sobrevivencia de Venus, como deusa do sentimento eterno, a todos os outros deuses mortos pelo desapparecimento ou transformação dos sentimentos que representavam ou a que presidiam.

Os outros deuses foram-se : o paterno
Jove, que do alto Capitolio, ás gentes
leis e raios mandava;
Juno, a de olhos bovinos,
grave e ciumenta Esposa;
Athene, do elmo archaico nobremente
coroada, e do pallio revestida,
na égide a tragica e feróz cabeça

de Medusa ostentando;
Hermes, o astuto, de eloquencia armado,
Neptuno, o austero socio de Anfitrite,
Vulcano o côxo, e o seu rival ditoso,
Marte, senhor das torres e muralhas...
toda essa augusta multidão risonha
ou severa, benigna
ou funesta partiu.

. . . . . .

Mas se dobrar os joelhos, se offertar-te
o incenso ritual eu já não posso,
que a um unico Senhor minha alma agora
tal homenagem rende,
porque não te amarei como sublime
modelo, como emblema
raro de perfeição, como adoravel
symbolo ideal do Feminino Eterno?

Estamos longe da Virgem Maria; o emblema raro da Perfeição, o symbolo ideal do Eterno Feminino, é Venus : e nem ao menos a concepção de Venus como não sendo

a Mãi funesta
dos grosseiros, venaes, torpes amplexos
das obscenas orgias

mas a

formosa e serena
Deusa, do firme pedestal marmoreo

que tambem « funde em perpetua alliança os corações e inspira o meigo, o casto affecto, o austero culto do sacrificio e a mutua fé pe-

renne », é puramente christan. Já os mesmos pagãos que a inventaram, a tinham concebido como Urania e Pandemica, e ella foi em Roma a Concordia, a Conciliadora, Libertina, a deusa da morte e a Geradora, a fundadora das familias.

E si o nosso gosto romantico póde achar nos poemas do Sr. Magalhães de Azeredo o defeito da frieza, de uma serenidade que sempre nos parece mal nos poetas, uma falta de paixão vehemente, de enthusiasmo e de eloquencia que esfria em nós o apreço por não nos provocar a admiração, que em nós só vai ao que nos affronta ou commove, provem isso desta sua inspiração classica e pagan. Mas eu não diria todo o meu pensamento, si só a ella attribuisse esses senões, si o são. Creio que não lhe é extranha — e peço desculpa si commetto uma indiscreção dizendo-o — com o temperamento pouco exuberante do poeta, a sua mesma situação social de diplomata, de christão, de habituado de uma Côrte, e da Côrte Pontificia. E', pelo menos, a isso que devemos as suas Elegias a Leão XIII, porção inteiramente secundaria, mas representativa, da sua obra. Toda a belleza real, e até a novidade e ainda a originalidade dos themas das *Odes e Elegias*, não lhe tiram aquellas falhas, tão sensiveis ao nosso gosto — não discuto si bom, si mau — do vistoso, do brilhante, do ar-

dente. Em poesia ficamos no subjectivismo lyrico, dolente, cantante, inflammado e rhetorico tambem. Adoptando os chamados metros barbaros ou os pentametros e hexametros latinos, sem rima, da composição dos seus versos, mais lhes avultou o poeta o caracter que acaso os torna menos bemvindos á maioria dos leitores. Da sua innovação metrica, pouco direi agora, pois não podia fazer sinão repetir-me (1).

O velho Castilho Antonio, que si como poeta é secundario, pois não passou de um rapsoda, é como versejador o mais prodigioso da lingua portugueza, e tinha nesta materia uma incontestavel competencia, não admittia pudessem vingar tentativas como a renovada pelo Sr. Magalhães de Azeredo, de introduzir na poesia da nossa lingua os versos de medição latina. Assim escreve elle no seu *Tractado de Metrificação*: « A tentativa não já moderna, mas em que tanto insistiu o nosso, aliás bom engenho, Vicente Pedro Nolasco, de fazer versos portuguezes hexametros e pentametros, é uma quimera sem o minimo vislumbre de possibilidade. Carecendo de quantidades, condição indispensavel para os onze pés do disticho, o portuguez nada mais póde que arremedal-o, como um João de las Vinhas, mechido por arames imi-

(1) Veja in *Estudos de Liter. Bras.*, IV série, *Uma innovação na metrica portugueza.*

taria os passos, gestos e acções de um actor vivo e excellente... » (Lisboa, Typ. Nacional, 1889. Creio aliás que o meu exemplar é uma contrafacção brazileira).

Repito, pois, que a innovação do Sr. Magalhães de Azeredo ainda me não conquistou de todo e continuo a preferir a poesia nos nossos velhos metros habituaes, sem se me dar do successo que possam ter obtido na Italia os poetas, alguns realmente grandes, como Carducci, que ali introduziram modernamente os versos latinos. E esses versos no Sr. Azeredo augmentam o que ha no seu éstro de frio, de comedido, de reportado, e como que tambem o que ha na sua inspiração de secco e timido. Outro defeito delles, antolha-se-me ao menos, é que, como o verso solto ou branco, estes metros favorecem a prolixidade e a diffusão, de que é exemplo nestes poemas o de *Villa Doria*.

Não que haja nos poemas de *Odes e Elegias* sómente seccura e frieza; já procurei mostrar a forte emoção que ha em *Pela Campanha*, e que se encontra tambem, apenas com menos vigor, no *Rouxinól do Palatino*, na *Venus Capitolina*, na *Infancia dos Faunos* e em outros. A sobriedade é uma das virtudes do Sr. Magalhães de Azeredo; sómente a sua sobriedade, a sua temperança artistica é talvez um pouco rigida de mais e, principalmente, está em desaccordo

com o lyrismo brazileiro, com o qual o seu éstro, neste livro, não tem nenhum ponto de contacto. Não me atrevo a dizer si este caracter da sua nova poesia lhe vem do seu proprio temperamento poetico, si da formula metrica que adoptou. Como quer que seja, receio que este poeta, por tantos aspectos tão excellentemente dotado, não venha a cair no arcadismo. Falta á sua poesia a emoção das cousas profundas e realmente sentidas e, notavelmente, das cousas modernas, vivas, daquellas que nos tocam e interessam directa e indirectamente, que nos agitam e alvorotam, e o conflicto omnimodo e terrivel da vida contemporanea, com as suas duvidas, as suas negações, os seus desesperos, é estranho a ella. Um puro sentimento de belleza, de linhas, de côres, de expressões, de desenho, de sons, de fórmas, não basta já para commover-nos. A arte é uma fórma, um meio de communicação entre as almas, é preciso que ella faça vibrar as nossas e vibre de accordo com ellas.

Estes reparos e restricções, porém, não tiram ás *Odes e Elegias* o seu merito proprio de serem por varios titulos, como assignalei ao começar, a principal producção da musa brazileira neste anno de 1904.

IV

QUESTÕES

DA LINGUA PORTUGUEZA

A.-LINGUA PORTUGUEZA NO BRASIL

Uma das feições da nossa vida literaria o anno passado foram as controversias aqui havidas respeito á nossa lingua.

Num anterior estudo consagrado a este assumpto, não pude, para me não alongar, tractar desse aspecto, e fazendo-o agora, sinto a necessidade de reconhecer que a minha epigraphe é tanto ou quanto pretenciosa. Mas pretenção, si pretenção ha, que não passa do titulo. Demasiado sei quanto a materia excede á minha escassa competencia. E, entretanto, que excellente assumpto para um philologo, si acaso temos ahi philologo capaz de o tratar com as capacidades que elle requer! E tal estudo pre-

cisa ser feito, pois é a base scientifica, não só necessaria, mas indispensavel, em que assentemos as nossas locubrações, até agora um pouco no ar e sempre eivadas do espirito rhetorico das antigas, e ainda de modernas, especulações linguisticas portuguezas.

Como ao principiar notei, aquellas controversias são uma das feições da nossa vida literaria. Com effeito, esse facto não é excepcional, ou siquer raro, nesse aspecto da nossa vida. Antes se repete, esporadica ou determinadamente, e com maior ou menor intensidade, em varios momentos da historia da nossa cultura. Geralmente tratamos com menoscabo a nossa lingua, que por via de regra ignoramos, graças, principalmente, ao pessimo systema por que nol-a ensinam os nossos mestres, dos quaes muitissimos tambem não a sabem. Mas isso não foi motivo para que não houvesse sempre no Brazil, nas provincias e na capital, um certo numero de estudiosos, mais ou menos obscuros, mais ou menos competentes, que de vez em quando saíam á praça, quero dizer, em revistas, em livros ou em folhetos, a emendar-nos dos nossos erros e a ensinar-nos como bem falar e escrever. Póde-se notar, sem sair da estricta verdade, que em geral taes mestres, apezar do amor que á lingua consagravam, das optimas intenções que tinham, e da convicção com que por ella

combatiam, escreviam, entretanto, mal, ao menos sem algum dos dotes que, com a correcçao grammatical e lexica, fazem o escriptor, e, mais, careciam de qualquer methodo racional em suas locubrações.

Outra cousa que se poderia tambem notar, é que a sua intervenção ficava, por via de regra, esteril e sem influencia, pois a acceitar-lhes o criterio da boa linguagem, verifica-se que se continuou a escrever mal, apezar das suas censuras e ensinamentos. Porque, de facto, salvo talvez no periodo propriamente portuguez da nossa literatura, que não fazia sinão reproduzir inferiormente, nas idéas, na composição, no estylo e na lingua, a portugueza, já tambem em começo de decadencia, nunca se escreveu no Brazil como em Portugal, nunca os mestres da lingua ali tiveram aqui discipulos que os rivalizassem ou siquer emulassem. Tivemos, é certo, escriptores de valor, valor relativo, entenda-se, mas, salvo naquelle periodo, como o poeta Botelho de Oliveira, par exemplo, nenhum benemerito do titulo de classico, nem mesmo João Lisbôa, porventura o mais terso e vigoroso prosador brazileiro. Notabilissimos escriptores nossos, como José de Alencar hontem, o Sr. Joaquim Nabuco hoje, de proposito ou por desleixo, sinão erronea concepção do evolver das linguas, gravemente peccam sob o aspecto da correcção.

Este facto, que aliás se passa em todos os povos sem lingua propria, mas herdada, incontestavelmente comprova a sediça verdade, demonstrada pela philologia, da evolução das linguas, da sua modificação e até transformação sob influencias diversas como sejam a mudança para outras regiões, o contacto com outras gentes e com outras linguas, e com habitos espirituaes e costumes e circumstancias diversas dos da sua séde originaria. Pura irracionalidade seria, portanto, pretender que o brazileiro, o norte americano ou o hispano-americano falassem e escrevessem a lingua classica do seu paiz de origem. E' exigir uma impossibilidade. Nem dentro do mesmo paiz seria isso possivel. Nenhum dos modernos em Portugal, nem ainda o obsoleto Latino Coelho ou o anachronico quinhentista Castilho, escreve como Fr. Luiz de Souza ou Vieira, e, em França, nem mesmo o Sr. Brunetière, como Bossuet. Nessa terra do bom gosto literario toda affectação de archaismo e de purismo é condemnada. Si á força de estudo, de um obstinado trabalho de imitação e de *démarquage* e de propositada macaqueaçao dos escriptores classicos portuguezes, um brazileiro conseguisse escrever como elles, ou dar-nos a illusão delles, esse escriptor seria um escriptor artificial, um producto monstruoso de má artimanha literaria.

Não é menos certa a corriqueira noção philologica de que, como todas as fórmas de evolução, a das linguas obedece a duas forças que a regulam e, si posso dizer assim, a legitimam, a conservadora e a progressiva, ou, como diria um pedante, a estatica e a dynamica. Si a evolução, o progresso das linguas, regularmente feito, sob a acção normal das causas reconhecidas como seus agentes naturaes, é um facto contra o qual não prevalecem grammaticos ou literatos, preconceitos puristas ou classicos, a sua modificação ou transformação rapida, atropelada, pelo influxo pessoal dos ignorantes, dos máos escriptores, dos neologistas que o são por lhe não conhecerem o lexico, não é irracionalidade menor que a apontada.

Prestam, pois, um bom serviço á nossa lingua os que, ainda exagerando as excellencias e a necessidade do classicismo, procuram estorvar a marcha, demasiado apressada, sinão tambem precipitada, do portuguez no Brazil. Sómente erram, e gravemente, aquelles que suppõem poder detel-a, e, muito irracionalmente, fazer-nos voltar a escrever segundo modelos classicos, que preconisam á nossa imitação. Aos escriptores verdadeiramente dignos deste nome cabe, por seu exemplo e influencia, estabelecer a justa ponderação entre as fórmas tradicionaes da lingua e as suas fórmas mais modernas e mais

legitimas : sem jamais esquecerem que, embora a syntaxe e o lexico de uma lingua evolvam tambem, ha nella uma virtude ou propriedade chamada indole, que tem ao menos a fixidez apparente das estrellas que pretendemos fixas. A sua indole é que é preciso respeitar, para lhe assegurar a compostura e a regularidade, indispensaveis a uma lingua que se presume de culta.

O anno passado esta velha e sempre debatida questão da lingua portugueza aqui veio de novo á discussão. Creio que desde um anno antes, o literato portuguez Sr. Candido de Figueiredo encetára no *Jornal do Commercio* uma série de artiguetes, ensinando-nos o que se não devia dizer. Muitas das suas lições eram manifestamente erradas, como qualquer pessoa não de todo inculta podia por si mesmo verificar, e como lhe mostrou um velho estudioso destas cousas, o Sr. Heraclito Graça, em artigos no *Correio da Manhã*. O que, porêm, talvez mais que tudo contribuisse para repetir, não ouso dizer renovar, a questão, foi o famoso Parecer dado pelo Sr. Ruy Barbosa sobre a redacção do Codigo Civil. Era um terrivel factum contra a ignorancia da lingua daquelles que, por sua situação e renome academico e official, pela sua posição de representantes da nação, eram considerados, e se presumiam, o escól intellectual da socideade brazileira. Passando o Sr. Ruy Bar-

bosa pela nossa maior competencia no assumpto, muito grande foi o effeito do seu Parecer. A verdade é que quaesquer que fossem os defeitos e até desacertos, depois demonstrados, da sua critica e de seus reparos, a impressão geral deixada pelo seu exame da redacção do Codigo não póde ser sinão que essa redacção é má, e, portanto, como eu disse então, que nós não sabemos a nossa lingua. A respostas que lhe deram e criticas que lhe fizeram, retrucou o Sr. Ruy Barbosa com a ainda mais famosa *Replica*, infolio de 214 paginas, em typo miudo, e material para um grande e grosso volume. E', talvez, hoje o mais copioso repertorio sobre as questões e até questiunculas que dividem os grammaticos da lingua. Sempre tive para mim que a lingua portugueza jamais attingiu á disciplina e relativa fixidez grammatical e lexica a que outras porventura chegaram. Não creio que entre as linguas cultas alguma haja onde sejam tantos os casos controversos, que entre os seus melhores escriptores sejam mais e maiores as contradicções. A replica do Sr. Ruy Barbosa serviu grandemente para corroborar este juizo. Não podendo muitas vezes contestar as razões e os testemunhos que em contrario a conceitos seus e do *Parecer* lhe oppunham, o illustre publicista mostrou-lhes com largo conhecimento dos factos e dos classicos, que tinha em seu favor

razões e testemunhos numerosos e eminentes. O que se póde concluir desta fórma de argumentação abundante no seu trabalho, é que nos classicos ha para tudo. E ao cabo esta verdade resaltou de toda a discussão do *Parecer* do Sr. Ruy Barbosa e da sua *Replica*. A começar pelo professor Carneiro, da Bahia, todos os seus criticos lhe mostraram com exemplos classicos a sem razão de muitos de seus conceitos. Assim o fizeram, não só aquelle professor e grammatico de profissão, mas, além da commissão parlamentar que opinou sobre o *Parecer*, o Sr. Clovis Bevilaqua, primeiro redactor do Codigo, o professor Pereira da Fonceca, de Pernambuco, e outros.

Lembra-me ter lido um excellente artigo do Sr. Gonçalo Muniz, da Bahia, sobre a palavra « successo », na accepção, condemnada pelo Sr. Ruy Barbosa, de bom successo, demonstrando cabalmente, com boas razões philologicas, e muitos exemplos classicos, a legitimidade de tal accepção, pela qual eu proprio já havia, aliás, pugnado. No mesmo anno, o Sr. João Ribeiro, que publicára no anterior os seus interessantes *Estudos philologicos*, escreveu alguns artigos geraes sobre a questão da lingua, preconisando a sua maior pureza e, com toda a razão, combatendo aquelles que, por esconder a real ignorancia do seu proprio falar e a pretexto de

modernismo, a alteram e deformam desavergonhadamente. O Sr. João Ribeiro levava sobre muitos dos discutidores deste assumpto a vantagem, não só dos seus conhecimentos especiaes, mas de ser um espirito moderno, um escriptor elegante e novo, um poeta bem contemporaneo, a quem os seus emulos em idade e profissão literaria não podiam apodar de carrança ou caturra. Após elle, e no mesmo jornal, entrou na discussão de casos controversos da lexicologia portugueza o Sr. Heraclito Graça, com artigos que se dirigiam especialmente á censura dos trabalhos do Sr. Candido de Figueiredo. O Sr. Graça, então só de poucos conhecido como fervoroso e bem aproveitado estudante da nossa lingua, é um antigo e intelligente e desinteressado estudioso della. Em muita cousa levou manifesta vantagem ao escriptor portuguez, cuja sciencia philologica já havia sido bastante abalada em dois opusculos de um verdadeiro philologo, o Sr. Leite de Vasconcellos.

Um joven estudioso destas cousas, o Sr. Mario Barreto, tambem publicou um livro, *Estudos da lingua portugueza*, versando, como a maior parte dos outros, sobre applicações de palavras e fórmas lexicas controvertidas.

Ainda ha com certeza outros trabalhos desse periodo, em jornaes e revistas provincianas que infelizmente desconheço, e alguns não se-

rão sem merito. De tudo que li, tirei duas conclusões, a já dita, da indisciplina e inconsistencia da lingua, cujos melhores escriptores, e muitas vezes o mesmo escriptor, têm numerosos exemplos desencontrados com que se podem justificar opiniões diversas; a segunda, que todos os estudos da lingua aqui, ainda os melhores, carecem de uma séria e solida base de extensos e profundos estudos philologicos, sendo ainda a maioria delles feitos por amadores, sem o necessario preparo scientifico, de um ponto de vista rhetorico e eivados de preconceitos classicos, como si os classicos fossem infalliveis.

Ninguem ignora que no Brazil justamente os estudos basilares da philologia, o estudo completo e profundo das linguas classicas, o latim e o grego, e ainda o do sãoskrito ou da philologia especial dessas linguas e de outras em relação proxima com a nossa, e da philologia geral, absolutamente não existe. E não me parecem conhecimentos cujo estudo systematico possa ser substituido pela autodidaxia. Como quer que seja, porém, esses estudos e discussões sobre a lingua portugueza no Brazil têm ou podem ter um resultado benefico, o de nos obrigar a sermos mais cuidadosos e respeitadores della, e fornecer, a futuros verdadeiros philologos, preciosos elementos de informação.

B.-A ORTHOGRAPHIA PORTUGUEZA

Emquanto a anarchia orthographica da lingua portugueza não fôr corrigida e substituida por um regular systema de escripta por todos praticado, a questão orthographica será para os que escrevem sempre momentosa e opportuna. E' uma trivialidade que cada dia se escreve mais do que se escrevia, e tambem que o habito de escrever se não restringe hoje a um numero limitado de pessoas, geralmente cultas, como ha seculos succedia, sinão, em cada nação civilizada, é da maioria da população. Esse mesmo escól que dantes escrevia, minoria pequenissima em meio da maioria inculta, nunca verdadeiramente tomou muito a peito a orthographia; ou escrevia como falava ou ouvia, ou, num proposito de erudição, reagia contra a corrente e as tendencias naturaes da lingua, e fantasiava uma graphia, a que se chamaria de etymologica, quando na maior parte não o era. Este facto deu-se em todas as linguas novi-latinas ao menos.

E foram estas duas contrarias tendencias que levaram os cultos a escreverem, como o padre Antonio Vieira por exemplo, *sey*, *direy*, *aver-se*, *he*, *mayor*, *hum*, etc. Mas quando o costume de escrever se faz geral, quando nas nações os illetrados tendem a ser minoria—e em algumas já

o são-e os letrados a maioria, e a nossa principal preocupação é a cultura das massas analphabetas, tal anarchia não póde decididamente continuar, e ha até um dever superior para as classes chamadas dirigentes ou governantes de facilitar o advento das classes somenos á cultura alphabetica geral, facultando-lhe as condições de o conseguirem. Uma dessas é um regimen racional, systematico, de escrever, e, portanto, de ler. Póde-se, pois, dizer que a questão orthographica na lingua portugueza passou do dominio da theoria, da grammatica, do lexico, da philologia, em summa, para o da pratica, para o das acções sociaes. Si todo o homem, qualquer que seja a sua condição na sociedade, ha de saber ler e secrever, deve-o saber bem, e poder aprendel-o com facilidade e possuir esta sciencia sem difficuldade.

E' esta, sem duvida, a principal inspiração dos que por toda a parte se têm posto á frente dos movimentos em pról dos systemas chamados de simplificação orthographica, e talvez seja essa inspiração que provoca ao seu generoso proposito os embaraços, as hostilidades, que lhes movem os velhos adversarios de todo o progresso que desattenda aos seus preconceitos, grammaticos, esthétas, literatos, em nome de razões ridiculas, futeis, e — ai dos grammaticos! até erradas.

Pois bem, esta questão, da simplificação orthographica do portuguez, volta novamente á discussão, e não, desta vez, amparada por um revolucionario sem philologia, por um literato foragido aos fanatismos da funcção, ou por um simples amador sem estudos, sinão por um dos mais sabedores e autorizados philologos dos cinco ou seis de que se honra Portugal, e cujos trabalhos, já numerosos e meritorios, não são daquelles que permittem duvida sobre o saber e as capacidades dos seus autores. Com os Srs. Adolpho Coelho, Leite de Vasconcellos, Vasconcellos Abreu, A. Cortesão, para não falar sinão dos que de leitura conheço, o Sr Gonçalves Vianna, o escriptor a quem me refiro, é, sem duvida, hoje um dos mais seguros sabedores da philologia portugueza.

Acaba elle de publicar um livro da mais alta importancia para a questão orthographica no portuguez; chama-se *Ortografia nacional*, e traz o sub-titulo, *simplificação e uniformização sistemática das ortografias portuguesas*. O Sr. Vianna começa logo, como vê o leitor, praticando o seu systema, e todo o seu livro é nelle escripto, sem que, entretanto, póde o leitor verificar por si mesmo, isso torne de modo algum a leitura menos facil ou incommoda.

Desde Maio de 1900 que o Sr. G. Vianna lêra á Academia Real das Sciencias de Lisboa um

questionario orthographico por elle formulado e que, por deliberação daquella Sociedade, foi impresso e distribuido entre os seus socios, afim de que respondessem ás questões ali apresentadas, nas quaes se compendiavam todas, ou quasi todas, as duvidas e divergencias, já sobre preceitos orthographicos, já sobre a sua applicação, e meios de uniformizar os varios systemas até agora propostos ou seguidos por escriptores portuguezes. Uma commissão da Academia foi tambem nomeada para recolher as respostas e, depois de as estudar, pronunciar-se sobre ellas, manifestando-se sobre a reforma a adoptar.

Aquelle questionario é a base fundamental do livro do Sr. Vianna.

Podia-se até aqui arguir os reformadores da nossa orfhographia de que os seus planos careciam de systema, ou não eram, ao menos, bastante consistentes. No do Sr. Vianna ha as duas cousas, um systema e esse consistente, tanto pelo menos quanto se póde exigir de uma reforma orthographica, que por sua propria natureza não póde attingir a um rigor geometrico. Segundo o Sr. G. Vianna, a nova orthographia portugueza—ou antes nacional, como elle prefere chamar-lhe, limitando-a ao dominio da lingua na nação portugueza — deve, em primeiro lugar, assentar na pronunciação geral, correcta do paiz, isto é, « deve ter por fundamento repre-

sentar todas, ou as principaes pronunciações legitimas, sem figurar exclusivamente nenhuma », e mais, « que a escripta deve expressar com rigor os accidentes communs a todo o dominio portuguez, desattendendo-se os especiaes que não tenham fundamento historico dentro da propria lingua. » Depois, « no estudo consciencioso da evolução do idioma patrio, para que tambem não haja descontinuidade manifesta na sua escrita, com respeito ás diversas épocas em que podemos classificar as alterações que foi soffrendo até o seu estado actual, e bem assim ao seu desenvolvimento presumivel futuro. » E' um rigoroso processo philologico, completo, alumiado por acurados estudos da phonetica e da morphologia dos vocabulos portuguezes, que o Sr. Gonçalves Vianna realiza no seu livro.

A evolução ultima da orthographia portugueza, cujo termo decisivo me parece ser a reforma offerecida pelo Sr. Gonçalves Vianna, evidentemente denuncia uma tendencia favoravel á simplificação e systematização da nossa anarchia orthographica. A ambas essas correntes cedem, mais ou menos, escriptores e philologos como os que citei, e ainda grammaticos como Epiphanio Dias e Ribeiro de Vasconcellos, lexicographos como Candido de Figueiredo e Cortesão, e eruditos e criticos, como D. Carolina Michaelis de Vasconcellos. Cada vez se sente

mais que Portugal acabará por seguir o exemplo da Italia e da Hespanha, e simplificará, como aquelles povos fizeram, a sua orthographia.

E o Brazil?

Comquanto se tivesse occupado principalmente, especialmente da orthographia do portuguez de Portugal, o S. Gonçalves Vianna não esqueceu totalmente o Brazil, e em mais de um passo do nosso falar allude, para o tomar em consideração e, até, para lhe fazer concessões, afim de não favorecer a separação linguistica.

Eu penso que é de todo o ponto importante manter essa união, tão estreita quanto fôr possivel, sem embargo das transformações e modificações que já soffreu e ainda virá a soffrer a lingua portugueza no Brazil. Por isso, desde a primeira vez que me occupei da questão orthographica (*Estudos de Literatura Brazileira*, 3ª série), empenhei-me para que essa questão fosse revolvida de mutuo accordo entre o Brazil e Portugal. Nenhuma vaidade patriotica me offusca o juizo, quando julgo na ordem natural das cousas que a lingua portugueza de 50 milhões de homens, de uma nação rica e poderosa, como será forçosamente o Brazil dentro de um ou dous seculos, pesarão mais politica e socialmente que os 8 ou 10 milhões a que poderá attingir a nação mãi, e que portanto serão esses os principaes representantes da lingua que

falam. Si a União iberica se vier, como creio, a realizar, a lingua portugueza de Portugal passará a ter apenas a importancia secundaria da catalan ou da gallega, e a do Brazil ser-lhe-á então a herdeira universal. Em qualquer destas hypotheses, predominará a lingua portugueza do Brazil, e não é sinão por amor della, que é a nossa lingua materna tambem, que a devemos desejar conservada na sua pureza, compativel com a sua propria evolução.

Não creio que, na sua generalidade, a reforma orthographica proposta pelo Sr. Gonçalves Vianna possa escandalizar-nos, a nós brazileiros, e ainda menos offender o nosso sentimento orthographico. Não haverá aqui quem não queira escrever *lira* sem *y*, por que se lhe vai a illusão visual da fórma do instrumento, ou quejanda tolice, que aliás é de Sully-Prud'-homme. Entre os meus amigos literarios, e, o que mais é, philologos, achei partidarios da reforma. Ha nella, porém, meia duzia de pontos que, estou certo, repugnariam aos brazileiros aceitar. Por exemplo, o Sr. G. Vianna, como muitos outros cultos portuguezes, escreve *quere*, a 3ª pessoa do indicativo presente do verbo *querer*. Ninguem no Brazil os imitaria, porque nós não dizemos *quere*, mas *quer*, claramente os que falam bem, e *qué* os que falam mal. E' o mesmo caso do *tenho* e *venho*, que os grammaticos

portuguezes mandam pronunciar *tanho* e *vanho*, o que lá é muito certo, mas que aqui já não o é. Isto não é um artigo de critica, sinão de noticia de um livro excellente, propondo uma cousa excellente. Os meus reparos, portanto, irão um pouco ao acaso da memoria.

Outra cousa difficilima de nos fazer escrever é *preguntar* por *perguntar*, como nós dizemos. E neste caso as razões do Sr. Vianna me não calaram no espirito. Em regra geral, os melhores escriptores portuguezes desde os quinhentistas escreveram *perguntar*, e ainda hoje é como a grande maioria delles diz e escreve. A etymologia? Eu sei que o Sr. Vianna dá ainda relativa e sensata importancia á etymologia, mas, dado o facto geral da escripta *perguntar*, ella aqui me parece descabida, tanto mais que outro philologo portuguez, o Sr. A. Cortesão, muito justamente prezado do Sr. Vianna, acha provavel que o verdadeiro étymo seja *percontare*. Mas, seja qual fôr a duvida, a etymologia não bastará para resolvermo-nos pela fórma *perguntar*, a pratica dos escriptores portuguezes do seculo dos 500 para cá, e o uso absolutamente geral de 15 milhões, no minimo, de brazileiros, e de muitos centenares de mil tambem de portuguezes? Outra difficuldade para nós é o *ç* em certas palavras, como *açucar* e, principalmente, *çapato*. Nem nos parece a nós da nossa

lingua, e eu duvido, não é a primeira vez que o digo, que o adoptassemos. Nem comprehendo siquer a razão da insistencia por esta graphia dos Srs. Vianna, Candido de Figueiredo, Cortesão o outros linguistas portuguezes. Que vantagem ha em introduzir esta notação nova, como o *ç* de *çapato*? Haverá uma differença, que absolutamente não logro perceber, na pronuncia de *sapato* e *çapato*, *assucar* e *açucar*? Tambem não sei si nós, ainda com a melhor vontade de seguir a nova orthographia, poderiamos escrever *menistro*, *devedir*, *repremir* ou *vereficar*, como quizera o Sr. Vianna. A nossa pronuncia neste caso oppõe-se inteiramente. Quer tambem elle que digamos e escrevamos *dezasseis*, *dezassete*, com a particula de união *a* e dobrando o *s*. Ainda conheci no Brazil, em minha meninice, velhos que, á portugueza, pronunciavam *desaseis*, *dezanove*, etc., mas hoje creio, salvo nos sertões, difficil ha de ser encontrar quem assim diga, e menos escreva. O uso geral, de doutos e indoutos, é *dezeseis*, *dezenove*, *dezesete*.

Seria possivel que mudassemos? Mas dos *Subsidios para um diccionario* do Sr. A. Cortesão, vejo que tambem em Portugal (o que eu aliás por experiencia sabia) se diz igualmente assim, *dezenove*, por exemplo. E o étymo que lhe dá este lexicographo é *decem e novem*, apoiado em Darmesterter e Meyer Lübke, com

exemplos latinos que o justificam, para todos estes cardinaes, e tambem numerosos exemplos portuguezes, desde o seculo XIII.

Mais um ou outro exemplo que eu achasse para adduzir de factos que difficilmente terão a nossa adhesão á reforma do Sr. Gonçalves Vianna, nada diminuirão no merecimento e valor do seu trabalho; como não nos tornarão mais difficil essa adhesão, creio. E' natural, e de desejar, que escriptores mais autorizados do que eu, alguns dos nossos philologos, discutam as opiniões do Sr. Gonçalves Vianna, nas suas applicações ao Brazil, e assim lhe forneçam ensejo de apreciar mais completamente a questão por este lado, de todo o interesse, não só para nós, mas para a lingua portugueza. Cumpre então não esquecer a parte da accentuação graphica em que haverá forçosamente divergencias.

O livro do Sr. Gonçalves Vianna, sobre me ter ensinado muita cousa, fortificou-me na já antiga convicção de que: « E' mester — assim escreve elle — formular-se ortographia portugueza com os elementos tradicionais da sua escrita, e não com farrapos da escrita alheia; considerando-se legitima só aquelas feições que se revelaram e principiaram a desenvolver-se, quando a lingua começou a escrever-se para ser lida por todos, e não unicamente por sabios ou literatos. »

C.-HERESIAS LINGUISTICAS E LITERARIAS

I

Acima notei a nossa preoccupação actual da lingua que falamos.

São novo testemunho della dous livros, recentemente publicados : os *Factos da linguagem* do Sr. Heraclito Graça e a *Selecta Classica* do Sr. João Ribeiro. Tive tambem ensejo de dizer o bem que penso de semelhante preoccupação, sem deixar de insinuar os defeitos que lhe vejo. O primeiro, por assim dizer estranho a ella ou que antes apparece ao lado e não como parte della, é o proprio estado de espirito que ella revê. Não desconheço, antes verifico, e proclamo, a importancia da lingua de um povo, que é o mesmo orgão do seu pensamento e do seu sentimento, seu meio de expressão oral ou escripta. Num povo que se pretende culto e civilizado, como nós, esse meio, esse orgão, servindo ao conjuncto de suas manifestações intellectuaes que se chama literatura, cresce ainda de importancia e não se admitte que possa estar á mercê do falar vulgar dos ignaros e illetrados, ou ainda ao bel prazer dos sabidos e literatos. Si um povo não comprehende e não acceita espontaneamente esta verdade, si prática ou

theoricamente põe em duvida a importancia da vernaculidade da sua propria lingua, é que lhe faltaal guma cousa do sentimento innato e inconsciente da sua nacionalidade, o qual é uma das suas razões de ser e da sua força. Não é extraordinario que povos novos, de deficiente e escasso sentimento nacional, não tenham pela sua lingua, mais emprestada que propria, aquelle amor e acatamento que só dá a consciencia de ser ella propria uma obra sua. Uma lingua — é quasi uma banalidade repetil-o — é o que ha de mais intimo e profundo na organização de um povo; é a melhor expressão, a mais cabal definição que elle póde dar, e dá effectivamente de si. E' o mais completo documento, mas tambem o de mais difficil interpretação, da psychologia de um povo. Quando ella não nasceu com o povo que a fala, que apenas a herdou já feita ou em pleno crescimento, não será sinão um documento de segunda ordem; mas si com elle nasceu e desenvolveu-se, nenhum mais revelador da alma desse povo. Quer num caso quer noutro, elle sente, mais talvez que comprehende, a ligação que ha entre o seu modo de sentir e o seu modo de exprimir-se, a correlação entre a sua indole e a sua fala. Si elle não sente que esta ultima não está em correlação immediata e profunda com a sua indole, com elle mesmo, digamos assim, si o facto de não a ter elle pro-

prio feito, lhe faz descobrir nella difficuldade e inaptidão para a sua expressão, o seu natural amor por ella inconscientemente se relaxa. E' daquelle sentimento, mais ou menos sentido, si posso dizer assim, que talvez deriva o espirito conservador dos povos a respeito das suas linguagens, espirito que é sempre mais forte nos povos de lingua propria que nos de lingua emprestada. Si naquelles dá-se uma forte lucta sempre que influencias exteriores actúam sobre o seu falar para modifical-o, nestes essa lucta é de regra muito menor, pois muito menor é a sua resistencia a taes influencias. Como que elles percebem que não têm a defender um patrimonio que lhes seja proprio, uma criação ou acquisição sua.

A lei da evolução das linguas, si formulada modernamente, é uma dessas noções antiquissimas e corriqueiras, que ninguem desconhece, ao menos em theoria. Desde, porém, que entramos no dominio da experiençia, são tantas as restricções que lhe oppõem, tantos os tropeços que lhe contrapõem, tantas as reservas que lhe fazem, que o mesmo é desconhecel-a ou negal-a. Igual cousa acontece com outra noção não menos antiga, e tambem renovada pela moderna sciencia da linguagem, de que as linguas são obra do povo e não dos eruditos, nem dos letrados nem dos grammaticos. Todos a uma theo-

ricamente o reconhecem e affirmam, mas de facto não ha entre estes ultimos nem um que a pratique e lhe aceite de boa sombra as consequencias. Todos lhe põem peias e estorvos. Eu tive o atrevimento de chamar um dia ao Sr. Ruy Barbosa de purista e archaico, ou melhor archaista. Na minha ingenuidade parecia-me que não eram descabidos estes qualificativos a um escriptor que obrigava os seus leitores a recorrerem a cada passo aos diccionarios em procura de termos obsoletos, por elle copiosamente empregados, para o poderem entender, escriptor que, propositadamente, usava e abusava de construcções syntacticas que evidentemente não são mais da lingua corrente, da lingua modernamente falada pelos cultos, inclusive por elle proprio, e que só se encontram em escriptores de, pelo menos, tres seculos. Irritou-se com a minha modesta critica o altissimo escriptor — não obstante a fórma extremamente attenciosa e deferente que revestia. E contestou-lhe por completo a justeza, numa publicação em que usou de termos cuja legitimidade teve de justificar em notas, com citações de classicos de seculos passados e em que escreveu uma lingua que absolutamente não é mais do nosso tempo e principalmente do nosso povo.

Bem haja o Sr. Heraclito Graça que, sem ser por fórma alguma um revolucionario, e não

obstante ter ainda em gráu elevado o preconceito classico ou dos classicos, trouxe á nossa literatura do assumpto um livro que põe a questão da vernaculidade no seu verdadeiro terreno e unico solido : os factos da linguagem. Infelizmente, o Sr. Graça não definiu com precisão e clareza o que entende por « factos da linguagem », e eu acho que valia a pena fazel-o, tanto mais quando não me parece haja inteira coherencia entre o principio por elle posto no discurso do seu livro e algumas das suas lições, sinão tambem entre o seu conceito, a meu ver justissimo, de fazer dos « factos da linguagem » o criterio da vernaculidade da lingua, e o seu ainda demasiado respeito dos autores chamados classicos. Desde que um povo na sua maioria ou totalidade, doutos e indoutos, diz uma cousa de uma maneira, pronuncia-a e escreve-a de certo modo, chama-se a esse facto um facto da linguagem e esse modo, em que pése a grammaticos e eruditos, é o modo certo de dizer a cousa, embora se ache em desaccordo com as regras e normas até então em vigor. Tal é o criterio unico que me parece justo para apreciarmos racionalmente a vernaculidade da linguagem. Formulou-o um dos mais notaveis philologos contemporaneos, A. H. Sayce, nestas palavras : « What is grammatically correct is what is accepted by the great body of those who speak

a language, not what is laid down by the grammarian. » E de accordo com esta doutrina, estão, sem discrepancia, todos os theoristas da philologia. A lingua quem a faz é o povo e não os grammaticos e literatos, é outra fórma do mesmo conceito. Entretanto, si, além do povo, alguem tem ou póde ter parte na formação e instituição de uma lingua, são os literatos, principalmente aquelles que pela natureza das suas funcções estheticas e sentimentaes estão mais perto do povo e com elle, e são os verdadeiros representantes da sua emoção e sentimento, os poetas. Assim, desde a mais alta antiguidade da nossa civilização é Homero quem fixa ou dá preeminencia ao dialecto hellenico que seria a lingua grega, como na constituição das linguas novi-latinas são Dante, Camões, que estabelecem, adoptando-as nos seus poemas immortaes, as fórmas aindas indecisas e imperfeitas do falar vulgar. Houvessem então preconceitos grammaticaes peado a acção desses poetas, e elles não teriam ousado fazer o que fizeram. O autor classico não é sinão aquelle que no seu tempo soube reproduzir com segurança a linguagem contemporanea. Mas, pretender que esse autor nos dê regras e nos sirva de norma, quando, após alguns seculos passados, a sua lingua não é de facto mais a que falamos hoje, é, em todo o rigor do termo, um contrasenso.

Nós não falamos assim ou assado porque queremos; falamos deste ou daquelle modo porque a isso nos obrigam as leis physiologicas do nosso organismo, a nossa constituição psychica, o nosso estado d'alma, as determinações imponderaveis do nosso meio e ainda da nossa raça e da nossa cultura. A nossa lingua é tambem uma determinação, como o são as idéas que ella tem de exprimir. E si individualmente não nos é de todo impossivel ter as idéas de quatro seculos atraz, collectivamente, socialmente, de todo que o não poderiamos. Tambem um povo não póde falar a lingua dos seus antepassados de quatro seculos, embora um individuo talvez o possa por um processo artificial de erudição e um quasi sobrehumano esforço de vontade. E' a este processo artificial, a este esforço doloroso, porque é contra a verdade, que tambem é justiça, que nos querem obrigar os chamados puristas, os propagandistas retrogrados e reaccionarios da lingua classica, isto é, de uma lingua falada e escripta ha seculos, e, portanto, inteiramente estranha ao nosso sentir e ao nosso pensar presente e, no caso do Brazil, uma lingua estrangeira. Porque, de facto, para nós, a lingua portugueza dos quinhentistas, e dos seiscentistas, e dos seus imitadores, quasi todos escriptores sem alma e, portanto, sem estylo, meros rhetoricos correctos, é uma lingua estran-

geira. Si em Portugal, povo entre todos atrazado, se conservam em grande copia, no campo especialmente, fórmas e expressões daquella lingua, no Brazil, povo novo, sem fortes ligações ao passado, que reformou a sua lingua mettendo nella, com as modificações da sua phonetica diversa, criada pelo diverso clima, vocabulos, expressões, phrases já caboclas, já africanas, toda a tradição daquella lingua, todo o sentimento della desappareceu por completo. A sua indole nos é inteiramente estranha. Qualquer dos nossos inumeraveis doutores está mais longe do Padre Vieira ou de Frei Luiz de Sousa do que o mais bronco labrego, que *d'lá* vem. E quanto mais bronco, mais perto estará daquelles classicos,

Isto pelo que respeita especialmente á lingua como dominio da grammatica. Consideremol-a agora como instrumento d'arte, como meio de expressão literaria.

A lingua portugueza, constituida, como mostra o Sr. João Ribeiro em trechos da sua excellente *Selecta Classica*, no seculo XII e disciplinada literariamente no XVI, foi orgão de uma literatura, que se não póde chamar grande, mas que tambem não é insignificante. Realmente, não deu de si sinão um grande exemplar, tão verdadeiramente grande que delle poude dizer Schlegel, sem exagero, que valia uma literatura

inteira, os *Lusiadas* de Camões. Tirante esse livro, unico em todas as literaturas modernas, como epopéa ao mesmo tempo nacional e universal, a literatura portugueza não contribuiu para o patrimonio intellectual da humanidade com outro que se possa citar. Chronicas de interesse mui particularmente nacional, historias de reis e heróes de segunda ordem, livros de pueril e sandia piedade, vidas ou antes lendas de santos, tudo num estylo diffuso e mais ou menos empolado sempre, e uma prodigiosa abundancia de versos, em que a imitação latina é evidente e cançativa, sem nenhuma larga concepção philosophica ou grande idéa humana, sem nada de geral e universal, tal é, si exceptuarmos o Camões, o balanço da literatura portugueza classica.

« Chamo classico, — escrevia o celebre Dr. Strauss, no seu famoso pamphleto sobre o *Protestantismo no seculo* XIX — um autor em cujas obras a alma de um povo, o que elle tem de mais original, plenamente se exprime, e isso em uma fórma que, sem ser um modelo a reproduzir eternamente (é o que aqui querem os nossos puristas) é todavia attrahente e intelligivel em todo tempo. »

Si houvermos de acceitar esta concepção do que é autor classico, a lista dos autores portuguezes assim denominados teria de diminuir

extraordinariamente. Quem ficaria que de facto exprimisse a alma do seu povo e que ainda se leia com aprazimento? Camões, sempre em primeiro lugar e que cabalmente reune as duas condições. Gil Vicente? E' pouco menos do que illegivel, embora seja, no seu tempo, um grande poeta representativo do genio portuguez. Sá de Miranda? E' um rhetorico de grande talento, com partes notabilissimas de sentimento e philosophia, mas um rhetorico, imitador dos italianos. João de Barros? E' talvez o maior depois de Camões, mas já hoje infinitamente menos legivel do que este. Frei Luiz de Souza? Sem embargo do seu extraordinario merito como consummado vernaculista, é na prosa, mais do que Sáde Miranda foi na poesia, um rhetorico, um falso classico; a sua obra, sem nenhuma subjectividade, não tem emoção. Até a objectividade lhe falta. Quem diria, lendo-a, que a *Vida do Arcebispo* é um documento do Concilio de Trento? E bastaria a natureza dessa obra para desclassifical-a de qualquer literatura, que não fizesse do bom escrever vernaculo o só criterio do classicismo. Como sabe o leitor, Frei Luiz de Souza não fez mais, ao menos nos seus principaes livros, do que, como um mestre de grammatica, concertar o portuguez de outro frade, Luiz de Cacegas. E' um puro e bronco exercicio de escola. O empoladissimo e insu-

portavel Jacintho Freire? o delambido Heitor Pinto? o soporifico Thomé de Jesus? Qual outro? O estylo destes classicos, tão preconisado por certos criticos, de facto não está muito longe do dos « rudes » escriptores do XV seculo », qualificado por Alexandre Herculano de metaphysico-barbaro, nem é muito melhor do que estes. Nem é outra a opinião do mais recente e não menos illustrado pregoeiro dos classicos, o Sr. João Ribeiro: « os prosadores até á metade do seculo dos quinhentos pouco se differençaram dos que o precederam na epoca archaica » (*Selecta Classica*, Alves, Rio, 1905, 3). Mais perto de nós temos Antonio Vieira e o padre Manoel Bernardes, além de Mendes Pinto e do Padre Lucena, ainda quinhentistas, e os incontaveis poetas, nenhum realmente grande. A obra literaria do padre Antonio Vieira vale apenas como representação e monumento pessoal. A mais completa historia da literatura portugueza — exemplo a do Sr. Theophilo Braga — pôde-se escrever sem ella. A de Bernardes, notavel realmente, porque é uma das poucas escriptas com certo espirito de finura e graça, uma das raras onde se nos depara a arte de escrever, é immensamente diminuida pelos seus assumptos de devoção e pietismo, em inteiro desacordo com o nosso sentir moderno. Lucena, sem talento nem originalidade, entra no numero dos ille-

giveis, e Mendes Pinto, que é um dos raros escriptores classicos portuguezes para quem o mundo real existiu, perdeu todo o interesse desde que se soube que quanto escreveu é mentiroso e falso.

Positivamente, todos estes sujeitos, sob o aspecto da arte de escrever, da esthetica, da belleza literaria, escrevem mal. Nenhum delles, exceptuando Camões, têm imaginação ou inventiva, e menos ainda finura de espirito ou bom gosto. Nenhum delles tem idéas, um pensamento a communicar-nos, e sem isso não ha escriptor. A maior parte delles são religiosos de condição, almas devotas, escravizadas ao cathecismo, sem vôo possivel acima da matriz da sua parochia, que é estreita e acanhada. Os que sabem literatura vivem sob o jugo de Horacio, mal entendido, apesar de saberem bem latim. A rhetorica, a grammatica, a arte poetica os paralysam e matam. A sociedade portugueza, desde o advento de D. João III, é atrazada, ignorante, rotineira, de « uma austera, apagada e vil tristeza », como disse Camões. Tal sociedade não podia produzir sinão uma literatura incolor e incaracteristica, de que o arcadismo seria a synthese genuina. De sorte que o classico portuguez é apenas um classico da nossa linguagem, um modelo estacionario para ella, o que é, como mostrámos, uma concepção erronea, e não um

classico, um mestre de nosso pensamento, mesmo porque nesse dominio a lingua portugueza não teve jamais nada a trazer ao patrimonio intellectual da humanidade. Os classicos do nosso pensamento, os mestres da nossa intelligencia, não os lemos na nossa lingua, sinão nas estranhas; não são Frei Luiz de Sousa ou Manoel Bernardes, sinão os Machiaveis, os Erasmos, os Rabelais, os Spinosas, os Leibnitz, os Kants, os Bacons, os Pascals, os Montesquieus, os Turgots, e até os Dantes, os Shakespeares, os Vïncis, os Migueis Angelos. Com quem na literatura portugueza, de parte Camões, iriamos buscar idéas, sensações e emoções, noções, iguaes ás que daquelles recebemos?

O mesmo pensamento que poz Portugal entre as nações modernas, que lhe deu a cultura e a civilização do seu tempo, e modernizou a sua lingua, polindo-a a igual das mais cultas, lhe veiu não dos seus atrazados e ignaros autores, mas destes grandes classicos universaes. E si o Romantismo portuguez conta dous nomes da extraordinaria grandeza de Garrett e Herculano, que são talvez, depois de Camões, os maiores, os unicos verdadeiramente grandes da literatura portugueza, deve-o ao se terem elles posto pessoalmente em contacto com as gentes, as linguas, o pensamento e as idéas mais cultas do estrangeiro. E' por isso que Garrett, apezar do seu

peregrino e profundo sentimento da lingua nacional, que escreveu com elegancia até então nella desconhecida, nunca poude passar por vernaculo aos olhos dos Castilhos, e outros rapsodas sem talento e classicos anachronicos. Quasi o mesmo é o caso de Herculano, o escriptor de mais nervo e idéas que já teve a lingua portugueza, que seria grande em qualquer outra lingua, sem ter jamais precisado dos processos de restaurações archaicas e imitações idiotas dos Castilhos e Camillos.

E' da obra, de alguma sorte revolucionaria de Garrett, que datam a transformação da lingua portugueza de antiquada e anachronica, dura e sem plasticidade, de nenhum modo apropriada á expressão do pensamento e da sensação moderna, em lingua adaptada ás exigencias do nosso sentir e pensar actuaes, e tambem a pleiade dos escriptores verdadeiramente elegantes, agradaveis, e alguns até encantadores, como Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão, Anthero de Quental, Oliveira Martins, Guerra Junqueiro, Pinheiro Chagas, Moniz Barreto Fialho d'Almeida e alguns mais. Nenhum destes, entretanto, é um classico e menos um purista, mas, ainda com o desconto dos tempos, são todos melhores escriptores, no alto e verdadeiro sentido desta palavra, que qualquer dos quinhentistas ou seiscentistas.

E si nós pela lingua somos portuguezes, si por ella a nossa literatura não é sinão um ramo da portugueza, já quasi não o somos, ou pouquissimo somos pelo nosso fundo de idéas e noções, todo elle constituido fóra da influencia portugueza. Seria preciso desconhecer completamente, ou negar propositadamente o principio incontestavel da reacção das idéas sobre a sua expressão, que é a lingua, para exigir de nós que, contra as determinações irresistiveis da natureza, falassemos e escrevessemos em descorrelação com a nossa ideação e o nosso pensamento. Não sendo possivel separar a idéa da sua expressão, aprendendo nós as nossas idéas nos classicos das linguas estranhas tomamos-lhes tambem natural e necessariamente a sua expressão. Ajuntai a isso as influencias de ordem ethnicas a que já alludimos, antigas umas, ontras mais modernas, como a das differentes colonias estrangeiras aqui existentes e participantes da nossa vida, e vereis si não é irracional pretender que a lingua portugueza aqui se conserve pura, isto é, qual a fixaram os escriptores chamados classicos.

Si, em vez do estudo, como quer que sej superficial, e estreitamente lexicologico e grammatical, que da lingua portugueza aqui tem feito os nossos philologos, se houvessem elles

occupado com a parte mais profunda e mais difficil do assumpto, da evolução da lingua portugueza no Brazil, não só sob o seu aspecto semantico, mas principalmente syntactico, da propria transformação da sua indole, elles mesmos, não obstante os seus preconceitos profissionaes, haveriam reconhecido a fallacia e inanidade daquella pretenção absurda.

Contra ella brada a nossa lingua portugueza do Brazil, que falada e escripta ha tres bons seculos, não póde ainda fornecer, sinão por nimia condescendencia dos collectores, um escriptor verdadeiramente classico ás nossas collectaneas escolares; nem um exemplo typico aos assertos dos nossos grammaticos. Ainda hoje nesta parte do Mundo Novo, é nos escriptores de Portugal, de tres e quatro seculos atraz, que os nossos filhos vão aprender a lingua extranha e obsoleta que absolutamente não ouvem nem falam, e é com exemplos seus que seus mestres lhes inculcarão as suas doutrinas grammaticaes, que aliás não seguem, falando ou escrevendo. Estudada na sua literatura, essa lingua, obra de morte e não de vida, é incongruente e inconsistente. Sobejam de muito os dedos de uma mão para se contarem nesta literatura de tres seculos os escriptores realmente vernaculos. E um dos raros delles poude não ha muito provar que um docu-

mento escripto pelos que se presumem os mais altos representantes, o escól da cultura brazileira, era pura e simplemente um acervo de erros e despropositos grammaticaes. E'emfim uma lingua em que, como viu intelligentemente Graça Aranha, se sente, nos melhores, o esforço da traducção.

Que póde explicar o facto sinão a incoherencia de querermos por força, nós americanos do seculo XX, falar e escrever como falavam e escreviam os portuguezes do seculo XVI, sinão a descorrelação a que nos querem obrigar entre o nosso pensamento e a sua expressão? Não levo a minha heresia até ao ponto de contestar á lingua portugueza e á sua literatura os merecimentos que lhe são proprios. Si não me consagrei áquella com a abdicação completa e o devotamento absoluto que quizeram os puristas, é que a isso se oppunha o meu temperamento, a minha propria physiologia. Procurei sempre respeital-a, quanto o meu acatamento por ella não contrariasse o respeito que a mim mesmo devo e os direitos da minha personalidade. Nunca a offendi intencional ou conscientemente. Percorri apavorado e a custo a matta escura da sua literatura classica, onde raras clareiras se me abriram, com uma impressão de belleza e alegria. Tenho por ambas ellas a veneração que devemos aos antepassa-

dos. Nunca pretendi ensinar a lingua aos que a falam de origem. Sempre me pareceu que elles são os unicos mestres autorizados della. Nem siquer, por espirito de hostilidade, malevolencia ou nativismo, applaudi a concepção, que sempre considerei erronea, de uma lingua brazileira.

Nunca approvei, ou, siquer tolerei, as revoltas da ignorancia ou da petulancia contra a grammatica e o lexico estabelecidos, quando o falar geral não admittiu e consagrou as modificações que literatos sem cultura ou discernimento pretendiam introduzir, seguindo sómente o seu bestunto.

Uma lingua, por isso mesmo que é o producto da mais intima collaboração collectiva de um povo, no espaço e no tempo, a propria expressão da sua alma, a representação psychologica mais profunda que elle de si dá, o verbo mediante o qual se exprime, é uma cousa respeitavel, fóra do alcance das molecagens ignaras, atrevidas ou impertinentes.

Reconheço, porém, e proclamo que nós logicamente, scientificamente, não podemos ficar perpetuamente adstrictos á lingua portugueza de Portugal e aos seus classicos. E toda a presumpção de classicismo, de purismo aqui, é, sobre desnatural, uma macaqueação ridicula. Uma lingua pura, no estado da civilização con-

temporanea, sinão em todos os tempos, seria um milagre tão grande e estupendo na ordem philologica, como uma raça pura na ethnologica. Não haveria maior insanidade espiritual que desejal-a num outro paiz, differente do de sua origem, para onde foi transplantada.

C. HERESIAS LINGUISTICAS E LITERARIAS

II

O que se deve e o que se não deve dizer podia ser o titulo geral, e exacto, da collecção completa dos trabalhos, a maior parte delles apenas presumidamente philologicos, que sobre a lingua portugueza se têm publicado no Brazil.

Na verdade, os nossos philologos, e alguns portuguezes que se lhe juntaram, como o Sr. Candido de Figueiredo agora e José de Castelho d'antes, quasi nada mais têm feito que nos ensinar como havemos de dizer taes ou taes phrases para não cairmos em erros.

A lingua portugueza, porém, circumstancia que elles commummente esquecem, nunca chegou a ser uma lingua perfeitamente policiada, e não tendo, como a franceza, ou mesmo a italiana e a hespanhola, uma autoridade que lhe regulasse o uso, ficou sempre, em muito maior grau que essas, incerta e

Onde, porém, mais numerosos e mais frisantes á nossa observação e censura são os exemplos da inintelligencia dos puristas, grammaticos ou não, é no dominio da semantica, isto é, justamente naquelle em que mais rapidas, mais copiosas, mais profundas são as transformações de uma lingua qualquer. Nada mais corriqueiro que o facto, e a noção correlativa, da mudança da significação dos vocabulos, das alterações dos seus sentidos e funcções, e, portanto, da sua mesma classificação grammatical, como do seu genero, mudanças cujo estudo constitue aquella parte da linguistica ou glottologia. Dahi derivaram-se aquelles erroneos conceitos, si os não tomarmos apenas como simples metaphoras, da lingua organismo vivo e da vida das palavras. Si eu quizesse sacrificar ao vicio brazileiro das citações, para autorizar noções banalissimas, fazendo assim injuria á instrucção do leitor, e amostra vaidosa de uma facil erudição, não teria sinão o embaraço da escolha para justificar estes comesinhos assertos. Mas, não obstante os exemplares illustres que desse mau veso se me antolham, não quero dar nelle. O leitor sabe que lhe estou dizendo uma verdade reconhecida por tal, e dispensa-me de affectar sabedoria com citações copiosas. Eis aqui um exemplo do que acima asseverei. *Teiró* é um velho termo portuguez, significando, segundo Moraes, uma

peça da rabiça do arado e figuradamente peguilho, teima e d'ahi, acompanhado de tomar, ter, etc., pegar ás razões com alguem. Em portuguez era , conforme o mesmo lexicographo , substantivo feminino. No Brazil, onde o termo é de uso commum e popular, e até vulgar e baixo, tornou-se masculino, e ninguem sinão como tal o emprega. Pois bem, o Sr. Ruy Barbosa, que se abespinhou por que lhe chamei, sem a minima intenção de magoal-o, juro, de purista, para nos assombrar com a sua sciencia do vocabulario portuguez, empregou a trivial e nada parlamentar expressão, no genero feminino, á antiga portugueza, e para que lhe não puzessemos em duvida a correcção, justificou-se em nota com exemplos classicos.

Não sei si não será preconceito identico que faz o Sr. João Ribeiro condemnar ainda como menos vernacula a expressão *deparar com*, mesmo depois que o Sr. Heraclito Graça provou com superabundancia de testemunhos e factos da linguagem a exacção dessa locução, que, ao contrario do que affirma levianamente o Sr. Candido de Figueiredo, não apparece só em exemplos insulados (sic) de Garrett, Filinto e Camillo, mas em numerosas passagens destes e de outros muitos e vernaculissimos escriptores. E no Brazil ninguem que escreva repugnou nunca usal-o, pois que aqui todos a dizem. Do ponto

de vista em que se collocaram os Srs. João Ribeiro e Heraclito Graça, os seus livros, que me provocaram estas considerações, são sem nenhum favor excellentes. Não duvido dizer que a *Selecta Classica* do Sr. João Ribeiro é, entre todas que conheço da lingua portuguesa, a unica que não é uma simples e bruta especulação de livraria ou de autoria. Nesse genero o que até agora tinhamos era absolutamente sem valor. A do Sr. João Ribeiro é a primeira que ao cuidado e discernimento na escolha junta o trabalho valioso das notas eruditas, explicando, commentando, illustrando os textos transcriptos. Essas notas, de uma utilidade manifesta, para o conhecimento da evolução da lingua, dos vocabulos, fórmas e expressões archaicas, dos modismos e construcções grammaticaes usadas pelos seus escriptores classicos, serão um auxilio precioso para o mestre e o alumno que não façam do seu ensino e aprendizagem uma bronca decoração da grammatica. Apenas nos parece, a nós que sabemos o que é de facto o nosso mofino ensino da lingua materna, estreitamente grammatical, que a riqueza e valor dessas notas excede de muito o grau em que por via de regra se mantem tal ensino aqui. Cedendo tambem áquelle aspecto grammatical, o Sr. João Ribeiro, parece-me, deu-lhe demasiado importancia nas suas notas, com sacrificio de annotações, que não

seriam menos convenientes e prestadias, como as literarias, historicas e outras que os textos desafiassem e que os esclarecessem. As differentes partes em que muito methodicamente dividiu a sua collectanea, são precedidas de noções geraes das epocas e periodos literarios do desenvolvimento da literatura, que enriquecidas de informações bio e bibliographicas excellentes, compõem, afinal, um bom epitome da historia daquella literatura. Si meestres e alumnos souberem usar deste livro, estou certo que elle lhes prestará eminentes serviços, si elle não aponta apenas dar aos cultos a consciencia da evolução da sua lingua, mas mira tambem, e a meu ver erradamente, a lhes impôr a imitação dos classicos.

Não tem os mesmos propositos pedagogicos o livro do Sr. Heraclito Graça, mas não é menos um livro de ensino, para os que queiram bem falar e escrever a sua lingua, segundo os respectivos modelos classicos. Porque, apezar de pronunciar-se pelos « factos da linguagem », conforme o mesmo titulo do seu livro, o Sr. Heraclito Graça acaba sempre appellando para os classicos. O seu livro é demais um livro de polemica, e é o seu principal defeito, comquanto essa polemica cortez, alumiada, discreta, não possa ser tomada como modelo, conforme o deu Camillo. Chamou-lhe o autor em sub-titulo

« Esboço critico de alguns assertos do Sr. Candido de Figueiredo. » Desde Portugal entendeu este escriptor portuguez dar-nos lições da nossa lingua, ao que parece aqui muito mal falada. Já, aliás, as tinha dado, em varios volumes, aos seus compatriotas, que, a julgar pelas correcções delle recebidas, tambem a não falam bem. De sorte que esta pobre lingua portugueza, ninguem a fala direito e ninguem a sabe bem, pois ao mesmo Sr. Candido de Figueiredo, mestre espontaneo della, deparou-se-lhe na sua propria terra um outro erudito, o Sr. Leite de Vasconcellos, que lhe rebateu muitas das suas lições e acabou declarando, de publico e razo, que elle não sabia nada da lingua que lecionava nos jornaes e em livros.

Vem agora, no Brazil, o Sr. Heraclito Graça e, sinão com tanto saber especial da philologia, com vasto e discreto conhecimento dos classicos portuguezes e com muito maior urbanidade, contesta, quasi sempre com razão, muitos dos ensinamentos do mesmo Sr. Candido de Figueiredo.

E este facto, — a discussão entre autoridades philologicas do emprego de taes e taes expressões portuguezas e da sua vernaculidade — não é isolado ou insulado, como gosta de dizer na sua, e quer que digamos, este senhor. Os grammaticos são grandes discutidores e brigões.

Grammatici certant... é caso ha muitos seculos verificado, e essa raça é talvez ainda mais irritavel que a dos poetas. Razão por que as suas discussões tomam geralmente a fórma de polemica e de briga.

O Sr. Heraclito Graça, sobre competente, por um longo e acurado estudo dos classicos, é cortez na sua polemical, liberal nas suas idéas, muito liberal mesmo para um philologo brazileiro. E' para notar que os nossos philologos e grammaticos são por via de regra mais conservadores e até mais reaccionarios que os portuguezes, talvez pela mesma razão por que o vilão nobilitado tem mais soberba e prósa que o nobre de linhagem. O seu livro, á luz em que se elle põe, é quasi sempre concludente contra as doutrinas, que combate, do Sr. Candido de Figueiredo. Mas desta polemica, com as treplicas parciaes que já lhe deu o erudito portuguez, como de todas as polemicas aqui e em Portugal sobre o mesmo assumpto havidas, especialmente da do Sr. Ruy Barbosa e os impugnadores da sua censura á redacção do projecto do nosso Codigo Civil, resulta a conclusão de infixidez e indisciplina extremas da nossa lingua. Os contendores atiram-se mutuamente á cara os classicos e cada um delles acha nestes exemplos com que corroborem as suas opiniões. Na sua *Réplica*, o Sr. Ruy Barbosa

deu-se até o gostinho, como quer que seja pueril, como ao cabo é todo esse estupendo trabalho, de citar o pró e o contra dos exemplos classicos contra as suas mesmas opiniões. Por grande que seja a minha ignorancia, sei todavia que em todas as linguas, ainda nas mais polidas, se dá mais ou menos o mesmo facto. Em nenhuma, porém, creio, em tamanha proporção como na portugueza, de sorte que não é uma simples saida dizer-se que com os nossos classicos tudo se justifica e que nelles ha para tudo. Sei tambem que, no fundo, isto não é tanto assim, e que, estudados com um criterio scientifico rigoroso, e critica apoiada em boa lição philologica, se poderiam tirar delles regras exactas e constantes. Os philologos allemães, estou informado, entram a usar, quer no estudo dos classicos antigos, quer no dos modernos, do methodo estatistico, pronunciando-se afinal pelas fórmas que mais vezes se repetem (1). Applicado ao estudo dos nossos classicos, esse criterio daria certamente melhores resultados que as citações aereas de exemplos que não soffreram a prova da confrontação com outros do mesmo ou de diversos autores. Exemplo frisante ao meu asserto é o que se passa nestas nossas discussões da lingua portugueza com o *se* sujeito ou não;

(1) Na sua *Réplica* o Sr. Ruy Barbosa usou parcialmente e com vantagem deste methodo.

o *que*? interrogativo precedido ou não do determinativo; o caracter transitivo ou intransitivo de certos verbos, como *chamar*, *deparar* etc., a fórma de certas locuções *a miudo* ou *a miude*; a applicação da taxa de gallicismos a certas outras, como *de resto*, *successo*, *gosto*, *afazeres e conducta*, *confecção*, e mil outras que todos, ainda os que não sabem francez, empregam diariamente e cuja vernaculidade discutem os nossos philologos incessantemente. Mas fôra um nunca acabar, si eu quizesse indicar, ainda mui succintamente, os casos duvidosos sobre os quaes contendem os nossos grammaticos e linguistas. Falei ha pouco em estatistica. Pois dei-me o trabalho de fazer uma. O livro do Sr. Heraclito Graça está bem longe de se haver occupado de todos ou siquer da maior parte delles. Limita-se aos já tratados pelo Sr. Candido de Figueiredo. Pois bem, o Sr. Heraclito Graça occupa-se de nada menos de 284 casos controversos, duvidosos, opiniativos, nos factos da linguagem portugueza. E na redacção do projecto do Codigo Civil o Sr. Ruy Barbosa, contou-os elle proprio, apurou 439 desses casos, que emendou consoante o seu parecer. Que lingua policiada é essa em que são em tanta copia estes factos, muitissimos do falar corrente! E emquanto o criterio que presidir ao seu estudo fôr o mesmo que até aqui

tem sido, podemos estar certos de que a controversia continuará indefinida e irracional, sem emenda possivel daquillo que se pretende corrigir.

Um dos mais curiosos desses casos, um dos que, a meu ver, mais prova (ou mais provam) a indisciplina geral da lingua e o seu estado ainda rudimentar, é o do suffixo *aria* ou *eria*, tratado com grande desenvolvimento dos factos da linguagem pelo Sr. Heraclito Graça. Esse suffixo, na forma *eria*, entra, desde o começo da lingua, na composição de uma infinidade de palavras de uso commum; pois bem, ao cabo de seculos, o Sr. Candido de Figueiredo e o Sr. Julio Ribeiro negam a sua legitimidade, acoimam-no de gallicismo e refugam-no da lingua. Mas vem o Sr. Heraclito Graça e mostra, com numerosos exemplos, que em muitos classicos, de todas as éras da lingua, se encontram as fórmas em *eria*, condemnadas pelos supra-citados philologos.

E, a proposito, tendo conhecimento de uma carta que espontaneamente dirigiu ao Sr. Heraclito Graça, a respeito do seu livro, o Sr. Gonçalves Vianna, actualmente talvez o mais autorisado philologo portuguez, julgo util fazer publico o seu assentimento ao modo de ver do nosso patricio. Elle aceita como certa a fórma *eria*, mas admitte a forma *aria* tambem como

vernacula. E, indo ao fundo das cousas, raciocina desta maneira : « O primeiro dos meus fundamentos é o numero de silabas (o Sr. G. Vianna é phonetista e respeito a sua orthographia) que separa o radical desse sufixo (*aria ou eria*) : se é um tetrassilabo o vocabulo, a tendencia é preferir-se *eria*, *loteria*, *bateria*, *correria*; se o radical contem mais de uma silaba até a vogal final que se elide, e o resultante da derivação é um polissilabo, a preferencia dá-se a *aria* : *carpintaria*, *serralharia*, *artelharia*. A mudança do *e* primitivo em *a* operou-se por influencia do *r*, como em *varrer verrere*, rasgar *resecare*, *farum*, *fera*. Todas as vezes, pois, que o vocabulo, pela sua estensão exigiu accento secundario em silaba anterior, manifestou-se a mudança do *e* em *a*. Ha ainda outras causas, tambem phonologicas, de que não farei menção ». De passagem se diga que a carta do eminente philologo portuguez é altamente elogiosa dos trabalhos do Sr. H. Graça, de cujas opiniões apenas em dous ou tres pontos dissente.

Eu já lhe notei o espirito liberal em que foram concebidos, espirito que não deriva sómente do temperamento do autor, mas se apoia em factos da linguagem e em exemplos classicos. Assim, ao passo que o Sr. Ruy Barbosa, que protesta não ser purista nem archaico, mas que de facto o é e « de estudo », acoima de gallicis-

mo ou francesia, e repelle e condemna, vocabulos ou expressões como *detalhe*, *de resto*, *confecção*, *no fundo*, *partilhar*, o Sr. H. Graça os aceita e legitima como vernaculos (1)

Esse espirito é que distinguirá, entre os seus congeneres, o trabalho do Sr. Graça.

Mas que fazer, si não são de todo falsas e extravagantes estas heresias? Estudar a nossa lingua, principalmente nos seus factos observados com criterio e examinados com critica, ler e meditar os seus classicos, si para tanto nos sobrar coragem, e entendel-os bem, sem, porém, lhes aceitar tudo e sabendo separar nelles o trigo do joio, que é infinito, e, principalmente, não nos deixar impressionar pelos grammaticos e pelas suas invencionices absurdas. Compenetrarmo-nos bem da linguagem na sua indole e no tempo em que a falamos e do qual somos, apoderarmo-nos de todas as suas fórmas de expressão e procurarmos traduzir com ellas o mais exactamente, o mais precisamente, o mais perfeitamente possivel a nossa idéa ou a nossa sensação, eis o que deve ser o programma do escriptor e o seu desejo. Mas, antes de mais nada, ter alguma cousa que dizer, uma idéa a

(1) O Sr. Ruy Barbosa condemna tambem como *espurio* o « saúde » de *saude e fraternidade* : o Sr. João Ribeiro acha-o « perfeitamente classico ». Nota 91 da *Selecta Classica*.

exprimir, um pensamento a transmittir. Sem isso não ha escriptor, por melhor que grammaticalmente saiba a lingua, e por mais perfeitamente que macaqueie os classicos.

D. — BRIGA DE GRAMMATICOS, CARNEIRO VERSUS RUY BARBOSA

Não cessou ainda, e sabem os deuses quando cessará, a briga dos grammaticos e philologos (?) em torno á redacção do nosso muito futuro *Codigo Civil*. A' *Replica*, em 214 paginas, de duas columnas, em folha, do Sr. Ruy Barbosa, responde agora num grosso volume, in-4° grande, de 891 paginas, o Sr. Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro, o primeiro revisor, por incumbencia official, da primitiva redacção do Projecto daquelle Codigo, lente jubilado do Gymnasio da Bahia e antigo professor de portuguez do Sr. Ruy Barbosa.

Estas discussões entre grammaticos são uma das cousas mais divertidas deste mundo, e se devem recommendar como um excellente recreio aos que, hypocondriacos ou melancolicos, têm tempo para perder nellas. São infinitamente ma is alegres do que as brigas de gallos e que jandos desportos, como diria um archaista dapolpa do Sr. Ruy Barbosa. Os grammaticos, e todos os que contendem por motivo de lingua-

M. LA POESIA COSTA, O APOGEO

gem, são de natureza gente irritadíça, insoffrida e azeda. Mas, como é tambem de sua natureza se picarem de o não ser, ou, ao menos, de o não parecer, e como o titulo de philologos, a que armam, lhes impõe maior compostura que o desacreditado appellido de grammaticos, dão-se tractos para esconder o seu genio irrascivel e a má criação inherente ao officio, e desta lucta entre o temperamento a este proprio e o seu bom renome de cavalheiros, resulta a mais divertida das situações. E' de ver como se chamam mutuamente, um ao outro, de sabios, de illustres, de mestres, de eminentes, de quanta cousa ha de elogioso e grande, e do mesmo passo se atassalham, se remordem, se insultam, se ridicularizam, trocam chufas e doéstos, remoques e gaiatices, mas tudo numa lingua cuidadosamente trabalhada, tirada a sustancia, esquadrinhada nos velhos autores que só nestas occasiões servem, uma lingua que não lhes é natural, que não é a que falam e escrevem todos os dias, mas rebuscada como uma antiga alfaia de casa, em dia de festa, dos vetustos armarios dos diccionarios e outros reportorios proprios e alheios. E que gaudio, que impar de gosto, que alegrão, quando se lhes antolha ensejo de lançarem um á cara do outro com um vocabulo bem obsoleto, uma expressão bem archaica, ou um modismo ou phraseado perfei-

tamente anachronico. Juro-lhes que não ha no mundo satisfação igual á de um grammatico numa occasião destas, e me persuado que é por amor desse prazer que tão acintemente as procuram. E, si não, digam si se comprehende que um homem occupadissimo, como é o Sr. Ruy Barbosa, ou mesmo desoccupado, como, por ventura, é o professor Carneiro, sem neuhum interesse de lucro, de attender á sua subsistencia e dos seus, e antes talvez com perda de outros proventos, desperdice o seu tempo, sempre precioso, em um trabalho ingrato, inglorio, difficil, arduo, e ao cabo futil, de pura grammatiquice e diccionarice, uma tarefa de mestre escola a catar e emendar erros nos themas dos discipulos, o mais aborrecido e bronco que homem possa fazer, gastando nisso longos dias e acaso compridas noites, revolvendo cartapacias desagradaveis ao manuseio e á leitura, e consumindo nesse labor secundario tempo, vagares, capacidades, talentos, que melhor applicados dariam certamente outro resultado, incomparavelmente mais proficuo e mais glorioso. Uma lingua, e não só uma lingua, mas uma cultura lucra sempre muito com os estudos da verdadeira e desinteressada sciencia philologica, mas quando esses trabalhos são da natureza dos dos Schleichers, sobre a lingua alleman, dos Littrés, sobre a lingua franceza, dos Leonis, dos Adol-

phos Coelhos, dos Viannas, sobre a lingua portugueza, e outros que, em todos os paizes cultos, eu pudera citar. Mas, com os da especie destes de que me occupo, aliás enormes e consideraveis e até de muito saber, productos de vaidades literarias irritadas e irritantes, obra de pura polemica, o que forçosamente lhes vicia o criterio e os inficciona da má fé inevitavel a toda a polemica, absolutamente não se dá o mesmo. Para a sciencia verdadeira e respeitavel, para a cultura, tem elles o mesmo valor que a esgrima de salão para a arte da guerra, com a desvantagem que naquella ao menos se exige nos adversarios a rigorosa applicação dos principios da arte, a absoluta cortezia das maneiras alliadas á elegancia dos gestos. Nem se diga que servem para apurar o raciocinio e exercitar a logica, que as nossas locubrações modernas, ao contrario das escolasticas, se não fazem principalmente com esses dous instrumentos, si não com a observação, a experieneia, o calculo, e o valor do raciocinio não depende mais de fintas habilmente feitas, mas de factos exactamente verificados, examinados e analysados.

O que, quer a *Réplica* do Sr. Ruy Barbosa, quer a *Redacção do Projecto do Codigo Civil* do Sr. professor Carneiro, conseguem menos duvidosamente provar, é a inconsistencia, a incoherencia, a indisciplina, a desordem, a anar-

chia da grammatica da lingua portugueza e, portanto, da lingua em que ella assenta seus preceitos. Sustentando frequentemente doutrinas oppostas e contrarias, ambos esses doutores se apoiam nos melhores escriptores da lingua, nos quaes cada um delles acha documentos favoraveis á sua causa. E, o que é singular e me leva ao atrevimento de duvidar da sciencia philologica dos dous adversarios, é que, reconhecendo-o, não lhes vem nunca, nem a um nem a outro, a idéa natural, logica, comesinha de estudar o facto disputado em si mesmo e na sua evolução na lingua, na sua significação e, si posso dizer assim, na sua psychologia.

Não; apenas raras vezes um rapido perpassar pelas suas origens, segundo a lição de mestres estrangeiros, jamais com os elementos do seu proprio saber, para cairem logo nos seus indeffectiveis classicos. E' exquisito, e de alguma fórma deprimente para a cultura dos povos de lingua portugueza, que a primeira luz projectada na lobrega floresta dos nossos infinitos pessoaes e impessoaes o fosse por um allemão, Diez, a quem o Sr. Julio Ribeiro, qual mostra o Dr. Carneiro, contestando com vantagem o Dr. Ruy Barbosa, e os que ao nosso grammatico se seguiram, não fez sinão copiar. E ainda hoje, nada obstante o crescido numero de paginas aqui e creio que em Portugal escriptas

sobre esse augusto e impenetravel mysterio dos nossos infinitos verbaes, *grammatici certant* (1). Prova-o mais uma vez o grosso livro do Dr. Carneiro que em mais de 20 paginas, pejadas de citações de classicos, contradiz os assertos do Dr. Ruy Barbosa, não logrando sinão convencer-nos de que a questão do infinito (como todas as questões que se relacionam com essa entidade metaphysica) contiua insoluvel.

Do mesmo modo permanece, apezar dos esforços dos dous bravos contendores, a questão, essencialmente brazileira, da collocação dos pronomes. Si ainda houvesse lugar para os poemas heroi-comicos, eis ahi um assumpto a propôr a quelquer Diniz retardario. Esta e todas as mais discussões grammaticaes. E não lhe faltaria nem a chalaça picaresca e a graça fescennina, com que adubar ao nosso gosto luso-brasileiro, o pandego poema. Si duvidam, leiam de pag. 142 a 151 do livro do Dr. Carneiro a discussão da vernaculidade do *desvergina-mento*.

La mère en prescrira la lecture à sa fille.

É' de um supremo comico ver os dous graves

(1) Um philologo nosso, e certamente em dos mais bem orientados, o Sr. M. Said Ali, acaba de publicar, no magazine *O Seculo XX* (Laemmert, editor) um valioso e acaso definitivo estudo sobre esta questão. 1906.

doutores discutirem em qual dos tres termos *desvirginar* ou *desvirginisar*, *deflorar* ou *desvirgar*, a « imagem da violencia carnal sobresáe com todo o realismo da sua brutalidade. » E ainda ha quem metta grammaticas nas mãos de meninas!

Ao comico do poema se depararíam, porém, nestas discussões, outros toques menos crús, sem duvida, mas não menos alegres. Exemplo, o do *diversorio*. Como todo o purista que se présa, tem o Dr. Ruy Barbosa o gosto, que a mim me parece literariamente máu, e até malsão, de rebuscar nos autores classicos, pouco lidos, e nos velhos vocabularios da lingua, termos obsoletos, expressões archaicas, palavras inteiramente desusadas ou escassamente usadas, para dar á sua linguagem apparencias e feições de classica. Como, apezar de qualquer esforço, é impossivel a um escriptor de hoje escrever em tudo e por tudo conforme um quinhentista, o que é o mais seguro e decisivo argumento a favor da evolução da lingua, e por outro lado, é relativamente facil affectar classicismo, empregando aquelles vocabulos e um ou outro phraseado obsoleto, a esse meio recorrem os puristas, ou que o pretendem ser, para nos darem a illusão de que são dignos de emparelhar com os classicos. Um conheço eu que usa desta simples receita : pôr sempre o verbo ou

o adjectivo que o modifica no principio da phrase : *Licito não é, Forçoso me fôra, Gostára muitissimo;* outros catam nos diccionarios os termos que levam adiante a notação *ant* (antiquado) fazem delles listas, a que recorrem para salpicar seu estylo de vocabulos raros, sem verem o disparate resultante do enxerto numa phrase moderna, pelo seu boleio e até pela idéa que exprime, de um termo antiquado. Os que de facto lêm e estudam os classicos são rarissimos, e mais raros ainda os que delles aproveitam com discernimento, bom gosto e bem logrado proveito. Para dizer todo o meu pensamento, eu não vejo presentemente no Brazil sinão um escriptor, o Sr. Machado de Assis, a quem caiba este elogio; é verdade que este exemplo seria de porte a nos levar á cultura dos classicos. Mas o Sr. Machado de Assis, por isso mesmo que o seu commercio com os classicos não é um producto da moda, nem uma acquiescencia a nenhuma propaganda, mas um gosto natural, uma inclinação do seu temperamento literario, o classicismo da linguagem foi desde os seus primeiros annos de escriptor uma das suas convicções mais fortes. E todas as nossas revoluções, motins e reacções aqui havidas contra a vernaculidade passaram por elle sem de leve lhe alterarem a sua disposição de respeito absoluto ao portuguez de Portugal.

Não ha como os scepticos para terem convicções absolutas e arraigadas. Além do Sr. Machado de Assis, só um outro escriptor conheço no mesmo caso, João Francisco Lisboa, cuja lingua, sem ter a elegancia e a finura da do autor de *Braz Cubas*, está mais proxima do que a deste, pela construcção e copia de fórmas classicas, e tambem do vocabulario antiquado, dos grandes modelos vernaculos. João Lisboa, que viveu algum tempo no tracto de Alexandre Herculano, tomou deste não só a lingua, porventura a melhor do portuguez moderno, mas alguma cousa do estylo, e é assim elle de todos os escriptores brazileiros o mais portuguez. Voltemos, porém, ao caso do *diversorio*. No seu *Parecer sobre o projecto do Codigo Civil*, escrevera o Dr. Ruy Barbosa : « A cada passo entre o meu espirito e o do legislador se interpunha ella como um véo, um diversorio, ou um tropeço. » O leitor, que não conhece aquelle raro e feissimo termo *diversorio*, entendeu, porém, e legitimamente, que, tal qual vinha naquella phrase, não podia deixar de ser tomado como um synonymo de tropeço, embaraço, estorvo. Nem se envergonhe o leitor do seu erro, que o Dr. Carneiro, mestre abalisado nestas cousas, tambem assim o entendeu, nem legitimamente podia de outro modo entendel-o. E nas suas *Ligeiras observações* áquelle parecer, objectou

que « se foi neste sentido que o empregou o Dr. Ruy, torceu-lhe e desviou-lhe de todo ponto o sentido que lhe dão todos os lexicographos, alguns dos quaes, affirma elle logo, o não mencionam. » Contestando a lição do seu antigo professor, o Sr. Ruy Barbosa pergunta sobranceiro, como homem segurissimo do seu saber : « Que outra idéa suggere *diversorio* a não ser a de cousa que *diverte* ou distrae? *Diversorio* quem á primeira vista o tomaria, senão como equivalente a diversão, ou coisa que a promova? E, com o seu desdem olympico : « O commum dos leitores ali não veria outra cousa. » Pois bem, o commum dos leitores, do qual faço parte, e ainda somenos, provou-o o Dr. Carneiro, erraria, quer seguisse a primeira interpretação deste professor (a qual aliás tinha todos os aspectos de legitima), quer seguisse a do vernaculissimo autor da phrase, o qual, não contente com desviar aquelle vocabulo da sua lidima accepção portugueza, ainda por cima affirma que essa está « hoje em dia inteiramente esquecida. »

Restituindo-lhe essa accepção, que é, não a de distracção ou cousa que diverte ou distrae, como a usou e explicou o Sr. Ruy Barbosa, mas *hospedaria*, *albergue*, *poisada de caminhantes*, *asylo* (1), coisa muitissimo diversa,

(1) Boissier, no seu livro encantador e interessan-

mostrou o Dr. Carneiro que pelo menos Castilho e Latino Coelho modernamente a empregaram, e mostrou mais que, procurando o Dr. Ruy Barbosa justificar-se da impropriedade, com que, por amor do archaismo, como a preciosa *pour l'amour du grec*, usou desse termo, com um exemplo de José de Castilho, que não entendeu ou que interpretou á sua feição, deturpou manifestamente o texto de Castilho José. Leia-se no grosso volume do Dr. Carneiro, de paginas 613 a 623, todo este curioso episodio. Rematando a sua contradição, com todo o fundamento escreve o professor Carneiro : « Não é portanto verdade (e esta formula de desmentido repete-a frequentemente o Dr. Carneiro contra o Dr. Ruy Barbosa, no seu livro) ter o Dr. Ruy empregado a palavra diversorio... no mesmo sentido que lhe deu Castilho José... » e mais abaixo : « Désse-nos o Dr. Ruy a passagem inteira de Castilho José sem a mutilar nem a truncar, e para logo não escaparia ao leitor, como não deverá ter escapado ao proprio Dr. Ruy Barbosa, o erro de considerar o vocabulo diversorio, empregado naquelle lugar da grinalda

tissimo, *Cicéron et ses amis*, pag. 90, da 12ª edição, explica assim *diversorio :* « casas pequenas que os grãos senhores compravam nas principaes estradas, para terem onde repousar quando iam de um dominio a outro ».

ovidiana, como significando *diversão, diversiva, cousa que afasta.* » Eis em que dá o gosto doentio de « falar difficil ».

A proposito das réplicas do Sr. Ruy Barbosa, e de se haver este gabado de ser um dos raros escriptores brazileiros, si não o unico, a não errar na collocação dos pronomes, volta o Dr. Carneiro longamente no seu grosso livro a esta eterna disputa. Si, com a do café, a do cambio, e quejandas ha uma questão nacional no Brazil, é esta da collocação dos pronomes obliquos. Tal collocação entrou a ser aqui a pedra de toque do escriptor correcto, o que é talvez um disparate, porque a fórma normal, necessaria e, portanto legitima de collocar esses pronomes no Brazil, é justamente essa que os nossos grammaticos, de 20 annos para cá, entraram a condemnar. Sobre isso veja-se o excellente estudo do Sr. Said Ali, na *Revista Brazileira* de 1 de Março de 1895. E' o que com mais senso e espirito scientifico já do assumpto se escreveu. Todos os brazileiros, ainda os mais cultos, e caprichosos em bem falar e escrever, erram (erram, segundo o padrão portuguez) neste particular. E é o proprio professor Carneiro, mestre e grammatico da lingua, quem, apanhado nessa falta pelo Sr. Ruy Barbosa (quando aliás elle mesmo já a tinha reconhecido e confessado) criteriosamente reconhece

que : « E' este (o nosso modo de collocar pronomes) um *brazileirismo* tão arraigado no falar e no escrever, que ainda aquelles que mais se esforçam por evital-o, uma ou outra vez o comettem, fallando ou escrevendo ». Ora, si é um *brazileirismo* (e não ha negar que o é), quero dizer si os brazileiros, letrados ou illetrados, usam esse falar, a sua legitimidade não é contestavel, ou então é vão, errado, nullo, irrito e até ridiculo tudo o que nos anda ensinando a sciencia dos Bopps e dos Diez. Eu não sei de escriptor brazileiro, ainda dos tidos e havidos como mais vernaculos, anterior á reacção erudita contra o nosso modo de pôr os pronomes, de quem se não possa mostrar um ou outro exemplo desse erro.

Dos melhores, por todos os titulos, nomeadamente pela vernaculidade, são Gonçalves Dias, João Francisco Lisboa e o Sr. Machado de Assis. Pois até nestes se nos deparam, se bem isolados e raros, alguns exemplos errados :

De Gonçalves Dias :

A *cujo influxo* magico *respira-se*
Um quebranto de amor, melhor que a vida.
Poesias, Garnier, II, 115.

De João Lisboa :

Não ficou pouco sorprehendido... *quando*
pela primeira vez o seu criado *pediu-lhe*.
Obras, Maranhão, I, 202,

Foi nesta conjunctura *que deram-se* rompimentos.
Ib., IV, 645.

Do Sr. Machado de Assis :

Nunca o mais puro azul de um céu profundo
Em olhos mais suaves *refletiu-se*.
Chrysalidas, Rio, 1864, 28.

Cujos olhos, de mortos que eram, *tornaram-se* languidos.
Quineas Borba, Rio, 1891, 419.

E no seu livro *O Papa e o Concilio*, dos annos de 1880, o Sr. Ruy Barbosa, justamente reputado um dos nossos raros escriptores realmente vernaculos, collocou tão erradamente os pronomes que o professor Carneiro affirma convencidamente, que « a nenhum escriptor de nota lembraria subscrever (aos exemplos que cita) que nos fornece a leitura desse trabalho do illustrado escriptor ». E, com a maldade propria aos grammaticos, copia-lhe de pags. 438 a 446 e de pags. 472 a 479 mais de duzentas phrases erradas, e ainda lhe acha algumas nas suas mais recentes e mais cuidadas *Cartas de Inglaterra*, que são de 1894. Que dizer de escriptores verdadeiramente notaveis, de grande talento e cultura, e até estylistas, mas que não tiveram jamais a preoccupação da vernaculidade portugueza, como José de Alencar e o Sr. Joaquim Nabuco? Nesses o que é raro é que elles ponham

os pronomes de outra maneira que a do lidimo falar brazileiro.

Contra este uso, que não é bom nem mau, mas simplemente um facto da linguagem, que cumpre ver e examinar sem preconceitos e picuinhas de esthetas ou de grammaticos, que ainda estão no presupposto de que elles é que regulam a lingua, surgiu, haverá uns vinte annos, uma reacção erudita, que não obstante desarrazoada nos seus motivos e incoherente nos seus preceitos (toda esta discussão Ruy Barbosa-Carneiro o mostra sobejamente) vai vingando, pois já hoje os escriptores brazileiros timbram em collocar os pronomes á maneira portugueza. Reagirão elles sobre o povo, forçando-o a voltar ao modo de dizer vernaculo, ou o povo, ateimando na sua maneira de falar e de pôr os pronomes, influenciará nos escriptores e lhes imporá a sua lingua? Não me atrevo a decidir; a questão é difficil e o problema interessante para a philologia do futuro. Todos nós literatos brazileiros nos queixamos de que o nosso povo não nos lê, nem nos estima. Não se poderia pensar que é porque nós lhe estamos falando uma lingua que não é a sua?

Mas o que se apura desta enfadonha e displicente discussão da collocação dos pronomes complementos entre o Sr. Ruy Barbosa e o Sr. Carneiro, que no seu volume occupa com

ella 154 paginas, é o incerto, o vago, o incoherente, o contraproducente das regras que sobre o caso dão os grammaticos, quer profissionaes, quer amadores. O Sr. Ruy Barbosa e o Sr. Carneiro principalmente de todo não estão de accordo, o que aquelle condemna este justifica e vice-versa; ao cabo, os bons classicos, que têm as costas largas, fornecem exemplos para todos os gostos. De facto, neste particular as normas absolutas, sem excepções nem restricções, são pouquissimas, e talvez o que ainda nellas predomina é o ouvido, a euphonia, que é aliás um criterio variavel com a pessoa. Neste exemplo de João Lisboa: *Ainda quando* José Pedro das Lages *sublevou-se* (Obras, Maranhão, 1865, IV, 640) algum pontilhoso da collocação poderia acaso ver um defeito; não seria, porém, defeito maior *se sublevou*, com a concomitancia dos sons *se su?*

Terão, porém, os dous doutores exgottado nesta discussão, a palpitante (que elles me perdoem o gallicismo) momentosa, interessantissima questão dos pronomes e trazido a este mysterio, mais escuro que o da Santissima Trindade, luzes definitivas? Não me atrevo a responder pela affirmativa, tão seguro estou de que o Sr. Ruy Barbosa, si treplicar ao professor Carneiro, ainda achará argumentos nas theorias e exemplos nos classicos, com que contestal-o.

Grandissima foi a impressão produzida pelo Sr. Ruy Barbosa no animo daquelles a quem estas cousas interessam, com o seu *Parecer* sobre a redacção do Codigo Civil. Analysando miudamente essa redacção, esmerilhando-lhe os erros, as cincas, os equivocos, os descuidos, os simples enganos, com grande copia de conhecimento do assumpto, mas com manifesta acrimonia e evidente paixão que questões de linguagem parecia não deviam comportar, o illustre publicista punha no empenho de esfrangalhal-a todo o esforço do seu saber e todo o peso da sua por demais reconhecida autoridade, accrescentados de uma malevolencia acaso destoante de taes locubrações. No primeiro memento, a impressão, e eu tambem a tive, confesso, foi de que quasi não havia naquelle *Projecto* uma linha certa. São por tal fórma vagos e inseguros os preceitos da grammatica portugueza, é tão frouxa a disciplina desta lingua, apresenta ella ainda tão intrincadas questões, são tantas as controversias a que continuam o seu vocabulario, a sua semantica, a sua syntaxe, sem falar da sua prosodia e orthographia, a dar lugar, que — e toda esta discussão claramente o deixa provado — os mesmos que a têm mais especialmente estudado se não entendem. Não admira pois que o *Parecer* do Sr. Ruy Barbosa causasse aquella impressão : á autoridade extraordinaria do seu

nome juntava-se o gesto imponente da certeza absoluta, indiscutivel, com que elle affirmava que tudo ou quasi tudo ali estava errado. E os homens, ainda os que se têm por mais advertidos, e até os que parecem mais alumiados, se deixam sempre impressionar por esses gestos, por « aquelle descarado heroismo de affirmar, que, batendo na terra com pé forte, ou pallidamente elevando os olhos ao Céo, cria, através da universal illusão, Sciencias e Religiões »... e Regras de grammatica e Dictames de linguagem, tambem. Fui demasiado prompto em aceitar como palavra do Evangelho a lição de portuguez do Sr. Ruy Barbosa a toda a nação. Não obstante, eu mesmo comecei a lhe pôr restricções a algumas affirmativas erradas em pontos em que me achava fundado para contestal-o. Desses foram, lembra-me, os casos de *progenitor* e *successo*, palavras que o eminente censor julgava tinham sido erradamente empregadas, e que certamente não o estavam. Passado o primeiro momento da estupefacção causada pela queda daquelle penedo philologico no charco da nossa sciencia do vernaculo, começaram as primeiras vozes de desagravo. Jornaes. revistas, notas miudas, artigos, estudos mais longos, cobrando coragem, contestaram a palavra autorizada e autoritaria do mestre, em muitos pontos com vantagem. Uma memoria do professor

Fonceca, de Pernambuco, corrigiu-o fundadamente, não só em passos da lingua commum, mas ainda da linguagem do direito patrio, em que o erro, em tal mestre, assumia proporções colossaes. Mas, quem mais galhardamente lhe saiu ao encontro, foi o velho professor bahiano, Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro, antigo mestre de grammatica de Sr. Ruy Barbosa, e grammatico abalisado. A's *Ligeiras observações* do seu velho professor ás censuras do seu parecer ao projecto de Codigo, que este revira na parte relativa á linguagem, retrucou o Sr. Ruy Barbosa desabridamente na sua *Réplica*, a qual fez ainda mais barulho e mais sensação que o seu *Parecer*. Atrever-se a objectar ao Sr. Ruy Barbosa? Ousar duvidar-lhe do saber infallivel? Fazer restricções á sua sciencia de *omni re scibili*... Para um crescidissimo numero de simples ou de papalvos, outras tantas heresias dignas de anathema.

E estomagado com o atrevimento do seu antigo mestre de oppôr algumas ligeiras observações á sua censura infallivel, tomou o Sr. Ruy um tom que me abstenho de classificar, mas que está cabalmente indicado pela epigraphe de Castilho na sua traducção das *Metamorphoses* de Ovidio, por elle posta á sua resposta ao professor Cordeiro : « Tanto é facil aos discipulos sobrepujar algumas vezes os mestres que os precederam ».

A resposta do professor Carneiro demorou dous annos, mais veiu ao pé da letra e, parece-me, completa e cabal.

Do alto da sua autoridade, condemnára irremissivelmente o Sr. Ruy Barbosa expressões como *Só póde*, *se julgará*, (no meio do periodo) *convenções privadas* (e, em geral, o emprego de *privado* por *particular*), *carecer* (no sentido de *precisar*, *necessitar*), *estabelece ella*, *honorabilidade* (á pag. 139 mostra o professor Carneiro que o proprio Dr. Ruy Barbosa empregou varias vezes em escriptos e discursos seus esta palavra que na *Réplica* declarou espuria), o artigo *o* antes do *que* interrogativo (e o Dr. Carneiro destróe as razões com que o Dr. Ruy Barbosa justifica este emprego em alguns exemplos classicos, V. p. 152) e outras e outras, como verá o leitor da *Resposta* do Dr. Carneiro.

Este, mais seguro evidentemente do que o seu antigo discipulo, nas doutrinas grammaticaes, e não menos do que elle conhecedor dos classicos, e tambem mais afeito á esgrima grammatical, não encontra difficuldades para reduzir ás suas justas proporções a maior parte das censuras do Sr. Ruy Barbosa, que elle accusa de confundir as categorias grammaticaes, o *que* interrogativo com o que o não é (p. 169), locução prepositiva e adverbio (p. 450) e errar na regencia (p. 446 e seg. e toda a discussão sobre

crase, p. 219, e bem assim a de pags. 324 e seg). Mas o que, com um mal encoberto sentimento de causticidade, embora não iguale nunca á acrimonia do seu ex-discipulo, o Dr. Carneiro põe com mais gosto de manifesto, são as suas deturpações e viciamentos de textos, as suas citações truncadas, e a incoherencia do seu modo de escrever com os seus preceitos. João de Barros escreveu : « Ver ante si D. Garcia de Noronha, seo sobrinho, a que elle muito queria. » Tendo o Sr. Ruy sustentado, erroneamente, que neste caso, de querer bem a alguem, o verbo *querer* tambem se usa como transitivo, com objecto directo, copiou o trecho de Barros supprimindo-lhe o *a* de antes do *que*. (Carneiro, *Resposta* XXI). Tambem, adduzindo o Dr. Ruy Barbosa um trecho de Littré, com que procura justificar uma censura sua, em vez de *amours illicites*, que escrevera Littré, copia *amour illicite*, no singular, o que em francez diverge. (Ib. XXI). Igualmente, tendo citado de Fr. Luiz de Sousa um trecho para mostrar no grande classico « uma violação á regra do *se* que usado como particula apassivadora força o verbo ao plural, quando deste numero é o sujeito » (Carro), neiomitte as tres primeiras palavras da phrase (Ib. XXI). Num passo chamára o professor Carneiro de *brasileirismo* ao nosso modo de collocar os pronomes complementos, o Sr.

Ruy troca-lhe a designação acertada pela menos justa de *idiotismo*, e sobre ella argumenta. Outra vez faz dizer a Vieira *primigenitor*, quando o que Vieira escreveu, como toda a gente, foi *primogenitor* (Ib. 189). Apontando em outro ensejo os *Serões Grammaticaes* do professor Carneiro, o Dr. Ruy Barbosa citou apenas as regras que convinham, calando a que mais applicação tinha ao caso em discussão (Ib. 249). De outra feita, diz que Domingos Vieira no seu *Diccionario* não dá o verbo *reger* como intransitivo, quando se verifica que, ao contrario, o dá como tal (Ib. 339). Noutro ponto troca a phrase do Dr. Carneiro « dá-se de ordinario » por esta sua « se costuma usar » (Ib. 510); do mesmo modo lhe altera a que escrevera nas *Ligeiras observações*. Algures « attribue falsamente a Alexandre Herculano (a accusação é do professor Carneiro) uma construcção portugueza de que este nunca usou, em nenhuma das obras que sairam da sua penna primorosa » (*Ib.* 526). Parece-me que basta; nas 300 paginas que restam do Dr. Carneiro poder-se-ia ainda forragear muitos outros casos iguaes a estes de infidelidades de memoria do Sr. Ruy Barbosa, tanto mais de notar quando S. Exa. se gaba e envaidece da força da sua retentiva, que de facto é, como diria Taine, a sua faculdade predominante.

Para os ignorantes e mofinos escriptores,

como eu, o assistir a esta briga de grammaticos e vernaculistas, sobre ser um espectaculo divertido, é um consolo á nossa mesquinhez de autores somenos. Como erram os mestres! Como ignoram os sabios! E como é verdade o estafado proloquio de que « o verdadeiro merecimento é modesto. »! Esta discussão resulta afinal numa lição de moral literaria. Cumpre, em materia de lingua portugueza, sermos moderados e modestos nos nossos juizos, muito cautelosos e prudentes em affirmar o nosso saber e ainda mais em marcar os erros aos outros. Por pouco que elles conheçam os classicos, raro será que não achem nestes com que se justifiquem e defendam. O Sr. Ruy Barbosa condemnou, sem appellação, o vocabulo *autoral* (como condemnou muitas outras palavras e expressões que o Dr. Carneiro prova excellentemente vernaculas), e, por extensão, reprovou outros de formação identica, *dictatorial, senatorial*. Mostra-lhe o professor que destes usaram Latino Coelho e de *eleitoral*, que lhe mereceu o mesmo desgosto, Alex. Herculano. De *autoral* affirma o Sr. Ruy Barbosa que « nenhuma lingua o perfilhou até hoje », e vai o professor Carneiro e aponta-o nos mais afamados e celebres diccionarios inglezes, que o justificam com exemplos de Scott, Ritson, Poe e D'Israeli.

E' mais ou menos da mesma natureza a con-

demnação lavrada pelo Sr. Ruy Barbosa do excellente vocabulo *agir*. Porque o condemnou o mestre? Porque é o francez *agir*, porque não o encontrou nos classicos, porque « não exprime a acção com a sua amplitude, a sua variedade, a sua belleza, a sua força (note-se a redundancia peculiar ao estylo do Sr. Ruy Barbosa) ».

Nenhuma destas razões procede, como demonstra o Dr. Carneiro de pags 626 a 631 do seu livro, e são até futeis. Vem do francez? Mas quantas palavras autorizadas pelo uso dos classicos e hoje parte integrante do lexico portuguez não vieram do francez? O caso é saber si a sua formação é boa, isto é, feita de accordo com as leis da lingua e si havia necessidade della. Si vingasse o criterio do Sr. Ruy Barbosa, as linguas ficariam estacionarias. Que é excellentetemente formado o verbo *agir*, não precisava que o Dr. Carneiro, com o seu saber especial, nos demonstrasse. E si temos já os vernaculos *coagir*, *reagir*, *retroagir*, *exigir*, *redigir*, *corrigir*, todos derivados da mesma origem latina *agere*, porque não teremos *agir*? Só porque o não trazem os classicos ou porque o tem a lingua franceza? A que ficaria reduzida a lingua portugueza, si houvesse de prevalecer esta comprehensão? Mas o termo *agir* não é só do francez, sinão tambem do hespanhol e do italiano, linguas mais affins da nossa. E além de achar-se auto-

rizado como termo juridico, e reconhecido por legitimo por um diccionarista (Candido de Figueiredo), a cujo saber do vernaculo o Sr. Ruy Barbosa teceu os mais rasgados elogios, é usado e empregado no Brazil e em Portugal por todos os cultos e incultos, e até por todos os escriptores que se não picam de puristas. Só este facto dava-lhe o direito de cidadania da lingua.

A razão do Sr. Ruy Barbosa, de que « ao seu ouvido, pelo menos, o *agir* é uma palavra chocha, enfezada, insignificante », é um motivo pessoal, muito respeitavel sem duvida, mas que não póde ser trazido á discussão por improcedente, e o Sr. Carneiro o contestou com muito acerto e, o que é mais, com verdadeiro chiste. Ai das linguas si fossem attender ás idiosincrasias dos escriptores; e em materia de lingua, como em tantas outras, todo o mundo tem mais espirito que o Sr. de Voltaire. O Sr. Ruy Barbosa gostou do *diversorio*, a ponto de o empregar desapropositadamente; pois eu conheço escriptores que só sob a ameaça de morte o empregariam, tão horrivel o acham. *De gustibus*...

Mas de facto não ha palavras feias nem bonitas, energicas ou fracas : essas qualidades resultam-lhes da sua situação na phrase, do modo por que as empregamos, da idéa que lhes juntamos, e são puramente subjectivas.

O argumento do Sr. Ruy Barbosa revê aquelle

preconceito do classicismo e do pseudo-classicismo portuguez, da existencia de palavras feias, bonitas, baixas, sublimes, vis, nobres, busão philologica que dava lugar a toda uma categoria de estylos da velha rhetorica, cada um dos quaes exigia certos vocabulos e refugava escandalizado outros. Uma *Reflexão* do conhecido livro de Francisco José Freire sobre a lingua portugueza occupa-se dos vocabulos que no tempo do autor (seculo XVIII) se não admittiam em estylo magnifico e sublime, mas só no familiar, comico e jocoso. Naquelle estylo se não dizia então *adega*, mas *cella vinaria*, *agarrar* mas *pegar bém*, *alcoviteiro* mas *torpe medianeiro* ou este delicioso accacismo — *ministro infame da luxuria alheia*, e muitas outras cousas tão jocosas. Ora, tudo isso acabou, e uma das victorias do Romantismo, por toda a parte, foi a derrubada deste preconceito absurdo. As palavras chamadas plebéas, de que usou V. Hugo nos seus dramas, eram recebidas com pateadas pelos classicos da platéa. Entretanto, Gœthe muito antes não duvidára empregal-as no seu *Fausto*, e não só simples vocabulos menos graves, mas até expressões bem pouco academicas. E Hugo, numa passagem celebre dos *Miseraveis*, não recuou ante aquella palavra que Garrett mandava perguntar a Castilho si sabia que era gallicismo, e que aliás não é, ou pelo menos

está vernaculizada pelo antigo uso, pois já se encontra em documentos antiquissimos dos *Ineditos da historia portugueza.*

Nada, pois, mais razoavel de que *agir* venha enriquecer a nossa synonymia de *obrar*, *actuar*, *operar*, *proceder*, com a vantagem de muitas vezes ter mais cabimento, concisão e força do que qualquer destes. Justamente nesta occasião deparou-se-me numa leitura que fazia, esta phrase, em inglez, do philosopho chinez Wan Yang Ming: « To know and to act are one and the same ». Traduzam esse *to act* por qualquer daquelles puros termos portuguezes *obrar*, *actuar*, *operar* e *proceder* e depois por *agir* e digam-me em toda a sinceridade si a unica fórma boa não seria esta : Saber e agir são uma e a mesma cousa. Ponham-lhe *obrar*, por exemplo, e verão. O que me admira, é que tendo o Sr. Ruy Barbosa, por suggestão de uma verdadeira *boutade* (pede-se um bom termo portuguez para substituir este francez) de Camillo na sua famosa polemica com Alex. da Conceição, excommungado a palavra *privada*, na significação de particular, (significação hoje quasi caida em desuso entre nós) tanto gosto mostre pelo *obrar*.

Sejamos, pois, modestos : eu confesso, por minha vergonha e confusão, que já me aconteceu, como critico, censurar como erradas, em escriptores novéis, fórmas que se acham nos

classicos. Quem não julgaria, á primeira vista, gallicismos *fazer as unhas*, *fazer naufragio*, *fazer erro*, *fazer resposta* e quejandos dizeres, que realmente não parecem portuguezes? Pois lá estão nos classicos, onde, procurando bem, tudo se encontra, até solecismos grosseiros, dos quaes aponta alguns o professor Carneiro.

E' que os nossos classicos foram até aqui, em Portugal e no Brazil, estudados sem criterio, ao menos sem um bom criterio. Nunca se fez, nem no velho reino, nem deste lado do Atlantico, um trabalho de revisão critica dos textos, de edição emendada e corrigida que merecesse toda a fé, de estudo da lingua, em todas as suas particularidades, si não de cada um, pelo menos dos principaes classicos portuguezes, que nem remotamente se pareça com os lavores de critica literaria e philologica a que foram na França, na Inglaterra, na Italia e creio que na propria Hespanha submettidos os seus classicos. Que confiança merecem as edições dos classicos portuguezes que possuimos, ainda as melhores? Do mesmo Camões, são camonistas eruditos que o declaram, não ha ainda uma edição satisfatoria. Compare-se o que ha na Italia, e elementares, ao alcance de todos, de Dante e do mesmo Tasso, e ver-se-á a enorme differença, e o nosso grande atrazo nesta materia. Depois, que é classico? quem são os classicos? que clas-

sicos são para seguir ainda hoje, e quaes apenas poderão servir como subsidiarios ao estudo historico-grammatical da lingua? (1). São questões que parecendo respondidas á nossa preguiça intellectual, não o estão de facto. Prova é ainda esta briga de grammaticos, que sem attender ao facto comesinho da evolução, até syntactica, da lingua, indifferentemente se apoiam em escriptores de tempos e épocas differentes, e para os quaes a antiguidade parece ser o unico criterio de vernaculidade. Assim, o Sr. Ruy Barbosa, e ninguem, apezar de tudo, lhe póde negar que sabe a sua lingua, e que é dos nos-

(1) Não se julgue impertinente a minha questão. Não ignoro que existe um *Catalogo dos livros que se hão de ler para a continuação do Diccionario da lingua portugueza*, Lisboa, 1799, que, por ser mandado publicar pela Academia Real das Sciencias de Lisboa, é de ordinario tido por um trabalho official com a autoridade e responsabilidade da douta sociedade. Entretando, como demonstra Innocencio (*Dic. Bibliogr.* II, 54), esse *Catalogo* não tem a autoridade que, de commum e sem mais exame, se lhe attribue. Que elle não resolveu as incertezas mostra-se com José Feliciano de Castilho, grande sabedor e cultor da lingua, perguntando dezenas de annos depois : « Que cousa é classico? Quaes os caracteres por onde esta honrosa qualificação se possa adquirir? » E vai por diante com as suas duvidas. (*Noticia da Vida e Obras* de MM. Barbosa du Bocage, Garnier, 1867, III, 305.)

sos homens mais cultos, si bem que de uma erudição um pouco atrapalhada, para justificar-se de uma expressão menos perfeita de que o reprocha o professor Carneiro, socorre-se de exemplos do Rei D. Duarte e de Fernão Lopes, que são dos seculos XIV e XV. Contestando-lhe, com motivo, o direito de apoiar-se em escriptores tão remotos, de quando a lingua estava ainda na infancia e formação e era ainda incerta, escreve com justo sentimento das cousas e a sua autoridade de grammatico o professor Carneiro : « Tratando-se da correcção grammatical de uma lingua, não se deve partir de suas primeiras épocas, ainda incultas e rudes, senão do seu periodo de mais elegancia e polimento, do seu periodo verdadeiramente classico. O escriptor portuguez ou brazileiro, no seculo que corre, não se deve inspirar nas construcções dos chronistas do seculo XV, tomando-os sempre como modelos no tecer o discurso. »

Não é outro, fóra de Portugal e hoje do Brazil tambem, o sentir, não só dos mestres da grammatica e da philologia, mas de todos os grandes escriptores (e só o são aquelles que têm alguma coisa que dizer e sabem dizel-a na lingua do seu tempo, e não na dos seus decimos avós). E' o criterio de Littré, longamente exposto no notabillissimo prefacio do seu celebre diccionario : « O estylo do XVII seculo, o que foi

consagrado pelos nossos classicos (reconhece o sabio philologo e escriptor distincto) nem por isso ficou ao abrigo de mudanças, e a mão do tempo se fez de tal sorte sentir nelle, que a muitos respeitos elle nos parece pertencer a uma lingua estrangeira cujas finezas, elegancias, bellezas comprehendemos ». Não é o mesmo que poderiamos dizer do nosso seculo dos quinhentos? Miguel Bréal, outro eminente philologo e notavel escriptor, mostrando no seu *Essai de Sémantique*, um livro logo classico, que a idéa de *pureza* da lingua, « que póde sempre ser contestada », decorre tambem da « necessidade em que nos achamos de conservar o contacto com o pensamento daquelles que nos precederam », nota como um desacerto a tendencia, commum a muitos letrados, de, quando se tem de decidir entre duas construcções, inclinarem-se de ordinario para a mais antiga. E pondera : « Cumpre a cada nação ver até que ponto póde ella olhar para o passado, sem perder o contacto com o presente. » Não se poderia notar que Portugal não soube sempre conservar-se na medida justa e que por amor de ver o passado perdeu um pouco o espectaculo do presente? Não fôra a acção pseudo-classica dos Filintos, e dos Castilhos depois, com os Silvas Tullios e os Latinos Coelhos e outros puristas extremados, que pretenderam voltar á lingua dos quinhen-

tistas, teria acaso havido a reacção, sempre maior que a acção, que, exhorbitando, chega hoje a perder, como noto nos ultimos escriptores portuguezes, até o sentimento da lingua?

Não haveria maior aberração do certissimo conceito do evolver das linguas do que pretender cada um fazer-se arbitro desse desenvolvimento, que ha de ser natural, logico, espontaneo, simplesmente determinado pelas condições que normalmente nelle influem. Não haveria desconcerto maior do que, a pretexto de evolução da lingua, esquecer o seu passado, as suas regras, a sua indole, e tratal-a cada um como roupa de francez.

Reagindo, infelizmente nem sempre com aquella medida que era de esperar do seu talento e bom gosto, mas que tem explicação no seu espirito inclinado ao paradoxo, o meu prezado confrade Sr. João Ribeiro, que é simultaneamente um grammatico e um escriptor, « cousas que juntas se acham raramente », diz com razão e bom humor: « Outros (que escrevem ao uso e abuso do *mau portuguez*) se escusam da inepciá ou preguiça com a noticia de que se ha mister da *evolução* da lingua, a lingua *evolue*! Mas quem lhes deu a autoridade e esse grande papel de serem as molas desse movimento espiritual de todo um povo? E á conta dessa chamada evolução se põem e se dissimulam quantos

disparates e despropositos. » (*Paginas de Esthetica*, 12).

A razão por que os autores que num dado momento fixaram na melhor lingua do tempo, e com o summo de correcção e belleza que puderam, o pensamento, o sentimento, a vida emfim do seu povo, e por isso chamados classicos, merecem o nosso respeito e veneração, é porque elles são por assim dizer o élo vivo e sempre á mão entre o nosso proprio pensamento e o do passado. Não foram elles, a lingua que nos serve hoje de instrumento de expressão, não seria o que é, e ter-se-ia, como os idiomas não escriptos dos povos barbaros, perdido e deturpado em algaravias diversas. E' o mesmo principio verdadeiro e fecundo da continuidade historica, do sentimento do passado, tão necessario ao alcance do futuro, que legitíma a nossa estima e o nosso acatamento pelos melhores escriptores antigos da nossa lingua. Mas como, admirando e respeitando o passado, as suas instituições, os seus usos, os seus sentimentos e idéas, e os seus homens, nós não podemos senão tirar delle a lição por ventura proveitosa ás nossas condições presentes, sem imital-o servilmente ou copial-o ou repetil-o, assim tambem seria insensatez, e ao cabo impossivel, pretender reproduzir a sua lingua. Toda a questão se resume, pois, no criterio do bom escriptor, no seu sentimento da

lingua, no seu bom gosto, na intelligencia da sua percepção do que constitue verdadeiramente a belleza e perfeição de uma lingua, sem impertinentes arremedos classicos, nem estolidos emprestimos archaicos. Na arte de escrever tambem, cumpre não vasar o vinho novo nos velhos ôdres.

Nem estou desamparado nas opiniões que ultimamente tenho aqui sustentado contra os abusos da reacção classicista ou purista. Posso buscar apoio em Antonio Feliciano de Castilho, o enorme vernaculista, que reconhece a insufficiencia da nossa lingua, ainda enriquecida da lingua classica, para as necessidades modernas do nosso falar : « Nossa lingua (e ninguem, parece, a soube praticamente melhor do que elle) qual por ora a temos, e até restituindo-lhe todos seus fóros caídos, todas suas joias enterradas, não suppre as hodiernas precisões do espirito. Quando a esphera do saber, sentir e pensar se está de hora para hora dilatando no mundo, forçado é que a esphera da expressão ao mesmo compasso se dilate e engrandeça. Repôr ao idioma quanto já teve, será louvavel consciencia, porém não bastará, se após isso se lhe dão dér, com mão liberal, mas prudente, quanta substancia nova elle possa receber e commutar, para que na aposta da carreira que os entendimentos das nações agora levam para

o infinito desconhecido, o da nossa, por fraco e sem azas, se não deixe ficar atrás. » (*Nota* do poemeto *O dia da Primavera*, *apud* Castilho José, *Bocage*, III, 250).

E' justamente, ou apenas com insignificantes differenças, o que tenho aqui mesmo sustentado neste e em outros escriptos sobre a nossa lingua.

Um grande sabedor hespanhol de cousas literarias classicas e modernas, o professor Unamuño, o mais original e espirituoso exegeta do *D. Quixote*, crê tambem « que para enriquecer o idioma melhor do que ir pescar em velhos alfarrabios de antigos escriptores vocabulos hoje mortos, é tirar das proprias entranhas do idioma, da fala popular, vozes e boleios que nella vivem ». (*Vida de D. Quijote y Sancho*, Madrid, 1905).

Não é certamente temerario affirmar que si Camillo Castello Branco merece o elogio de Castilho do maior opulentador da lingua portugueza, o deve menos ao muito que respigou naquelles alfarrabios, do que ao que recolheu e deu cunho literario da bocca do povo, que foi, como de outro grande escriptor portuguez, Garrett, o seu principal mestre da lingua. Isto se verifica estudando os *Subsidios para um diccionario* de Cortesão, no qual é consideravel o contingente de palavras que não têm outro abonador si não Camillo, que as desenterrou da inexgotavel e feraz mina popular.

V

O SR. ALBERTO DE OLIVEIRA (1)

Para a critica que exulta quando se lhe offerece ensejo de louvar, como para os amadores da boa poesia, que ainda os ha e muitos, é verdadeiramente um regalo o novo livro de *Poesias* do Sr. Alberto de Oliveira.

No acervo enorme e monstruoso da nossa producção poetica, da rapsodia sandía, da repetição esfalfada, do repisar cançativo, ou de uma falsa, falha e extravagante novidade de dezenas de volumes de versos sem inspiração real, sem sentimento, sem lingua, de uma arte pretenciosa ou insipida que aqui todos os annos se publicam, destaca-se singularmente este.

Não é uma revelação; longe disso, que desde o seu primeiro livro de versos, *Canções roman-*

(1) *Poesias*, segunda serie (1898-1903), H. Garnier, 1905.

ticas, de 1878, e, principalmente, desde o segundo, de 1884, appareceu o Sr. Alberto de Oliveira como um poeta de mais alguma cousa que as esperanças que, a ouvir o noticiario e a critica, dão aqui todos os que publicam livros de versos. E desde então o Sr. Alberto de Oliveira não cessou de progredir, de melhorar, de aperfeiçoar-se. Convenço-me até que dos poetas seus emulos de nomeada é elle o unico em que é sensivel este aperfeiçoamento.

A's *Canções romanticas*, aliás por elle rejeitadas da sua obra definitiva, e cuja inspiração e fórma, influencias exteriores e pouco adequadas ao seu estro, acanhavam, e cujo estylo, como tão bem lhe reparou o Sr. Machado de Assis no seu prefacio das *Meridionaes*, tinha alguma cousa fluctuante e indecisa, succederam as *Meridionaes* (1884), os *Sonetos e Poemas* (1887), os *Versos e Rimos* (1895), e finalmente o *Livro de Emma* (1898).

Naquelle seu encantador prefacio, recommendára-lhe o Sr. Machado de Assis que se affirmasse, e o poeta ouvio-o. Mas o ouvio porque tinha ouvidos para ouvir. Os conselhos valem segundo quem os ouve, e é talvez por isso que os conselhos da critica, ainda a mais autorisada e bem intencionada, são pela maior parte perdidos.

Lendo-se successivamente, na ordem em que

foram publicados, os poemas do Sr. Alberto de Oliveira, não se precisa de uma grande perspicacia para descobrir, nem de uma grande sensibilidade para sentir, a evolução do poeta e, notavelmente, a affirmação de uma personalidade que se desembaraça de influencias exteriores immediatas, alcança uma individualidade distincta. Desta são signaes a precisão e a nitidez do pensamento e da expressão, juntamente com uma largueza e intensidade maior da emoção, que especialmente o fazem por ventura sem rival na nossa poesia de hoje.

A nova serie das suas *Poesias* é disso testemunho.

De parte o *Livro de Emma*, no qual o poeta começára (1892-1897) a desprender-se da maneira parnasiana e a libertar-se dos preconceitos do sectarismo literario, a obra poetica do Sr. Alberto de Oliveira tinha o cunho dessa escola. Mas, como já no meu estudo de 1899 sobre elle observei, com o seu temperamento proprio e mais com a nossa tradição lyrica e a nossa indole nacional, não lhe era permittido ser um parnasiano puro. Aquelle e estas haviam de temperar-lhe o éstro de sensibilidade, embora uma sensibilidade, ao menos a principio, reservada e reprimida, sem enthusiasmo (no que me punha em contradição com o meu illustre con-

frade Sr. Araripe Junior) nem expansões demasiadas.

A impassibilidade affectada, que era uma obrigação da escola, cedeu o passo á manifestação mais franca de sentimentos mais naturaes e menos estudadas. Em uma palavra, o poeta ganhou em commoção e a sua commoção augmentou de intensidade. E é este justamente, penso eu, o traço mais caracteristico das suas novas *Poesias*, o seu sentimento, o que podemos chamar a sua emoção poetica, é mais desenvolto, mais atrevido, mais livre, estou quasi a dizer mais despejado, e a sua sensualidade, em vez de refinar-se, humanizou-se. Não sei si é completa nos seus novos poemas a sinceridade do Sr. Alberto de Oliveira; ás vezes acho-lhe no demasiado lavor artistico, em certos requintes da fórma e da expressão, como um signal antipathico de artificio. Não importa, ha muita cousa, e excellente, nestes poemas, que nenhum outro poeta nosso jamais exprimiu com menos rebuço, com menos biôcos, com maior desenvoltura e até desplante, sem prejuizo aliás do decóro da emoção e da elegancia e formosura da expressão.

Um bom gosto requintado e pontilhoso, que já de o ser é um vicio, poderia reparar num ou noutro verso ou estancia dos novos poemas do Sr. Alberto de Oliveira, uma liberdade que lhe

pareceria exagerada, modos de dizer, expressões, comparações susceptiveis de offender melindres estheticos demasiado delicados :

Certo é que muita vez num colerico assomo,
Me repelliste, alçando a mãosinha cruel;
Mas eu voltava logo a andar-te em torno, como
A aeronave Dumont em torno á Torre Eiffel.

Ao pé das tachas, de onde a quando e quando
No ferver forte, desflorando a espuma
Um bafo grosso evolve, ella curiosa
Detem-se, e do trabalho a scena bruta,
O estrepito da lucta
Vida do engenho e movimento gosa
. . . . . .
. . . . . .
Eu olho apenas Laura, o olhar lhe espreito
E quem meu rosto observe
Ha de ver, como vejo
Que me enche o fogo vivo de um desejo
E a tumultuar-me, a resaltar no peito,
Meu coração, como essas tachas, ferve.

Eu, como que num fluido estranho immerso,
Faço, talvez, o meu primeiro verso
Vendo córar ao sol as suas saias.

Podiam-se multiplicar as citações, e outras apparecerão no decurso deste estudo justificando o meu asserto, mas não quero ficar nas exterioridades da fórma nova e desembaraçada destes poemas do Sr. Alberto de Oliveira. Esta

familiaridade, que apenas rarissimamente descerá á vulgaridade da expressão, que se mantem quasi invariavelmente no seu dominio proprio, como a familiaridade de um Heine, e de outros poetas allemães, inclusive Gœthe, e que é uma forma do humor, revela-se tambem no sentimento do poeta e casa-se admiravelmente com a fórma da sua inspiração poetica.

Vejam o poema *Incoherencia :*

Dá o vento por acaso, e une dous ramos;
Dá outra vez, succede que os separa,
Dest' arte-triste fim que eu mal sonhara!
Nós nos unimos, nós nos separamos.
Separados, eu sei que nada iguala
Ao soffrer teu, se uma outra me sorri,
E nem ao meu soffrer, se alguem te fala,
Se vejo alguem se aproximar de ti.
Tu comigo, eu comtigo ambos sonhamos...
Para que, afinal, nos separámos?

Não é commum. O sentimento é delicado e fino, sem ser raro ou rebuscado, mas a expressão sincera, familiar, natural, de terna e doce melancolia, que não chega á tristeza profunda, distingue-o. E é esta nota, simultaneamente triste e risonha, grave e brincalhona, terna e ironica, muitas vezes desabusada, que talvez principalmente dá o tom singularmente distincto deste livro de versos, onde uma arte notavel apenas discretamente disfarça uma verda-

deira emoção poetica de primeira ordem.

Leiam *Uma Carta* e vejam como a trivialidade de um episodio de costumes sociaes toma nos versos faceis do poeta, não direi assomos de tragedia, mas o resaibo doloroso das cousas vagamente tragicas. E o final, *Nova Carta?* Como o pungente comico da ideada situação possivel fecha o poemeto com um traço cruel e despejado! *Cousas passadas*, uma revista rapida, em versos leves e alados, como a fugaz memoria dessas cousas, e ao cabo melancolicos, como a reminiscencia dellas, são do mesmo cunho :

> Tão bom pensar nestas cousas!
> Mas são cousas que lá vão!

E com este tom, que é todo um novo estylo de poesia, novo pelo menos no poeta, e na nossa poesia, uma exquisita commoção amorosa, singularmente realçada por este estylo, e da qual o mais bello exemplo é o poema de *Alma em flor*, talvez a obra-prima do éstro do Sr. Alberto de Oliveira.

Não só este poema, mas todo o seu livro (leia-se o delicioso trecho *Alcova deserta*), me traz á memoria o guapo Leonardo, de Camões:

> Manhoso, cavalleiro e namorado,

namorado principalmente, e do mais poeta,

como devia ser o bem disposto lusiada amoroso de Ephyre. Deste cançado e cançativo thema do amor conseguiu o Sr. Alberto de Oliveira sensações novas ou que taes parecem, através dos seus versos plasticos, voluptuosos, quentes e namoradissimos. Ha muito, um poeta nosso, dos vivos, me não dá, com a mesma intensidade do Sr. Alberto de Oliveira neste livro, a impressão de um sentimento tão sentido e sincero, como o que me parece descobrir neste. Em *Alma em flor* a representação do estado d'alma do adolescente de quinze annos que ao mesmo tempo desperta para a poesia e para o amor, é de uma rara felicidade e formosura :

Que ancia de amar! E tudo a amar me ensina;
A fecunda lição decóro attento,
Já com liames de fogo ao pensamento
Incoercivel desejo ata e domina

Em vão procuro espairecer ao vento,
Olhando o céo, os morros, a campina.
Escalda-me a cabeça e desatina
Bate-me o coração como em tormento.

E á noite, ai! como em mal soffreado anceio,
Por ella, a fórma inda mysteriosa
E que não sei quem seja, afflicto chamo!

E sorrindo-me, ardente e vaporosa
Sinto-a vir (vem em sonho). Une-me ao seio,
Junta o rosto ao meu rosto e diz-me : Eu te amo!

Quem aos quinze annos, nesta nossa gente de precocidade amorosa, não sentiu aquelle «mal soffreado anceio» pela fórma ainda mysteriosa de uma desconhecida? E estes rasgos delicados, iguaes sensações tão felizmente expressas, não são raras nas novas *Poesias* do Sr. Alberto de Oliveira.

Outra feição dellas é o seu pantheismo, quero dizer um sentimento intimo da natureza, um congenito gosto de cantal-a, uma sensação manifesta della na alma do poeta. Infelizmente, não é ainda profundo este sentimento da natureza no Sr. Alberto de Oliveira, ainda não se transformou no seu espirito na sensação indefinida, mas significativa, que é o remate ultimo da inspiração poetica. Elle fica ainda nos aspectos exteriores das cousas, sem tirar dellas a sua intima essencia, ou uma interpretação que satisfaça o nosso desejo de penetrar o seu sentido incerto. Em *Terra natal* ha cousas bellas, até bellissimas, porém ainda mais pitorescas que da belleza superior de uma interpretação artistica da nossa natureza.

O poeta descreve e canta admiravelmente os aspectos da sua terra natal, os seus accidentes, a sua natureza, mas a alma mesma das cousas escapa-lhe ainda e o seu sentimento da natureza brazileira, manifestamente intencional, se não intensificou e generalizou perfeitamente até o

pantheismo. Um poeta como o Sr. Alberto de Oliveira obriga a severidade da critica. Ella não póde ter com elle as condescendencias que reclamam poetas somenos. E' certamente bella e vibrante, e até enthusiastica, a sua canção da sua terra, mas é apenas eloquente, sem ter ainda a significação profunda que lhe quizeramos ver tirar della. Entretanto como, simples representaçâo da terra brazileira do poeta, tem esta canção qualidades não vulgares de vigor e colorido, maiores do que de commum se acham naquellas que resultam de um simples gosto ou preconceito de escola, ou de um affectado sentimento nacionalista.

Estes aspectos intimos, essenciaes, da poesia do Sr. Alberto de Oliveira, realça-os ,não só a excellencia da sua fórma, que os destaca e faz valer, mas ainda, e de muito, os bons quilates da sua lingua, a sua pechosa correcção, a vernaculidade do seu vocabulario e phraseado, sem vislumbre siquer das extravagancias, das facilimas ousadias a que a ignorancia, o amor da rima, as necessidades do metro arrastam ou aconselham muitos dos nossos poetas, especialmente os novos. Não tem a lingua do Sr. Alberto de Oliveira nenhum desses artificios, com que é tão facil, e falso, fingir distincção ou brazileirismo. Pena é qne o excellente poeta ainda sacrifique mais do que convinha á dis-

tinção do seu éstro, á descripção, á moda parnasiana, ou á velha maneira do nosso lyrismo, sem muitas vezes ainda haver querido ou sabido tirar dos aspectos e cousas que pinta ou descreve, a commoção que acaso comportam e exprimil-a numa synthese emocional, como a daquella *Alcova deserta* :

Oh! a saudade, poeta, é uma resurreição!

E' talvez que a evolução pantheista do Sr. Alberto de Oliveira, começada com o *Livro de Emma*, mais accentuada neste, se não completou ainda, é que a nossa natureza, a despeito do muito que elle lhe quer, não o impressionou tão profundamente como a mulher e o amor. Quiçá não tem esta nossa tão exageradamente gabada natureza, aquellas qualidades, aquellas feições, de mysterio profundo, de claro-escuro, de variações de aspectos diversos, determinados pela differença das estações, que por ventura são as mais capazes de commover fundamente um poeta. A luz demasiado forte do nosso sol torna toda a nossa paizagem monotona, impedindo nella os cambiantes, os contrastes de feições e colorido que dão á paizagem de outros climas o encanto, a doçura, e como um sentido que, pela historia de que foram o quadro ou a moldura, determinam sensações e commoções. Com a variedade, com os matizes que na paizagem,

como na arte, são um dos principaes elementos da belleza pittoresca, falta á nossa natureza a tradição e a historia, de sorte que é muito difficil que entre ella e nós se possa estabelecer esta communicação intima que a paizagem das grandes naturezas historicas, da Grecia ou da Italia, e de quasi todo o antigo continente cria entre o poeta e ella, e produz os Gœthes, os Chateaubriands, os Byrons, os Shelleys. Que vale um Parahyba, um Paraná ou um Amazonas, para nos tocar e influir, comparado a esses rios, verdadeiras fontes de civilisações, como um Nilo, um Rheno, un Sena? A' nossa natureza, esplendida mas monotona, grandiosa mas insignificativa, perennemente a mesma, e sempre illuminada com o mesmo deslumbramento pela mesma luz crúa, falta aquella voz, e ainda aquellas lagrimas das cousas com que outras falam aos poetas, e por isso a nossa poesia da natureza é ainda mediocre, insignificante e incaracterística, e mesmo um poeta como o Sr. Alberto de Oliveira, com todos os seus dotes para entendel-a, pouco mais conseguiu dar della que a descripção a que já estamos acostumados, sem nol-a interpretar de modo a commover-nos tambem.

E é justamente o que falta á nossa poesia, o poeta que seja com real talento e superioridade o cantor, ou melhor que o cantor, o interprete,

o definidor desta nossa tão gabada e tão pouco sentida natureza. Certo, todos a têm mais ou menos e com mais ou menos talento e sentimento cantado, mas nenhum ainda tão genial que nos désse della, com a representação, e congenialmente, esthetica mais perfeita, aquella emoção synthetica, indefinida, mas significativa e expressiva, que é o supra-summo da arte. A não ser talvez o Sr. Raymundo Corrêa, pela indole contemplativa do seu genio, e pela sua peregrina sensibilidade, nenhum poeta nosso actualmente estaria por ventura mais no caso de dar á poesia brazileira esse poeta, que lhe falta, do que o Sr. Alberto de Oliveira. A sua ascensão constante para espheras mais altas e mais limpas da poesia, o aperfeiçoamento da sua propria sensação poetica, resultante do aperfeiçoamento da sua cultura e da sua vida espiritual, juntas ao seu gosto e predileção pela nossa natureza, dão lugar á motivada esperança de que elle será ainda esse poeta. Comtanto que de todo se liberte dos resaibos do leite parnasianista que bebeu com alguma avidez, e de que o soneto *Taça de Coral*, com a sua preciosidade classica, soberbo como fórma rebuscada e rara, é o principal exemplo, e macula detestavel e imperdoavel desse livro primoroso.

VI

A ACADEMIA BRAZILEIRA

Sua razão de ser. O que deve ser.

No discurso com que, já lá vão sete annos, tive a honra de receber na Academia Brazileira o Sr. João Ribeiro, verificando a transformação que novas correntes imigratorias operariam forçosamente no Brazil, perguntava eu: « Quem nos diz que em um paiz ameaçado dessa invasão pacifica e proveitosa as academias não poderiam recuperar a razão de ser que muitos lhes negam? « A pergunta trazia em si mesma a affirmativa da legitimidade da Academia recentemente fundada.

As academias, como a que alguns escriptores, por suggestão do Sr. Lucio de Mendonça, resolveram fundar aqui, são, ninguem o ignora, uma instituição da Idade Média, mais exactamente da Renascença. Uma das caracteriscas

dessas épocas é a tendencia associativa, para a resistencia á agudeza do conflicto da vida, num periodo em que um mundo se organizava em meio da dissolução de outro. Os artesãos, os officios, os misteres, as industrias, as cidades, os povos, associavam-se em corporações, em *guilds*, em jurandas, em hansas, em nações. Os ecclesiasticos, uma das classes preeminentes, e os religiosos ajuntavam-se em cabidos, em conventos, em irmandades. Os eruditos, os sabios, os letrados, os simples amadores de estudos associavam-se em academias. Iniciado o renascimento da cultura espiritual, quando a imprensa, apenas inventada, não podia ainda servir-lhe, sinão imperfeitamente, de vehiculo e os meios de communicação entre os homens de letras eram escassos e defeituosos, e, tambem, faltava por completo o publico que seculos depois serviria de mediador plastico entre elles e o povo, a quem naturalmente se endereçava a sua inspiração ou o seu estudo, a criação dessa mutualidade de trabalho espiritual saiu necessaria e espontaneamente das proprias condições da sociedade. Dessa convergencia associada dos lavores eruditos ou da livre inspiração poetica da época, nasceram as academias literarias. Patrocinadas em geral pelos potentados do tempo, os principes amadores e protectores das artes e letras da Renascença, e por muito fau-

tores consideraveis della, esses institutos desenvolveram-se e multiplicaram-se, primeiro na Italia, seu paiz de origem, depois por toda a Europa. Grande foi a sua influencia na propagação dos conhecimentos herdados dos Gregos e Romanos, como na conservação e divulgação e apreço das suas obras literarias. A propria denominação que se deram, revê a influencia da cultura grega, principal estimulo da Renascença. Foi tambem consideravel o influxo dessas academias sobre a formação das linguas modernas, que na mesma época nasciam. Foram assim um factor de civilização e de unidade nacional em todos os paizes em que se constituiram e, portanto, um orgão social da maior importancia.

Quando, no seculo XVII, Richelieu entendeu rematar a sua obra de completa unificação e centralização da nação franceza, occorreu-lhe que á sua vida espiritual, já consideravel, e que elle queria fazer servir á gloria e prestigio do paiz, faltava entretanto o orgão que reunisse os esforços dispersos, para dar á lingua franceza a supremacia que a sua politica procurava para a nação, e fosse como os Estados-Geraes permanentes (creio que a expressão é do Sr. Brunetière) da cultura nacional mais alta e geral, que é a literatura, no meio da Europa, submettida á preponderancia da França. A constituição

official da Academia Franceza, que fez parte da politica de Richelieu, comquanto não obedecesse mais ás mesmas razões que motivaram as academias da Renascença, nem por isso correspondia menos ás condições, si não ás necessidades, do momento. E foi de facto essa academia, depois a mais illustre companhia literaria do mundo, quem principalmente contribuiu para dar á lingua e por esta á literatura franceza, e, portanto, á nação que ella definia, a hegemonia intellectual do mundo. Defendendo, com alumiada sympathia, a obra, frequentemente obscura e ingloria, das primeiras gerações de academicos, que tanto trabalharam pela pureza e illustração da lingua franceza, verifica Renan, com superior razão, que elles fizeram uma obra prima — a lingua franceza. Com effeito, a lingua franceza, si não a literatura franceza — e será possivel separar uma da outra? — deve muitissimo á Academia Franceza. Sem ter sido nunca um obstaculo á sua evolução, foi sempre a Academia um moderador intelligente dos movimentos desordenados, que lhe poderiam comprometter a pureza, o bom gosto, a clareza, a elegancia discreta e sobria, que são a sua suprema distincção, e que, com a força e a eloquencia, fazem della o mais perfeito instrumento de expressão do pensamento entre as linguas modernas.

O periodo da formação das nações americanas póde, até certo ponto ser, sem sacrificio da exactidão do cotejo historico, e, parece-me, já o foi, assemelhado á idade-média européa. Esse periodo, que não chegou a acabar, e que ainda continúa, e durará, até que essas nações attinjam ao seu nivel normal de desenvolvimento, é a nossa idade-média americana, caracterizada aqui, como lá, pela fusão de gentes diversas, no aproveitamento do mesmo sólo, e na constituição de nacionalidades differentes, com institutos juridicos e politicos diversos dos seus elementos originarios. Tambem aqui civilizações em conflicto acabam por produzir outras civilizações que, embora ainda indistinctas, de todo não são alguma das mesmas de que provieram. Tambem aqui se estão acaso formando novas linguas. Ainda em meio desta transformação ou formação ha, porém, já alguma cousa que se sente a si mesma, que tem a consciencia, por vaga e imprecisa que seja, da sua existencia, que se quer manter e entende defender-se, pelo menos de uma transformação subita e radical, que para ella seria a morte. Essa cousa é a consciencia de que nós brasileiros de hoje — como os demais povos americanos — somos, mais ou menos, uma nação de tres ou quatro seculos de existencia, resultante do contacto da gente européa, no sólo onde nascemos, e que

ella descobriu, conquistou, desbravou e arrancou á selvageria com outras gentes, aborigenes ou africanas, já com as nossas tradições, a nossa lenda, os nossos costumes, a nossa vida sentimental e mental, pobre, mesquinha, mofina, quanto quizerem, mas nossa, e não nos queremos ver de repente supprimidos por outrem, embora esse outrem valha mais do que nós. Conservando mais ou menos pura a lingua dos nossos paizes civilizados, afeiçoada á nossa natureza, ella nos tem sido, ha seguramente mais de dous seculos, o instrumento precioso e facil da nossa communicação nacional, e da nossa expressão sentimental. A nossa dôr, a nossa alegria, a nossa emoção, a nossa idéa, a nossa aspiração, o nosso sentimento, tudo exprimiram nella os nossos poetas, os nossos escriptores, os nossos pensadores, os nossos republicos. Basta isso para que a amemos e a queiramos conservar tão pura, tão igual e a mesma, que os nossos vindouros possam ainda entender-nos daqui a seculos, e por esta communicação se continúe e perpetúe a nossa nacionalidade e a nossa gente por tempos illimitados. E' este espirito, não de conservação esteril, mas de continuidade, sequencia e solidariedade fecunda, que faz a força dos povos.

Não repulsamos, antes queremos, aos que virão concorrer comnosco no aproveitamento do

nosso sólo, ao qual temos consciencia de não bastarmos, nós sós. Mas ninguem poderá taxar de egoistico o sentimento que nos leva a querer manter o que constitue o substratum da nossa nacionalidade na sua origem e immediato desenvolvimento, a herança dos nossos antepassados.

Parece-me, e chego ao meu ponto de partida, que ás academias como a Academia Brazileira, cabe ainda na America o papel util e glorioso de servir efficazmente este proposito. Nestes paizes americanos, no Brazil determinadamente, a literatura, quero dizer o conjuncto das manifestações intellectuaes em fórma literaria, sendo já a expressão da sociedade, não é ainda uma funcção correlacionada com a geral actividade social, e achando nesta ao mesmo tempo estimulos e premios. Uns e outros têm de ser ainda criados intencionalmente.

O seculo XVIII é, no Brazil, o da constituição de uma consciencia nacional, como resultado do desenvolvimento dos factores economicos e da lucta contra o invasor estrangeiro, no seculo XVII. Appareceram então aqui as primeiras academias literarias, bastante, é certo, por influencia de iguaes institutos da metropole, mas muito tambem ao influxo da necessidade de organizar os esforços da mente brazileira, para a efficacia de um trabalho que não era o

de perseguir o gentio, desbravar o sertão, explorar as minas ou escambar drogas, os unicos, com os empregos publicos, proveitosos. Que essas sociedades, de nomes que nos parecem ridiculos, e de espirito rhetorico, compostas sem muita escolha, que não havia muito onde escolher, exerceram uma funcção util em a nossa evolução literaria, amparando e coordenando labores dispersos e isolados, o verifica a historia da nossa literatura. E no seguinte periodo da nossa formação, o da constituição politica da nação, com a independencia e o imperio, a acção benefica do Instituto Historico, que foi a seu modo uma academia, não precisa ser exagerada, tanto é consideravel e evidente.

O Brazil entra, ou está já plenamente, num periodo novo da sua definitiva constituição nacional; a sua formação primitiva remodela-se e transforma-se, sob a influencia de novas gentes que aqui se estabeleceram e proliferaram, de novas instituições que ha quasi dezesete annos já o paiz se deu, e de uma cultura que, quaesquer que sejam os seus defeitos e falhas, não é mais a de meio seculo atraz. Si a nossa literatura não é apenas a manifestação amorpha, incolor e insipida de um arcadismo, que aliás foi uma das feições da nossa linhagem literaria, ella se resentirá deste momento e o saberá exprimir.

Não pretendo que a criação da Academia

Brazileira, proveniente das confabulações de homens de letras em torno de uma revista literaria cuja collaboração os reunia, tivesse o intuito consciente de fundar um centro cujo fim superior fosse, como veiu a ser, a Academia Franceza, que ella propositadamente imitava, servir a obra da constituição definitiva da nossa patria, e obstar o mallogro e perdimento, na transformação por que passamos, das nossas conquistas, já nesse sentido feitas.

Mas a propria espontaneidade de sua criação e o modo por que se constituiu estão indicando que ella nasceu do sentimento, indefinido embora, da necessidade, ao menos da utilidade, de sua instituição, como um elemento proveitoso de conservação e progresso do nosso patrimonio literario nacional.

Foi esse sentimento de solidariedade necessaria da nossa vida literaria, como expoente da nossa cultura e civilização, que determinou alguns dos seus actos iniciaes. Assim, rompendo com a tradição de todas as sociedades literarias brazileiras, ella constituio uma unica categoria de socios, qualquer que fosse a distancia a que elles se achassem do seu centro. Os brazileiros seus membros, do Amazonas ou do Rio Grande, do Ceará ou de Minas, são, no mesmo gráu, igualmente, seus membros effectivos, e seus votos e opiniões contadas nas suas deliberações,

como as dos membros presentes. E' que para ella a intelligencia brazileira, e a literatura que a reflecte, é e deve ser uma, herdeira da mesma tradição literaria e decidida a herdal-a aos que lhe succederem, augmentada e enriquecida.

A esta solidariedade no espaço, quiz a Academia Brazileira, correspondesse, no mesmo proposito, uma semilhante solidariedade no tempo, afim de completar e melhor definir o seu intuito de agente da unificação espiritual e, portanto, social da mesma nação brazileira. Estabeleceu, pois, que cada um dos seus quarenta lugares fosse posto sob a invocação de um nome illustre da intelligencia nacional, um dos padroeiros da nossa cultura. E alargando a comprehensão do que fórma o cabedal da nossa civilização espiritual, não estreitou a sua escolha, quer no passado quer no presente, aos puros literatos. Aceitando como seus estadistas, sabedores, eruditos, oradores, jornalistas, julgou sem duvida que, conforme o parecer de um dos maiores academicos francezes, « tudo o que se faz com talento, torna-se literatura ».

Sendo corporações de sua natureza limitadas e aristocraticas, as academias, como as mulheres, de quem têm o sexo, e ás vezes os caprichos, provocaram sempre o facil e inocuo ataque da musa faceta ou malevola dos invejosos dos favores que ellas parecem outorgar aos seus

eleitos. Mas si ha neste mundo uma verdade incontestavel é, que o ridiculo não mata sinão o que deve morrer, e os montões delle lançados á franceza, desde a sua fundação até hoje, não lhe diminuiram de modo algum o prestigio. Não se comporia de homens de espirito uma academia que se incommodasse com taes ataques.

A' Academia Brazileira não faltou a já sediça zombaria. Nem a livraram della a sua modestia e obscuridade. Era confessadamente uma imitação; os seus zombadores, que lh'o reprochavam, estavam condemnados a macaquear os que chasqueavam da Academia Franceza e de todas as academias, o que, parece, lhes tirou o espirito, que acaso tinham.

Mas não é meu fim explicar a Academia Brazileira, nem responder á opposiçãosinha que ella por ventura sua levantou no nosso meio, ás censuras, criticas ou reparos que haja provocado. Fel-o já de uma maneira absolutamente superior e triumphante o seu illustre Secretario perpetuo, o Sr. Joaquim Nabuco, no seu soberbo discurso da inauguração da Academia. Não terei o máu gosto de tentar accrescentar nada a esse brilhante e definitivo arrazoado (1).

As academias, porém, não se justificam so-

(1) Veja esse discurso no « Boletim » n. 1 da Academia, ou nos « Escriptos e Discursos literarios » do Sr. J. Nabuco, H. Garnier.

mente pelos motivos que as criaram, sinão, e acaso principalmente, pelo desempenho que dão ás suas funcções, pelos seus actos. Por ora, nem nos custa reconhecel-o, a Brazileira não fez ainda sinão agrupar actividades dispersas, impôr-lhes o sentimento da sua responsabilidade, criar entre seus membros habitos de cortezia e de civilidade que, e dizel-o não é fazer injuria a ninguem, não andavam muito nos da nossa vida literaria, attrair a attenção, e por ventura tambem a sympathia do publico para as letras patrias e seus cultores, e iniciar, ainda talvez com alguma inconsistencia, mas não sem effeito, o seu papel de « Alto jury literario », que Sainte-Beuve attribuia á Academia Franceza.

Quem dirá que, tendo conseguido ao menos isto, a Academia Brazileira já alguma cousa não fez de muito util e estimavel?

Que procurando ser um verificador de valores, a Academia não é um apagador de estimulos e de ambições, um amortecedor de energias, e antes tem sido já um incentivo, o provaria a nossa estatistica literaria. Como critico que ha dez annos acompanho dia a dia, noticio e analyso a nossa producção literaria, posso affirmar, sem receio de contestação, que nella occupam o primeiro lugar pelo numero e pela qualidade os livros dos academicos. O alvoroço e a cordialidade com que a Academia recebeu logo em

seu seio, desde que se lhe offereceu ensejo, os noveis escriptores que surgiram revelando talento verdadeiro, isentos da macula do cabotinismo, que é dever della combater e repulsar com a maxima energia, e sem questionar das opiniões e credos literarios, é prova de que ella timbra em conservar-se alheia a parcerias e mesquinhas competencias ou ciumes profissionaes.

« Uma Academia é um salão », disse um dos escriptores que nos nossos tempos mais honra e gloria lançaram sobre a carreira literaria, Ernesto Renan. Ora, ás nossas letras, como ás portuguezas tambem, das quaes derivam, falta justamente essa urbanidade que desde os Romanos não é só uma qualidade social, mas uma virtude literaria. Extravagantemente, anachronicamente, a nossa vida literaria conservou habitos de bohemia e de soltura, que não são sem funesta influencia sobre a nossa obra literaria. Fazendo da urbanidade uma regra de conducta nas nossas relações literarias, combatendo com o seu só exemplo esses vicios degradantes e obsoletos, sendo emfim salão de gente bem criada, a Academia influirá beneficamente não só sobre a fórma, mas até sobre o fundo da nossa literatura e, do mesmo passo, trará á profissão literaria entre nós o que, não de todo sem motivo, lhe falta, a consideração publica.

Uma academia não é, não deve ser doutrinaria; veda-lh'o a sua propria composição de homens de caracteres, opiniões, sentimentos, credos diversos. Mas a uma certa altura moral e intellectual estas differenças tendem, si não a apagar-se, a accommodar-se. Dessa accommodação resulta um criterio geral, mais apurado, e depurado das escorias dos habitos individuaes. Si, levada ao extremo, e conforme os sentimentos que nella prevalecessem, essa accomodação poderia amesquinhar a personalidade, prejudicar a individualidade do escriptor — e esse é o maior percalço das academias — mantida na justa medida, que é funcção das academias não ultrapassar, ella só póde ser util ás letras e, portanto, á sociedade.

Nossas letras não primam nem pela urbanidade, de que falei acima, nem pelo atticismo, nem ainda pela civilidade, tomada esta palavra na accepção de cultivo intellectual em relação com os costumes sociaes, as boas maneiras e o bom tom. Nas literaturas modernas, aquella que tem a primazia destas qualidades — e é talvez por isso a principal de todas, é a franceza. Pois não só em França, mas no estrangeiro, criticos eminentes e escriptores notabilissimos, como Sainte-Beuve e Renan, ali, e Matthew Arnold na Inglaterra, verificam a parte grande da Academia Franceza neste principado incontestavel.

Não poderá a Academia Brazileira, seguindo os passos do seu glorioso modelo, sem imital-o servilmente, mas accommodando o seu proposito á nossa indole e á nossa tradição nacional, prestar igual serviço? Creio que sim, e que si ella pudesse fazer um dia o seu diccionario da lingua — para o que lhe não falta sinão a possibilidade material — e dar o exemplo, pela obra dos seus membros e pelo espirito que presidisse á sua escolha, das qualidades de força, de correcção, de elegancia, emfim de talento, que devem ser, segundo ella, (e nem se lhe concebe outro criterio), as de uma grande literatura, como devemos querer seja um dia a nossa, teria largamente legitimado a sua existencia.

Combater por estes dous meios, indirectos mas efficazes, os vicios principaes das nossas letras, em primeiro lugar o seu provincianismo, isto é, a falta de medida, o amor á hyperbole, ao palavrão, a carencia do sentimento das proporções, o abuso de palavreado, e mil outras fórmas do máu gosto, depois as deturpações escandalosas da lingua, o seu viciamento pela introducção anarchica de modernismos, boleios de frase, vocabulos e expressões, em desacordo com a sua indole, e tambem as reacções não menos desarrazoadas dos puristas extremados e archaistas, que, contra toda a razão, quizeram estorvar aqui a natural evolução da lingua por-

tugueza, deve ser o programma da Academia Brazileira. Para ser legitima, a sua missão ha de, em uma palavra, ser, quer no que respeita á literatura, quer no que toca á lingua, mais progressista que conservadora, porém, principalmente, a de uma força moderadora dos impulsos irreflectidos que podiam levar a nossa literatura áquella intemperança literaria de que falava Seneca, no começo da decadencia romana, e a nossa lingua a uma completa deturpação.

VII

UMA POETISA E DOUS POETAS

Das numerosas collecções de poesias publicadas no anno findo, e que pude haver e ler, tres, sem contar a segunda série das do Sr. Alberto de Oliveira, que estudo acima, se destacam principalmente : as *Pedras preciosas* do Sr. Luiz Guimarães filho (Montevidéo, Barreiro y Ramos), as *Vibrações* da Sra. D. Julia Cortines (Laemmert e C.ia.) e os *Ultimos Sonetos*, livro posthumo de Cruz e Souza (Paris, Aillaud e C.ia.).

O Sr. Guimarães filho (não é a primeira vez que o digo) é um poeta de nascença, para quem a poesia é a fórma natural, e portanto facil, de expressão. Talvez demasiado facil e que não deixa de prejudical-o, fazendo-o pôr na boa composição do verso todo o merito da sua obra. O Sr. Alberto de Oliveira, por exemplo, não me parece que faça os versos tão facil e despreoccu-

padamente como elle, mas talvez por isso ha nos seus versos mais alguma cousa do que em geral se nos depara nos do Sr. Luiz Guimarães. E esta extrema, e ao cabo damnosa, facilidade de versejar, explica que o Sr. Luiz Guimarães tenha já, ainda em plena juventude, sete livros de versos. E todos se lêm sem enfado, porque ha no poeta, com a correcção da fórma, perfeição do verso, brilho da palavra e da rima, um estylo vivo, alegre que nem um dia de primavera, um estylo de moço contente de viver. Os seus versos m'o figuram sempre como um donzel trovador enamorado, mas sem nenhuma grande paixão de amor que o entristeça e o desespere. Ao contrario, verdadeiro namorador, elle é alegre no amor, e os seus cantos de amor, que são todos os seus versos, dizem alegremente, ou apenas com uma melancolia doce, sorridente ainda entre alguma esquiva lagrima, commoções de um coração novo e azevieiro, com o qual, porém, não entram paixões. Si a mulher e o amor o preoccupam, como a todo o moço e poeta, não o possue ainda (nem elle está na idade de se deixar possuir) o *eterno feminino*, que é de annos maiores. A sua musa é ao cabo uma brincalhona terceira, moça e alegre e namoradeira como elle. Amando as mulheres, talvez as ame com o mesmo sentimento com que quer ás rimas sonoras, ás flores formosas e ás pedras

preciosas. E' a cantar estas que consagra os seus ultimos poemas, e não só a cantar-lhes a belleza, a côr, a riqueza, o brilho, mas a alma no sentido que finge nellas descobrir, a vida que lhes põe, as significações que lhes dá.

Pedras preciosas!

Eu sei que tendes almas humanas,
Ora de escravas, ora de reis,
Sois inconstantes como as pessoas,
Como as pessoas envelheceis!

Sei ler em vossas pupillas frias,
Cousas sisudas, phrases sem nexo...
O velho Plinio vos dava astucia,
Santo Epiphanio vos dava sexo!

Pouco dariam á poesia as pedras preciosas, si o poeta não lhes tomasse para idealizar o seu thema o symbolismo de que sempre as revestiu a imaginação popular e não o fizesse com o talento com que o fez.

Clara turqueza do deus Apollo,
E's dos ginetes a idolatria!
Agua marinha do deus Neptuno,
Curas a propria melancolia!

Rubi vermelho de Visapur,
Teu brilho é sangue que a vista anima!
Teu curto nome phosphorescente,
E' purpurino como uma rima!

Mas de todos estes seus poemas o que eu prefiro é aquelle em que elle canta a opala

a pedra extranha dos complexos

Milagres!

um pedaço de céo destacado do arco-iris!
um naufragio de luz numa gota de leite!

Todo este livro é de uma poesia sonora, cantante, radiante, como as pedras preciosas e a alma de juventude do poeta. Mas, como o oriente das perolas, que muita vez se apaga, segundo nos conta o poeta, não sei se tambem o brilho destes versos, de superficial e rebuscada commoção, igualmente se não desvanecerá.

Outro muito meritorio livro de versos do anno de 1905 são as *Vibrações* da Sra. D. Julia Cortines. Confesso que este livro foi para mim uma revelação! Não é facil falar com desembaraço das mulheres autoras, pois, por mais que ellas como escriptoras se extremem do seu sexo, exige a mais elementar galanteria que não as tratemos sinão como senhoras. Eu, que estou muito longe de ser um feminista (o que é talvez uma incoherencia com as minhas opiniões sociaes), não nego em absoluto as capacidades intellectuaes da mulher, e com a mesma imparcialidade (presumo-o ao menos) lhes não descubro as excepcionaes qualidades de espirito e

coração, das quaes são os homens incapazes, e com que desde que o mundo é mundo lhe incensam a congenita vaidade os poetas namorados, e outros enamorados seus, que de todo em todo não são poetas. Foi acaso por isto que a Musa, que é mulher, jamais se dignou beneficiar-me com os seus favores, e negou-me os dons da poesia. Não foi, porém, tão cruelmente vingativa que me não consentisse siquer amar a poesia, o bastante ao menos para a comprehender e sentir. E os poetas ainda me são uma leitura querida, porque sempre os tive como os melhores interpretes dos nossos proprios sentimentos. Não são, felizmente, muitas as poetisas brazileiras, nem, infelizmente, boas. Quasi todas, passadas e contemporaneas, são até mediocres. Nenhuma havia até agora que pudesse disputar um lugar entre a meia duzia dos nossos melhores poetas do outro sexo. Nunca pude entender, ou entendo de modo que não seria gentil explicar, que sendo a mulher, segundo a opinião corrente, que é a della, muito mais rica do que o homem em cousas de sentimento, nada désse de realmente notavel, de extraordinario, na arte, que é principalmente sentimento. Qual é com effeito até hoje o Miguel Angelo, o Dante, o Shakespeare, o Gœthe, o Beethoven feminino? Na musica, que a mulher sempre cultivou mais do que o homem, porque nunca produziu ella uma

musicista comparavel aos grandes mestres masculinos, a um Mozart ou a um Wagner, ou siquer a um virtuose como Listz ou Chopin?

Uma das forças da arte é a sinceridade, e a mulher, ou porque lh'o véde a sua propria organização psychologica, ou porque lh'o não tenha jamais consentido a organização social que limitou a sua expansão, nunca poude ser sincera, sem arriscar os seus melindres, e até desclassificar-se.

O amor é por ventura o principal dos themas lyricos, particularmente o amor entre os dous sexos. Esse thema, que faz o fundo, a essencia, o indispensavel da inspiração e dos cantos de todos os poetas, desde a mais alta antiguidade até hoje, e do qual elles têm usado e abusado, não o póde a mulher, ainda poetisa, utilizar, sinão em escala muito limitada, com mil cautelas e disfarces, que do mesmo passo que a forçam a esconder a emoção que deve ser motivo do seu cantar, empece-lhe a livre expansão e lhe difficulta a expressão dos seus sentimentos ainda sinceros. O mundo não toleraria que uma mulher, mesmo uma grande poetisa, lhe viesse p'ra rua como faz o homem, ainda maduro e grave, desembargador, conselheiro, pai de familia, com as confissões, as declarações dos seus amores, as confidencias das suas paixões, das suas alegrias ou dos seus desgostos sentimen-

taes, e, á compita com elles, se puzesse a cantar os Analios, os Marilios ou os Marcios, como elles tão despejadamente, e sem escandalo publico, fazem. A que o fizesse, resvalaria na opinião do mundo ás condições das que se não chamam de senhoras. Só esta situação da mulher poetisa lhe estabelece uma manifesta inferioridade, e como as doçuras do lar, e os encantos dos maridos não têm, parece, nada de especialmente esthetico, ella bastaria para explicar a forçada mediocridade da poesia feminina.

O livro de D. Julia Cortines, digo-o sem comprimento, nem por attenuar o que tenham estes conceitos de menos galantes, vale mais, muito mais, do que em geral a obra das nossas poetisas e até do que a da maioria dos nossos innumeros poetas. E verifico mais uma vez que o que lhe falta para rivalizar, e até exceder, a dos melhores, é, com uma inspiração mais larga, mais variada e mais completa, não aquella qualidade, mas uma mais franca manifestação della. Quasi ao mesmo tempo em que li as *Vibrações* de D. Julia Cortines, reli a obra da poetisa italiana Ada Negri, pobre mestra-escola de uma ignorada villa italiana, que um dia surgiu em toda a luz da gloria com os versos mais sentidos, mais commovidos, mais sinceros, mais desenganados que ha muito me é dado ler. O seu éstro não é talvez em si mesmo mais rico que

o da poetisa brazileira, nem ella fará melhor o verso; mas, como é uma alma que se não recata — e fica aliás sempre pura e alta — nem precata, contra os murmurios do mundo, como é uma alma que realmente soffre da sua e da grande dôr humana, e que se expande e confessa sem falso pejo, sinceramente, abertamente, com a mesma intensidade com que sente, a superioridade da sua poesia sobre a da nossa patricia é evidente. Si ha uma arte que não possa mais, pena de ser secundaria, ser objecto de simples divertimento domestico, *art d'agrément* como lhe chamam os Francezes, prenda de salão, é a poesia. Ella ha de ser viva e humana, commovida e commovedora. E foi o que eu, com surpresa e prazer, achei nos poemas de D. Julia Cortines, não com intensidade tamanha, nem com tanta sinceridade expresso, como em Ada Negri, mas com uma belleza de expressão, uma relativa franqueza de sentimentos, e um vigor extraordinario nas nossas poetisas.

Musa, toda a minha alma a tua alma retrata :
Se rio, o riso entreabre os teus labios em festa;
Soffro, e sobre o pallor da tua face mésta
Tristemente o collar do pranto se desata.

Sonho, e a mundos ideaes o enlevo te arrebata...
E o que a minha alma admira, ama, odeia e detesta,
E illumina-me o olhar e sombreia-me a testa,
O teu gesto traduz e a tua voz relata.

Quer te eleves no vôo audaz do pensamento
E vás livre pairar das estrellas em meio,
Quer te embale de leve um brando sentimento,

Quer estejas alegre, atormentada ou calma,
E'-mé grato sentir que dentro do teu seio
Vibra o meu coração e palpita a minha alma

E' verdadeiro e é bello, e difficilmente poderia a poesia exprimir melhor a identificação do poeta com o seu éstro.

Ha certas sensações delicadas, e intimas, e de grande valor poetico, que D. Julia Cortines exprime de peregrino modo. Tal esta de *O Lago*:

Um pouco d'agua só, e ao fundo areia ou lama,
Um pouco d'agua em que, no emtanto, se retrata
O passaro que o vôo aos ares arrebata,
E o rubro e infindo céo do crepusculo em chamma.

Agua que se transmuda em reluzente prata,
Quando do bosque em flor, que as brisas embalsama,
A lua, como uma aurea e finissima trama,
Pelos hombros da noite a sua luz desata.

Poeta, como esse lago adormecido e mudo
Onde não ha, sequer, um fremito de vida,
Onde tudo é illusorio e passageiro é tudo,

Existem, sobre um fundo, ou de lama ou de areia
Almas em que tu vês apenas reflectida
A tua alma, onde o sonho astros de oiro semeia.

Deste delicado sentimento são uma réplica os

seguintes formosos tercetos, dirigidos a Leopardi :

Soffres? Tambem minha alma soffre e chora
Prelios inuteis, illusões desfeitas,
Toda a miseria do viver deplora.

Quanta amargura nesse olhar que deitas
A' gloria vâ, que attrae, seduz e passa,
E ás almas, todas ao soffrer sujeitas!

Bebo tambem do tedio a amara taça,
E sinto quando a tua angustia leio,
Que esse teu coração que a dor enlaça,

Palpita dentro do meu proprio seio.

Ha nesta poetisa alguma cousa mais que a virtuosidade do cantar, e o titulo do seu livro *Vibrações* não é, como o de tantos outros, uma designação sem sentido. Não, no seu, percebe-se um sentido, uma alma que soffre e que pena, um coração que, embora retido pelas conveniencias sociaes e respeitos humanos, está a pique de transbordar, e vibra calorosamente. E' o que denunciam seus poemas

Não te dirá jamais, indifferente e calma.

Dôr secreta, *Porque?* um bello e alto grito de desespero, que relembra o de Vigny, sem ter com elle outra paridade que a mesma commoção.

A um coração, que é quiçá o seu, *Renuncia*, do mesmo sentimento que o *Porque? Vencida*, *Eternidade* :

Eternidade d'alma! illusoria miragem,
Que a alma busca atravez da crença e do terror,
A idear uma calma ou sombria paragem
De infinito prazer ou de infinita dôr!

Porque ha de haver além, noutro mundo distante,
Um premio eterno para a virtude mortal?
E para o ser que vive apenas um instante,
Porque a de ser eterno o castigo do mal?

Que outros pensem que um dia a ephemera ventura
Eterna possa ser, e eterno o pezar,
Que outros pensem que irão na constellada altura,
Co' outra fórma e outra essencia a vida renovar...

A' minha alma debalde essa illusão convida
Sem crença e sem terror, é-lhe grato saber
Que por destino tem, sobre as ondas da vida
Um instante boiar, e desapparecer.

Este e aquelles outros poemas distanciam-se magnificamente da poesia de agua de cheiro e pó de arroz da musa feminina brazileira, e revelam em D. Julia Cortines mais que um poeta, uma mulher que sabe sentir e que diz o que sente com alma e coração, e de uma fórma que disputa primazias aos nossos melhores poetas contemporaneos. E em raros, muito raros, delles encontrareis emoção mais intensa,

sentimento mais intimo da dôr humana (apenas essa dôr se reflecte principalmente no poeta) tão grande liberdade de espirito, commoção tão sincera, e expressão tão clara, tão formosa e tão propria, como em D. Julia Cortines, cujo livro, não hesito em dizer, é um dos mais distinctos da nossa poesia de hoje. Lêde, para vos convencerdes, além dos poemas citados e nomeados, mais *Esphinge*, *Alma Solitaria*, *A um cadaver*, *Ao Sol*, *Dias iræ*, *Ultima pagina*, ou melhor, lêde todo o livro, e vos convencereis que esta poetisa é um poeta tão bom como os nossos melhores.

Os *Ultimos Sonetos* de Cruz e Souza (Paris, Aillaud & Cia, 1905) publicação posthuma devida á tocante piedade de alguns amigos, e prefaciada pelo mais dedicado delles, outro poeta, o Sr. Nestor Victor, modificaram de muito o juizo que desde o seu primeiro livro de versos fiz do mallogrado poeta preto. Nunca ousei dizer que em Cruz e Souza não houvesse absolutamente materia de poesia, nem sensações e sentimentos, ideação bastante, dons verbaes, capazes de fazer um poeta. Admitti sempre que os havia, mas o que não senti então, além da musica das palavras, do dom de melodia, que é commum nos negros, era a capacidade de expressão, e essa incapacidade escondia-me a sua inspiração. Ou elle não tinha de facto nada para dizer ou

não o sabia de todo dizer, e esta sua inaptidão de expressão artistica parecia-me chegar nelle á inhibição pathologica. O caso que, com certas restricções, continúa a ser exacto, é curioso como phenomeno de psychologia ethnica. Os seus sonetos, si não lhes vamos mais fundo que ao sentimento literal, não significam cousa alguma, e difficilmente se lhes poderia pôr um titulo ou definil-os por uma epigraphe, como costumam fazer os allemães nas traducções dos poemas sem titulos dos poetas da Renascença. Outra prova da sua insignificação é que elles não poderiam ser talvez traduzidos. Constam apenas de palavras grammaticalmente arrumadas, sem sentido apreciavel, ou tão escuro ou sublimado que escapa ás comprehensões miseraveis, como a minha. Chega-se mesmo lendo-os a sentir, como que materialmente, essa falha do poeta, a sua impossibilidade de exprimir o que acaso sentiria — ou talvez não sentisse, não vendo na poesia sinão uma accumulação melodiosa de palavras, E' o que explica o seu processo, um verdadeiro cacoete, proprio dos primitivos, das repetições emphaticas, substituindo expressões que lhe faltam.

Velhas chagas do sol, ensanguentadas chagas

Dos compassivos és o compassivo

Ah! basta encher, eternamente basta

Florescimentos e florescimentos!

Em soluços, soluços soluçando

No Ergastulo d'ergastulos perdido

Essencia das essencias delicadas

Sonho profundo, ó Sonho doloroso

Doloroso e profundo sentimento

O' mundo que és o exilio dos exilios.

Nada mais facil do que multiplicar as citações de fórmas semelhantes. Mas se quereis ver uma catadupa de palavras amontoadas, repetidas, lêde o soneto *Demonios* :

A lingua vil, ignivoma, purpurea
Dos pecados mortaes bava e braveja,
Com os seres impolluidos mercadeja
Mordendo-os fundo, injuria sobre injuria

E' um grito infernal de atroz luxuria,
Dôr de damnados, dôr do Cháos que almeja,
A toda alma serena que viceja
Só furia, furia, furia, furia, furia!

São pecados mortaes feitos hirsutos
Demonios maus que os venenosos fructos
Morderam com volupias de quem ama...

Vermes da Inveja, a lesma verde e oleosa
Anões da Dôr torcida e cancerosa,
Abertos d'almas a sangrar na lama!

No soneto *Odio Sagrado*, que é um dos seus melhores, em que ha mesmo alguma cousa de sentido e profundo, a palavra *odio* repete-se seis vezes.

O' meu odio, meu odio magestoso,
Meu odio santo, puro e bemfazejo,
Unge-me a fronte com teu grande beijo,
Torna-me humilde e torna-me orgulhoso.

Humilde, com os humildes generoso,
Orgulhoso com os seres sem Desejo,
Sem bondade, sem Fé e sem lampejo
De sol fecundante e carinhoso.

O' meu ódio, meu lábaro bemdito,
De minh'alma agitada no infinito
Através de outros lábaros sagrados,

Odio são, odio bom! sê meu escudo
Contra os vilões do Amor, que infamam tudo
Das sete torres dos mortaes Peccados.

E são assim todos os seus versos. Têm a monotonia barulhenta do tam-tam africano. O homem que os fez, devia ser extremamente sensivel ás grandes sonoridades ruidosas. Seu ouvido não seria feito para a musica de camara, para os conjunctos de violinos, nem para os pianissimos das symphonias classicas, mas eu imagino como se lhe não dilataria a alma á audição dos grandes trechos de orchestra, cheios dos cobres sonoros e das zabumbas e tambores

estrepitosos. Uma fanfarra, bem vibrante, devia delicial-o.

Presumo, entretanto, que o leitor por estes e por outros versos que delle conheça, já terá descoberto em Cruz e Souza um poeta, um verdadeiro, um exquisito e raro poeta. Nesta confusão, neste barulho, sobre as palavras gritadoras e ao mesmo tempo balbuciantes dos seus sonetos, fórma unica em que, parece, lhe foi dado poetar, o que talvez indicasse tambem a curteza da sua faculdade de expressão poetica, no tumulto dos sons que o embriagam e enlevam, vislumbra-se, como a montanha dourada pelo sol, através das nuvens caliginosas rotas pelo relampago, a alma profunda de um poeta, tanto mais digno de sympathia e estima, quando se sente que elle devia soffrer acerbamente da incapacidade de exprimil-a. Ou talvez, inconsciente feliz, não soffresse, por não sentir esta falha do seu éstro e da sua intelligencia, e nem siquer se advertisse da lucta tremenda travada dentro de si mesmo entre a sua emoção e as suas faculdades de expressão. Nem por isso essa lucta é menos visivel, e como a sentimos afflictiva, torturante, cruel, o caso deste poeta se nos afigura tragico. E' com certeza a si e de si que fala nestes versos :

Corpo crivado de sangrentas chagas,
Que atravessas e mundo soluçando,

Que as carnes vaes ferindo e vaes rasgando
Do fundo d'Illusões velhas e vagas;

Grande isolado das terrestres plagas,
Que vives as Espheras contemplando,
Braços erguidos, olhos no ar, olhando
A etherea chamma das conquistas magas:

Se é de silencio a sombra passageira
De cinza, desengano e de poeira
Este mundo feroz que te condemna;

Embora anciosamente, amargamente,
Revéla tudo o que tu'alma sente,
Para ella então poder ficar serena!

Esta revelação, clara como elle a quizera, foi que não poude fazer, mas ao cabo a perda não foi tão grande, como acaso a pudéra sentir, nem para elle nem para a poesia brazileira. Havia no seu sentimento poetico energia bastante para forçar e romper as pesadas nevoas que lhe encobriam e vedavam a manifestação transparente, e que o revelam um poeta, e ás vezes, infelizmente raras, desabrocha em cantos como este :

O coração de todo o ser humano
Foi concebido para ter piedade,
Para olhar e sentir com caridade,
Fitar mais doce o eterno desengano,

Para da vida em cada rude oceano
Arrojar, através da immensidade,

Taboas de salvação, de suavidade,
De consolo e de affecto soberano.

Sim! Que não ter um coração profundo
E os olhos fechar á dôr do mundo,
Ficar inutil nos amargos trilhos,

E' como se o meu ser compadecido
Não tivesse um soluço commovido
Para sentir e para amar meus filhos!

E' simples, é mesmo simples demais, é até trivial talvez, (reparem no primeiro verso do primeiro terceto) mas o sel-o não consegue prejudicar a emoção sincera de um nobre sentimento a custo expresso. Si a poesia, como toda a arte, tende ao absoluto, ao vago, ao indefinido, ao menos das commoções que ha de produzir em nós, quasi estou em dizer que Cruz e Souza foi um grande poeta, e os dons de expressão que faltam evidentemente ao seu éstro, os dons de clara expressão, á moda classica, os suppriu o sentimento recondito, afflicto, doloroso, sopitado, e por isso mesmo tragico, das suas aspirações de sonhador e da sua mesquinha condição de negro, de desgraçado, de miseravel, de desprezado. E' desse conflicto pungente para uma alma sensibilissima como a sua, e que humilde de condição se fez soberba e altiva para defender-se dos desprezos do mundo e das proprias humilhações, que nasce a especie de

allucinação da sua poesia, e que faz desta uma flôr singular, de rara distincção e colorido, de perfume extravagante mas delicioso, no jardim da nossa poesia. E' o que me levam a confessar, e o faço com intimo prazer, sonetos como estes:

Assim seja:

Fecha os olhos e morre calmamente!
Morre sereno do Dever cumprido!
Nem o mais leve, nem um só gemido
Tráia, siquer, o teu sentir latente.

Morre com a alma leal, clarividente
Da Crença errando no Vergel florido
E o pensamento pelos céus brandindo
Como um gladio soberbo e refulgente.

Vai abrindo sacrario por sacrario
Do teu Sonho no templo imaginario,
Na hora glacial da negra Morte immensa...

Morre com o teu Dever! Na alta confiança
De quem triumphou e sabe que descança,
Desdenhando de toda a Recompensa!

Só:

Muito embora as estrellas do Infinito
Lá de cima me acenem carinhosas
E desça das esphéras luminosas
A doce graça de um clarão bemdito;

Embora o mar, como um revél proscripto,
Chame por mim nas vagas ondulosas
E o vento venha em coleras medrosas
O meu destino proclamar num grito;

Neste mundo tão tragico, tamanho,
Como eu me sinto fundamente estranho
E o amor e tudo para mim avaro!..,

Ah! como eu sinto compungidamente,
Por entre tanto horror indifferente,
Um frio sepulcral de desamparo!

De um lado a dôr profunda desse desamparo, de outro o seu Sonho, de que tanta vez nos fala commovido, e o seu deslumbramento de miseravel em meio « deste mundo tão tragico, tamanho », geram o estado d'alma de pungente e delicioso soffrer em que divagou mais do que viveu este desditoso e commovido poeta. Do choque destes elementos desencontrados, do conflicto interior resultante da descorrelação entre as suas aspirações, os seus sentimentos, aquelle seu Sonho, em uma palavra, e seu meio, das suas possibilidades com as proprias limitações do seu genio, nasceu a tragedia desta alma de eleição, que foi um distincto e singular poeta.

Moços que merecem o meu respeito e até a minha sympathia, pelo muito que amaram este poeta obscuro, mesquinha criatura de meiguice e bondade, quizeram fazer delle um chefe de escola, um labaro de combate. Não podia haver mais errada comprehensão do genio do seu amigo, e só a desculpa que a medida nos jui-

zos não é proprio da mocidade sempre mais enthusiasta que reflectida. Não, Cruz e Souza é um caso isolado e particular; toda a imitação da sua poesia seria um ridiculo e feio postiço. Ella é o que é, porque elle foi o que foi, um negro bom, sentimental, ignorante, de uma exquisita sensibilidade, cujos choques com o ambiente social resultaram em poesia. Nem elle tinha, e ainda bem, nenhuma concepção theorica da sua arte, nenhuma esthetica a communicar, nem siquer, creio eu, consciencia do seu éstro. Si alguma vez pretendeu o contrario, podemos acreditar com segurança que foram os seus amigos, menos discretos, que lhe insuflaram ou lhe emprestaram vaidades de estheta, que a sua obra e a sua pessoa desmentiam. E com isto lhe fizeram grande deserviço.

São tres bons poetas, Luiz Guimarães Filho, D. Julia Cortines e Cruz e Souza, mas tres poetas differentes, e como tal eu fujo a sempre difficil e perigosa tarefa de distinguil-os ou numeral-os. Cada um tem (de Cruz e Souza deve-se ler tinha) sua physionomia propria: tragica e commovida no poeta negro, intensamente sentida e sinceramente expressiva na poetisa, que é talvez a maior entre as suas irmans na poesia brazileira, e alegre faceira e inconsequente no joven poeta das *Pedras preciosas*.

VIII

MACHADO DE ASSIS (1)

Sem encarecimento ou condescendencia admitte-se geralmente no Brazil que o Sr. Machado de Assis (Joaquim Maria) é hoje o mais emiteenn representante da nossa literatura, quando a Academia Brazileira espontaneamente o instituiu seu presidente perpetuo, deixando de renovar a sua eleição, não fez sinão ratificar esta opinião.

Funda-se ella em razões todas procedentes. Nascido no Rio de Janeiro em 1839, foi-lhe dado assistir a todos os acontecimentos que concorreram para acabar de constituir, na se-

(1) Este ensaio foi escripto a pedido de uma Revista portugueza, *O Mundo Elegante*, onde primeiro saiu. Esse destino explica o seu tom geral de informação a um publico de quem o Sr. Machado de Assis não é tão conhecido como o é dos seus patricios.

gunda metade do seculo XIX, a literatura brazileira, sinão como uma arte inteiramente independente, ao menos como uma literatura nacional bastante caracterizada por alguns signaes que lhe são proprios. E para esse resultado elle contribuio com a obra original, mais una, mais homogenea e mais harmoniosa da lingua portugueza na America. E demais uma obra em relação á nossa economia literaria, feita com uma sequencia e uma consciencia verdadeiramente extraordinarias na nossa vida espiritual. O Sr. Machado de Assis é essencialmente um poeta, quero dizer um criador de vida, um auctor de ficção. Dos seus dezesete ou dezoito livros apenas algumas paginas não serão de novellas, mas de chronicas, de critica e de memorias.

E o que não são novellas, historias, romances, em summa, ficção ou versos, e nos seus, ainda o conto tem uma parte grande, é theatro, que é tambem ficção. Ao contrario dos escriptores brazileiros, todos elles dispersos e incoherentes, versateis sem fecundidade nem profundeza, o Sr. Machado de Assis cedo elegeu a sua parte, assentou a sua actividade e a limitou de modo a poder fazer a obra superior e distincta que legitimamente o sagrou chefe da literatura brazileira contemporanea.

E numa terra cujo estado social ainda não

permitte a profissão das letras, o Sr. Machado de Assis soube ser principalmente e antes de mais nada, e com tão rara dignidade como talento, que lhe conquistou, com o apreço o respeito dos seus concidadãos, um homem de letras, o mais completo que tenhamos tido. Primeiro operario, pois seus começos foram humildes, e jornalista, depois e ainda hoje funccionario publico exemplar, autodidacta, porque de condição modesta nunca lhe bastaram os meios de se fazer uma cultura escolar, elle encarreirou pelas letras por uma vocação decidida, que, por bem seu e nosso, nunca o deixou desviar-se d'ellas, siquer por momentaneo abandono.

Amadas ardente e ciosamente, embora sempre com a exquisita delicadeza de sentimentos e de trato, que lhe tornaram impossiveis quaesquer manifestações ruidosas, ellas lhe foram sempre as companheiras queridas e as preoccupações unicas. Não que outras absolutamente não tivesse, ou que encerrado na torre de marfim da poesia ficasse alheio ao seu tempo e meio. Não, para o Sr. Machado de Assis tambem o mundo real existe; sómente, tudo na sua existencia, principalmente espiritual, acabava por se reportar ás suas letras bem amadas. Sem vislumbre d'esse cabotinismo, que é a mancha feiissima da vida literaria do nosso tempo, o Sr. Machado de Assis é um fervoroso devoto

da sacrosanta literatura, como lhe chamava Flaubert. Entretanto, a sociedade só foi para elle um assumpto ou uma fornecedora de assumptos á sua imaginação criadora. O seu pessimismo innato, quasi estou em dizer o seu pyrronismo fundamental, que em plena madureza o estudo de Schopenhauer devia systematizar, exerceu-se e justificou-se na observação de uma sociedade cujas ridiculezas deviam profundamente affrontar o seu congenial atticismo, e das quaes elle foi, sem o parecer, o mais cruel pintor, o mais impiedioso satyrico.

Porque a satyra é a intima feição do genio e da obra do Sr. Machado de Assis. Como porém não é propositada, intencional, mas derivada naturalmente da sua concepção da vida, amarga como a de um pessimista de condição e temperamento, mas retida na sua expansão, por um meticuloso escrupulo de discreção e medida, sae-lhe a sua satyra mitigada, ainda disfarçada na intenção e na fórma, recondita, se bem apparente aos que o leiam com a attenção que merece. Além da copia, da regularidade, da sequencia, do desenvolvimento coherente e normal, qualidades que, comquanto extrinsecas, não são menos essenciaes num trabalho literario, que aponta a ser uma obra, possue a do Sr. Machado de Assis virtudes de imaginação, de composição, de linguagem e de

estylo que a levantam e distinguem na nossa literatura, dando-lhe nella sem contestação o primeiro lugar. Foi certamente elle o primeiro entre os nossos poetas a ter preoccupações artisticas, o nosso primeiro artista literario, cioso da forma e trabalhàndo-a com amor, ainda em antes que o parniasismo, que então apenas balbuciava em França, houvesse feito da pontilhosa perfeição do verso e rima um dogma esthetico. Essa mesma preoccupação da fórma perfeita não só por qualidades de correcção e de belleza plastica ou prosodica, mas tambem por virtudes de expressão, o que tudo junto constitue a excellencia do estylo literario, foi tambem elle quem a inaugurou, com inteiro successo, na nossa literatura. Com um justo e peregrino sentimento de bom gosto e de medida, não foi nunca nem um servil imitador do estylo propriamente portuguez, nem macaqueador dos classicos, nem um revoltoso contra as sãs tradições e a boa disciplina da lingua vernacula. A' influencia literaria de Antonio de Castilho e á pessoal de Castilho José, cujo commercio, quando este ultimo arcade da prosa portugueza por aqui estanceou, não foi sem fructo para o Sr. Machado de Assis, podemos attribuir o gosto que só elle então mostrou pelo estudo da nossa lingua, não como um safaro grammatico, mas como um artista.

Pobre, não podendo adquirir os pouco vulgares livros classicos portuguezes, o Sr. Machado de Assis — a elle proprio devo esta confidencia — fez-se assignante do Gabinete portuguez de leitura, donde podia levar os livros, por emprestimo. Leu-os todos, assimilou-lhes a lição vernacula, unica tambem que elles dão; mas com exquisito bom gosto e justo sentimento das cousas literarias, nunca transplantou anachronicamente para a sua lingua, como com menos senso fizeram os Castilhos e Camillos, as fórmas e formulas obsoletas dos quinhentistas. E depois de Garrett, que foi um dos seus mestres mais prezados, e é ainda hoje uma das suas admirações, e de Herculano, ninguem escreveu um portuguez mais castiço nem mais elegante.

Sob este aspecto elle não é só o principal escriptor brazileiro vivo, mas portuguez tambem. E não carecesse a sua, por tantos respeitos formosa e admiravel lingua, de certas qualidades de energida, e colorido, de eloquencia, de brilho, eu não duvidaria collocal-o entre os grandes escriptores de reputação universal, um Gauthier, um Flaubert, um Renan, um Anatole France, um D'Annunzio e, com manifesta superioridade sobre este, um Eça de Queiroz. Outra distincção do Sr. Machado de Assis é ser tambem em ordem de data, e depois na

preexcellencia com que o foi, o primeiro psychologo da nossa novella, e mais, até certo ponto, um moralista. Desprezando o preconceito do romance e da critica nacional que pretendia fosse o pittoresco brazileiro a fonte unica, o só thema de nossa inspiração, o autor de *Yayá Garcia*, de *Resurreição*, de *Braz Cubas* e de tantos deliciosos contos e historias, que são talvez as joias mais puras de nossa ficção, representou em scenas e typos que ficaram como criações, feições diversas e multiplas da nossa gente, principalmente da nossa sociedade mais civilizada, menos matuta, mas não menos brazileira que esta. E a representou com um talento de synthese e de generalidade que eleva a sua obra á categoria das grandes obras geraes e humanas. Daquella sociedade que é a sociedade brazileira policiada, culta, cidadã e portanto o nosso coefficiente exacto como nação civilizada, e não simplesmente como povo exotico e pittoresco, deu elle literariamente a definição mais exacta e bella que possuimos.

Os romancistas são a seu modo historiadores e sociologos e não sei si não serão os melhores. Dos dous aspectos do Brazil, o matuto e colonial e o moderno e civilizado, dão definições diversas mas não differentes na essencia, os seus romancistas, desde Teixeira e Souza até o Sr. Graça Aranha.

Daquellas feições são pintores geralmente exactos, si bem que nem sempre interpretes fidedignos, José de Alencar, Macedo, Manuel de Almeida, Bernardo Guimarães, Frankin Tavora, Taunay, Inglez de Souza, Coelho Netto, Affonso Arinos. Da segunda ainda alguns d'estes, como os dous primeiros e o penultimo, e mais Aluzio de Azevedo, Raul Pompeia, Domicio da Gama, D. Julia Lopes e excellentemente o Sr. Machado de Assis. Sem o parecer, foi elle quem deu da alma brazileira a notação mais exacta e mais profunda. A transformação que se opera na sociedade de que esses escriptores foram os romancistas, tem no Sr. Graça Aranha o seu magistral pintor e interprete. A essa obra de representação do Sr. Machado de Assis, por tantos respeitos admiravel e até superior, falta infelizmente, a meu ver, o dom de sympathia e de piedade. Não esqueçamos, porém, para lhe desculpar a falta, que essa obra é de inspiração pessimista e de intenção satyrica.

Tendo atravessado no longo periodo de uma vida já proxima dos 70 annos, numa terra cujos melhores engenhos literarios morreram antes dos quarenta, varias correntes espirituaes, desde a maior de todas, o Romantismo, aqui no seu apogeu quando elle estreou, o Sr. Machado de Assis, raro traço de originalidade, se não deixou arrastar por nenhuma d'ellas, ou siquer seguiu

alguma, sinão emquanto condizia com o seu temperamento.

Certo, o Romantismo influiu nelle, muito ao de leve porém, e sem de modo algum absorvel-o.

Como lyrico, a porção propriamente emotiva da sua poesia deriva talvez principalmente de Lamartine, com cuja alma religiosa e sentimental a sua não me parece ter, entretanto, nenhuma affinidade.

Mas esse primeiro romantismo, que foi tambem o de Garrett e de Gonçalves Dias, devia ceder o passo ao naturalismo das *Americanas* e, principalmente, das *Occidentaes*, onde o seu temperamento poetico, mais reflexivo, mais comprehensivo que emotivo, acharia a sua manifestação natural.

Todavia, o puro lyrico deixou entre os poemas que publicou, alguns de rara e verdadeira belleza como *Elegia*, *Versos a Corinna*, *Uma Ode de Anacreonte*, *Ultima jornada*, e outros. O que separa a sua poesia é, com a pureza da fórma, que nella é insigne, a sobriedade da expressão, que lhe dá alguma cousa de classico, no melhor sentido deste qualificativo.

E' decididamente um poeta, apenas não é um poeta exuberante, de commoções faceis e indiscretas e manifestações eloquentes, como são por via de regra os nossos. Estas faltas elle as sup-

pre por uma sensualidade refinada, que é um dos privilegios da grande arte. O Sr. Machado de Assis fez tambem theatro, muito fino, muito literario, um theatro de poeta psychologo e moralista, cuja elegancia de conceito e de expressão não poderia convir á scena.

Suas peças são principalmente proverbios e sainetes: *Os Deuses de Casaca*, *Tu, só tu, puro amor*, *Não consultes medico* são n'esse genero as suas obras-primas, ás quaes podemos juntar esse encantador poema lyrico, já citado, *Uma Ode de Anacreonte*. Mas si a sua obra de mais esforço, e neste sentido mais forte, é o romance, a sua obra verdadeiramente distincta e superior é o conto.

Dessas *historias*, como gosta de chamar-lhes, tem elle modelos acabados pela originalidade e imprevisto da invenção, simples sem rebusca, mas nunca banal, pela perfeição rara da composição, pela propriedade superior da expressão, sempre vernacula e jamais antiquada, sobria sem seccura, elegante sem preciosidade, formosa sem atavios ou enfeites, casando-se admiravelmente com um pensamento proprio, ironico, ondeante, feito de uma observação arguta e desilludida da vida. E humorismo, que não é nem a graça de Camillo, ou a de muito melhor quilate, de Garrett, nem o espirito de Eça. *Varias historias* é, dos seus seis ou sete livros de

contos, o que eu recommendaria a quem quizesse conhecer melhor o grande escriptor brazileiro do que por este imperfeitissimo esboço.

Tambem fez critica, o Sr. Machado de Assis, mas a sua critica, penetrante por um dom natural do seu espirito, quasi só se exerceu particularmente, em prefacios de poetas noveis que procuravam a sua consagração de mestre. Tem, portanto, o peccado original de todas as apresentações e por isso mesmo não passou da apreciação sympathica e elogiosa das obras recommendadas. Provam que não lhe faltavam disposições, nem cabedaes para mais, as suas excellentes vistas sobre Molière, Antonio José e outras paginas esparsas. A reunião de seus prefacios seria uma deliciosa collecção de critica intelligente, amena e amigavelamente ironica.

São estes, sem attenção ás datas do seu apparecimento, os principaes Livros do Sr. Machado de Assis : *Yayá Garcia*, *Helena*, *Resurreição*, *A Mão e a Luva*, *Memorias posthumas de Braz Cubas*, *Quincas Borba*, *D. Casmurro*, *Esau e Jacob*, *Historias sem data*, *Papeis avulsos*, *Historias da Meia Noite*, *Contos fluminenses*, *Varias historias*, *Paginas recolhidas*, *Poesias completas*.

IX

LIVROS E AUTORES DE 1903 A 1905

Quero crer não será excusado e inutil continuar a fazer, no fim destes volumes, em que vou principalmente acompanhando o movimento literario brazileiro, a antes resenha succinta do que critica particularizada, dos autores e livros dos tres ultimos annos.

Quando outro merito não tenham estas noticias, não lhes faltará ao menos, si me não engano, o da informação, a que a escassez de outras fontes, como publicações bibliographicas especiaes, por ventura dará maior relevancia.

Não tendo estado, nesse periodo, tão attento á nossa vida literaria como nos que immediatamente o precederam, desde 1895, nem lhe havendo acompanhado as manifestações com o mesmo interesse e curiosidade, receio não me escapem alguns dos seus aspectos, ainda rele-

vantes, e muitos documentos, por ventura interessantes, por que se revelou. Assim, não saberei dizer com alguma precisão, si nesses annos, principalmente no de 1903, foi a nossa vida literaria mais rica que nos anteriores. De mim para mim, porém, creio que não. Nem por isso digo fosse mais pobre e mais fraca. Julgo-a antes como a dos outros annos : muito livro, na realidade folhetos, de versos ; menor numero, mas ainda grande, de contos e a tal *phantasia*, ruim e desprezivel cousa de que temos a primazia, alguns romances, dos quaes um ou outro, raro, sae da mediocridade, quasi nada de estudos ou ensaios philosophicos, historicos, criticos ou taes que, pelo seu assumpto e pela sua composição, caibam no dominio da literatura. O theatro literario não existe, do outro não sei, que o não frequento. Das dezenas desses livros, pela maior parte, é bom repetir, folhetos, que no Brazil se publicam todos os annos, de facto apenas poucos serão benemeritos de attenção e apreço, o que aliás não quer dizer que esses, por isso que os podemos estimar hoje, os nossos netos continuem a estimal-os depois de amanhan. *Habent sua fata libelli*, e entre nós, reparo, é precaria a sorte dos livros. Em trezentos annos de literatura, quantos são os livros nossos que ficaram na nossa memoria e que realmente lemos ao menos uma vez? E', talvez, por isso que

a nossa literatura vive a recomeçar-se; a geração seguinte ignora a precedente, e, na ignorancia de tudo o que se fez anteriormente, tem a candida illusão de ser uma iniciadora. Si algum sentimento de continuidade e solidariedade tem, é com a literatura franceza, que arreméda, com frequencia, desageitadamente. Pois não era um festejado literato, e, o que mais é, critico da literatura national, quem um dia perguntava num escripto : Quem é este João Lisbôa? » ignorando por completo, até de nome, um dos espiritos mais altos e um dos mais perfeitos prosadores das nossas letras? Tinha razão o Sr. Joaquim Nabucó, quando escreveu que « temos uma literatura desoccupada » e que « o nosso campo literario é composto de *flâneurs* ». E faltando-nos a cultura, uma cultura geral, solida e bem feita, e não o nosso superficialissimo autodidacticismo, a nossa producção literaria, não obstante o talento natural, ou a vivacidade facil, que é o nosso primeiro dom intellectual, fica, salvo um ou outro raro caso, sempre falha ou mediocre, sem originalidade real, nem força, mais de imitação que propria. Instinctivamente, quando lemos um nosso livro de imaginação, acode-nos procurar n'algum escriptor estrangeiro, quero dizer francez, o termo de comparação para elle, o confronto antonomastico, sem o qual já quasi não podemos

apreciar um escriptor patricio. Esse vicio rhetorico, certo, o herdámos de Portugal, onde viçou; mas a sua constancia aqui está tambem revelando quanto a sua vigencia é facilitada pela tendencia imitativa dos nossos autores, e sua fraca originalidade.

A poesia dá sempre a mésse mais abundante. Com certeza não me acho informado sinão de parte minima da colheita poetica de 1903. São ainda assim uns doze volumes, dos quaes mais de metade apenas escassos folhetosinhos. Dessas publicações a mais consideravel foram dous volumes das *Poesias de Mucio Teixeira* (H. Garnier), em que este copioso e bom poeta reuniu os seus numerosos versos esparsos por outras collecções. Não é, pois, obra nova, do anno. No mesmo caso está o voluminho dos *Poemas do Mar do Norte* de H. Heine, traduzidos do original por um poeta de bons quilates, o Sr. Marcos de Castro, agora publicados em 3ª edição (Laemmert et Cia). O leitor sabe que aquelle nome mal occulta o Sr. Alberto Ramos, cujos creditos de poeta raro, por dotes especiaes da sua inspiração e pela escassez da sua producção, confirmou o seu unico poema publicado este anno, a sua bella *Ode a Santos Dumont*, (Laemmert et C.) digno par da do *Campeonato*, de ha dous annos. Poeta que, a outras distincções, junta esta do peregrinismo da inspiração

e da raridade no poetar, é o Sr. Mario de Alencar. Delle tivemos tambem, e unicamente, uma *Ode Civica*. A sua modestia, a sua discreção, direi a sua timidez e pudico afastamento das vulgaridades da cousa publica, não o impediram de vibrar de indignação ante a má campanha a seu ver feita a negociações diplomaticas recentes, nas quaes se achava empenhado um nome glorioso e querido. E a principal, e difficil virtude desse poema, que se poderia chamar politico, é que nem por um instante sae do restricto dominio da arte para descambar na declamação politica em verso, a mais detestavel cousa que possa haver. Animada dos mais generosos sentimentos e de um patriotismo mais puro e alto do que é de commum essa vulgar paixão, a ode do Sr. Mario de Alencar é, apezar do seu epitheto de civica, um excellente trecho de poesia.

Ou porque a nossa lingua seja de si melodiosa e cantante e rica em rimas e rythmos e haja sido por longos seculos trabalhada por uma multidão de poetas, muitos dos quaes eminentes, que tornaram facil o versejar nella; ou porque exista em a nossa gente, herdada da portugueza, uma grande aptidão de o fazer, o certo é que os nossos poetas, quero dizer aquelles que não são do todo indignos desta qualificação, ainda no seu méro significado material, sobre numerosos, ver

sejam todos bem. Raro é já encontrar entre elles um mau versificador, e si poucos têm de facto a exquisita perfeição parnasiana, a immensa maioria pelo menos não erra mais o verso. Deploravel dom, que os faz tomar a facilidade de versejar por talento poetico, e crer que toda a poesia está no verso certo, mais ou menos bem rythmado e na cançativa repetição, um giro de frase já estereotypado por gerações de poetas, de themas, imagens, expressões, sentimentos, que são o fatigado material das suas locubrações. Dellas, 1903, como os annos anteriores, e os subsequentes, foi bastante rico e, algumas, por esses aspectos ao menos, não de todo despeciendas, como por exemplo, as *Constellações* do Sr. Arnaldo Damasceno Vieira (Rio de Janeiro) ou, sem embargo do feio e ridiculo titulo, *Vóvó Musa*, do Sr. Zeferino Brazil (Porto-Alegre). Nenhum porém, com distincção que mereça notada, si não fôrem talvez as *Transfigurações* do Sr. Nestor Victor (H. Garnier). Ha neste poeta, apezar dos senões e falhas que se lhe possam notar, mais do que os dotes de simples versejador correcto, e si elle não logra ainda commover-nos mais intensamente (e de facto apenas superficialmente nos commove), vem isso da obscuridade do seu pensamento poetico e da sua mesma expressão. No verso como na prosa, a sua concepção e a sua expressão me parecem difficeis,

não de uma difficuldade esthetica como é, sómente na poesia aliás, a do Sr. João Ribeiro, por exemplo, mas da que provem tanto da obscuridade do seu proprio espirito, que parece não ver claro, como dos seus preconceitos artisticos de escóla. E na sua obscureza, simultaneamente nativa e rebuscada, entra por muito o seu imperfeito manejar da lingua. Mas nos seus poemas, a despeito de injustificadas pretenções á distincção, e de banalidades mal disfarçadas sob ellas, ha alguma cousa realmente superior, como pensamento e sensação, como emoção poetica, ao resto da producção do anno.

E, bom symptoma de vitalidade intellectual e de ambição literaria, de toda a parte nos chegam documentos de vida intellectual. Do Maranhão e do Paraná, de S. Paulo e da Bahia, recebemos em livros, em folhetos, em revistas, por via de regra ephemeras, e de fraco interesse, o éco auspicioso da vida literaria na provincia, tanto mais de estimar, qualquer que seja a sua força e nitidez, quando as condições dessa vida ali são naturalmente difficeis e quando, no Brazil, como nos outros paizes, é a provincia a principal fornecedora da literatura nacional, tendo talvez a funcção necessaria de manter mais vivo o caracter indigena, que o cosmopolitismo das capitaes tende forçosamente a apagar. Dos quarenta da

Academia Brazileira, muito mais de metade são provincianos.

No Maranhão, terra onde não morreram totalmente as tradições literarias do meiado do seculo passado, publicou o Sr. Antonio Lobo, nome já conhecido e estimado da literatura provinciana, um romance, *A Carteira de um neurasthenico*, livro que se lê sem enfado e no qual se descobrem qualidades estimaveis, mas por ora apenas boas promessas de um bom romancista. Diz-se que a critica não deve discutir o modo por que o autor concebeu a sua obra, e apenas a maneira por que a realizou. Eu, todavia, me permittirei dizer que foi o modo da concepção do Sr. Antonio Lobo o que no seu livro menos me agradou; achei postiça a maneira por que enquadrou o seu romance, que teria lucrado, creio, em ser directamente contado. Não chegariamos a descobrir a neurasthenia do narrador, si elle proprio não nol-a houvesse affirmado.

No genero, porém, os melhores livros do anno, foram, acho eu, a *Luzia Homem* (Rio de Janeiro) de um provinciano-carioca, o Sr. Domingos Olympio e *O Brigue Flibusteiro*, de outro provinciano, este do Sul, naturalizado carioca, o Sr. Virgilio Varzea. E' do Ceará o autor de *Luzia Homem* e da vida cearense a interessante narrativa. O novo romancista, bastante conhecido no norte do Brazil e aqui como

jornalista, entra tarde na vida literaria do livro, perdoe-me elle a indiscreção, com mais de cincoenta annos. Mas, salvo uns laivos de espiritualismo romantico, o seu romance é, melhor que o de um joven, com as inexperiencias e os excessos da juventude, o de um espirito em plena madureza. A narrativa, talvez tanto ou quanto sobrecarregada de descripções, quasi todas bellas aliás, mas sem nenhuma distincção especial, de digressões e de dialogos, igualmente bem feitos, mas que por ventura lucrariam em ser encurtados, podia, sem prejuizo do merito do livro, ser menos longa. Mas, repito, é interessante, e deixa-nos com a impressão de um quadro exacto e bem feito da terra e da vida cearense, a certeza de que ha no Sr. Domingos Olympio um romancista de merecimento, um escriptor, uma imaginação de poeta, que apenas tardou em manifestar-se no livro.

O Sr. Virgilio Varzea, um fluminense de Santa Catharina, mantem com bizarria neste seu novo livro, *O Brigue Flibusteiro*, os seus creditos, devidos a um esforço honesto e a um trabalho sincero, de um dos nossos mais estimaveis autores de ficção. Si elle fosse pintor, sinão com a penna, o seria de marinhas. São a sua especialidade a vida maritima, os quadros navaes, e tudo o que com esses aspectos se rela-

ciona. E nesse genero, si não painéis de grandes dimensões e perfeita factura, possue elle já quadrinhos, manchas, aquarellas, esboços muito bons e bem acabados. E todos impregnados do doce lyrismo que ha na sua inspiração e que os faz viver mais do que seria de esperar de taes quadros, ainda animados da inspiração que os produziu e do profundo amor, que é um dos segredos das obras bem succedidas, com que foram pintadas. Nem a nota tragica, tão das cousas do mar, do *Brigue flibusteiro*, impede por completo a manifestação daquelle lyrismo.

As idéas, as aspirações, os sentimentos socialistas, e ainda anarchistas, que tão preponderante influxo tiveram na literatura européa dos ultimos tempos, não haviam até o anno de 1902 influido de fórma alguma em a nossa. O nosso symbolismo, de pura imitação, foi simplesmente arcadico, isto é, inteiramente despreoccupado do que não fosse puro versejar por amor de versejar, sem nenhum pensamento ou intuito social. A primeira manifestação, ao menos a primeira digna de consideração, daquella corrente de idéas aqui, foi o forte e formoso *Chanaan*, do Sr. Graça Aranha, livro extraordinario na nossa literatura. O *Ideologo* do Sr. Fabio Luz (Rio de Janeiro, Paula Souza e C^ia^), publicado em 1903, é o segundo. Livro sincero,

commovido mesmo, em que as qualidades do autor das *Novellas*, principalmente a sua lingua, se apuram e aperfeiçoam, não é, todavia, ainda o livro que do seu autor esperamos. Resumbra demasiado delle o intuito da propaganda, a que a verdadeira obra d'arte deve mostrar-se estranha, até quando não é outro o seu objectivo.

Um joven e talentoso diplomata nosso, o Sr. Silvino do Amaral, publicou um bom e volumoso *Ensaio sobre a Vida e Obras de Hugo de Groot* (Grotius) (H. Garnier). Si não é propriamente um trabalho de folego e original, revela, entretanto, intelligencia, estudo e capacidade para locubrações semelhantes; em summa, uma boa e auspiciosa estréa. Sinto que a estreiteza do espaço me não permitte occupar-me, quanto quizera e o livro merecera, do *No Japão* (Laemmert et Cia) do Sr. Oliveira Lima. A nova obra do Sr. Oliveira Lima, como a antecedente, no mesmo genero, *Nos Estados Unidos*, é por muitos respeitos interessante e grandemente digna de ler-se. As suas observações sobre o Japão e a sua interpretação do curioso imperio, feitas com sinceridade e sympathia evidentes, e sem rebuscadas psychologias, calam em nosso espirito como verdadeiras. Merece sobretudo ser notada a bem succedida insistencia com que elle nos mostra o Japão ao mesmo tempo votado por completo á imitação da civilização occiden-

tal, adoptando-a ou adaptando-a em todas as suas feições e, entretanto, permanecendo fundamentalmente japonez.

Com o sub-titulo de « Ensaio-philosophico sobre o materialismo e o Espiritualismo », publicou o Sr. Visconde de Saboia um copioso livro, *A Vida psychica do homem* (Laemmert et Cia).

Não obstante mostrar-se a par das doutrinas biologicas e psychologicas mais em voga, e dos seus expositores mais recentes e considerados, o autor atem-se ao espiritualismo, pelo qual convictamente propugna.

Iam-me esquecendo dous livros benemeritos de menção : um de contos, *Dor* (H. Garnier) do Sr. Escragnolle Doria, outro de versos, publicação posthuma, de Eugenio Savard, *Azas* (Rio de Janeiro).

Os contos do Sr. Doria, quasi todos destituidos de assumpto, nem motivo, pareceram-me antes themas de composições literarias. A artificialidade da sua composição é evidente e elles tresandam a literatura, isto é, não ha quasi nenhum delles em que allusões, citações, referencias, reminiscencias literarias não estejam denunciando essa feição pouco sympathica da sua « maneira », a preoccupação de literatura na sua literatura. De parte estes senões, *Dor* deve ser recebido com estima.

Uma collecção de versos antigos já publicados, creio que em 1897, e poesias ineditas agora recolhidas, formam o livro *Azas* do mallogrado Eugenio Savard. A leitura deste livro deixa-nos, a mim ao menos deixou, a dolorosa impressão de um poeta natural, espontaneo, bem dotado, morto prematuramente, sem ter podido herdar-nos mais que estas primicias do seu engenho, algumas já sazonadas e formosas, todas promissoras de melhor.

Será mais farta a mésse de 1904?

Em um realmente brilhante discurso da Academia Brazileira, repetiu uma vez o Sr. Medeiros e Albuquerque, com a veia que lhe é habitual, e que lhe renovava o thema, a velha condemnação á morte da poesia, por outros já tantas vezes decretada. Até hoje os acontecimentos não confirmaram, nem parece se disponham a a confirmar, esta sentença. Nunca em tempo algum a producção poetica foi mais copiosa, nem mais variada, e a poesia, para quem está para morrer, mostra uma extraordinaria vida. Alguns lh'a acharão mesmo demasiada, e a quereriam menos fecunda e prodiga.

Não quero duvidar da sinceridade da opinião do Sr. Medeiros e Albuquerque, votando á morte proxima a mais bella e perfeita das fórmas artisticas da commoção humana, mas não posso deixar de sorrir, sceptico, vendo-o repu-

blicar, em um livro novo, os seus versos antigos e ajuntar-lhes seus versos modernos (*Poesias*, edição definitiva, 1885-1901, H. Garnier, 1904).

Esses versos são indubitavalmente de um poeta, mas de um poeta cuja qualidade ou faculdade predominante não é propriamente a poesia e em que a commoção poetica fosse, não direi diminuida, mas modificada por um scepticismo innato e por faculdades criticas espontaneas. Seria elle bem moço, um adolescente, quando escreveu *Verdade*, o soneto que abre as *Canções da Decadencía*, versos de 1885-1887. Póde-se, é certo, ver nesses a influencia de Anthero de Quental, que o Sr. Medeiros parece ter lido muito. Do estudo, porém, do temperamento do Sr. Medeiros resalta que a poesia do grande poeta portuguez se achava em perfeita concordancia com aquelle, menos no que em Anthero havia de melancolia profunda e de pensamento feito directamente na meditação dos pensadores allemães e na propria ponderação das cousas e dos homems. Um bom lyrico, correcto como um parnasiano, embora sem a exquisita virtuosidade dos melhores destes, sem emoção bastantemente sentida ou com ella attenuada por um feitio sceptico do espirito, com mais intelligencia que sentimento, tal me parece um boa definição do Sr. Medeiros como poeta.

E' da mesma época de *Verdade* este outro

soneto, *Deus*, do mesmo tom que, ainda nos poemas puramente sentimentaes, será dominante na sua poesia :

Eu não sei quem és. Sei que minh'alma
nos céos librando o largo vôo ancioso,
jamais encontra do teu céo a calma,
— sombra illusoria de mentido goso.

E, si minh'aza mais e mais se espalma,
remontando no pego luminoso,
os mundos vejo que ninguem acalma
do Universo no giro portentoso.

Mas, si te busco, ó Deus potente e forte,
élo que enlaças a existencia á morte,
fonte sublime que creaste tudo,

Vejo a Materia as amplidões enchendo
vejo a Força seu seio revolvendo,
e só o céo, p'ra confessar-te, mudo.

E neste tom, não ironico, mas revoltado, blasphemo, sceptico, principalmente, canta, ganhando com isso uma distincção na poesia brazileira sua contemporanea, sendo nella o poeta pouco ouvido, é certo, sem grande nome como tal, acaso porque, como poeta, elle proprio se deu pouca importancia, se desdenhou — que com mais convicção e constancia exprimiu, ou simplesmente disse, a descrença do sobrenatural, a revolta contra os ensinamentos tradicionaes da fé e o materialismo philosophico. Mas

eu creio que havia nesta sua manifestação uma dupla artificialidade, que talvez tornou o seu papel de poeta menos consideravel, mais secundario do que por ventura merecia ser. Uma era do seu proprio sentimento, de segunda mão, sem a profundeza do de Quental, ou do de uma Ackermann, e, portanto, sem uma eminente força de expressão. Outra, a superficialidade, si posso dizer assim, do meio, ou, talvez melhor, a falta de correlação e sympathia entre o poeta e o seu publico. Este, por demais habituado a um lyrismo puramente amoroso e subjectivo, a um sentimentalismo facil, e frequentemente lamuriento, mas que o toca e elle comprehende, não lhe percebia nem as idéas, que até lhe repugnavam, dos seus versos, nem a natureza objectiva de grande numero dos seus poemas. Como cantor do amor, o Sr. Medeiros fica realmente em segundo plano — grande defeito em toda a sorte de lyrismo, especialmente para um povo cuja lyrica tradicional desde os trovadores, pais da sua poesia, é, sob esse aspecto, uma das mais ricas e formosas. O que de sceptico, de ironico, de frio ha na indole, nas feições espirituaes do Sr. Medeiros, tira á parte sentimental do seu lyrismo os dons de commoção e effusão profundas, que lhe dariam o relevo e o interesse que lhe faltam. Não é esse o seu campo de poesia; onde a sua veia poetica (para usar

um velho, mas bom termo), se distingue, é nos poemas objectivos, de pura emoção espiritual, de traducção ou expressão de suas idéas ou de suas sensações intellectuaes. E este feitio do seu talento poetico mais evidente é nos *Ultimos versos*, o que, a meu ver, serviria de contraprova ao meu juizo, pois creio que com a madureza se accentua e define a feição proeminente de um espirito. Já disse, penso, o bastante para não poder contestar ao Sr. Medeiros e Albuquerque o dom da poesia e o nome de poeta, ambos plenamente comprovados. Mas não creio incorrer na pécha, ou siquer insinuação de incoherencia, asseverando que a poesia não é a sua faculdade principal, sinão a prosa. E são os dons de prosador brilhante, versatil, original, imprevisto, espirituoso, ligeiro, que dão á sua poesia a differença que ella acaso possa ter na poesia brazileira contemporanea.

O regalo literario do anno foi, porém, um novo romance, *Esaú e Jacob* (H. Garnier), do Sr. Machado de Assis.

Na série dos romances da segunda — e agora, parece, definitiva maneira — do Sr. Machado de Assis, *Esaú e Jacob* mantem o primado adquirido ao autor pelas *Memorias de Braz Cubas*, *Quincas Borba* e *D. Casmurro*. Podem alguns desadorar o modo de escripta e composição desses romances, a maneira do autor, os

seu estylo, e achar-lhe ao cabo alguma repetição e monotonia; a critica, porém, não tem o direito de prescrever ao artista, nem os seus assumptos, nem como os deve tratar. Como a inspiração, a composição ha de ser livre. A' critica só assiste o direito de examinar si, escolhendo este ou aquelle assumpto e tal ou tal fórma de o conceber e tratar, o escriptor o realizou segundo um criterio de belleza, que, podendo soffrer variações infinitas, se conserva no fundo sempre o mesmo.

A' obra do Sr. Machado de Assis, a de mais perfeita unidade em a nossa literatura, é tanto mais preciso applicar esta regra de critica quanto a sua maneira literaria, o seu estylo que, como em raros, é elle proprio, são por assim dizer o seu mesmo temperamento individual. Ora, tudo em summa se poderá talvez exigir de um escriptor, menos que elle mude ou esconda o seu temperamento, o que só por si lhe diminuiria, si não anniquilasse, a personalidade que acaso tivesse. E é essa diversidade de temperamentos que, na unidade de uma literatura, lhe faz a variedade e o encanto. Ora, apezar de enganadoras apparencias, em todo caso mais pessoaes que literarias, em contrario, é grande e forte a personalidade do autor de *Esaú e Jacob*. E' escriptor que nunca de todo cedeu a influencias de meios, de parcerias ou de escolas. Passou

por diversas, que a todos aqui avassallaram, sem se deixar dominar completamente por nenhuma d'ellas, conservando sinão intacta, independente a sua personalidade literaria.

Neste romance principalmente ella se desenvolve em inteira posse de si propria, numa opulencia de pensamentos, de idéas, de conceitos manifestamente superior á dos seus outros livros de igual genero. A historia é simples, e por isso mesmo difficil de contar. Aliás as historias do Sr. Machado de Assis perderiam muito em ser recontadas por outros. O seu principal encanto talvez esteja no contador.

Cada livro d'elle, de parte o estylo, traz uma novidade. A de *Esaú e Jacob* é a do assumpto, que tem, do modo por que é exposto, toda a figura de um facto novo. Eu não sei si no seu atilado pessimismo o Sr. Machado de Assis não quiz representar o caso communissimo da desaffeição, e até da hostilidade dos irmãos, e com o seu gosto, filho da sua philosophia, de contestar as banalidades correntes como verdades, mostrar a falsidade do corriqueiro e mentiroso « amigos como irmãos ». Para isso, observar-me-iam, não precisava fazer dos seus irmãos, gemeos; mas fazendo-os dava mais força á sua demonstração, si alguma tinha em vista. Neste livro, ao humor, de que o Sr. Machado de Assis parece tem o privilegio entre os

nossos escriptores, junta-se por vezes a graça, como em nenhum outro sinão nos seus contos, onde facilmente a encontramos, dos seus livros da mesma feição.

O caso é, como já indiquei, o da reciproca hostilidade de dous irmãos gemeos, mas profundamente differentes e desiguaes de genios e de temperamentos. Esta differença profunda dos dous, acompanhada da animosidade espontanea de um pelo outro, em manifesta opposição com a igualdade ou simultaneidade de tendencias e inclinações em geral notadas nos gemeos, fórma o que chamarei a trama psychologica do romance. Sobre essa trama corre, como um fio de delicadeza peregrina, num bordado de rara formosura, a figura encantadora de uma mulher. Não é de esposa, nem de amante, ou de amada, mas de mãi. E não a da classica mãi velha e veneravel por um passado de angustias, de dedicação maternal, de devotamentos de esposa, mas uma mãi relativamente ainda bella e fresca e com isso inteiramente mãi, sem deixar de ser mulher, com as graças que a sua idade, o seu estado, o seu decoro lhe permittem. Uma criação felicissima, essa Natividade, em que se reunem com rara perfeição de factura os encantos da mulher, as gentilezas da senhora e a indizivel ternura das mãis. Quasi igualando-a, e talvez por certos traços levando-lhe vantagem,

porém de mais facil execução, é o Conselheiro Ayres, que da mesma familia do Conselheiro Acacio, fica inteiramente, absolutamente differente d'elle, como uma criação á parte e diversa, e entrará para a humanidade criada pelo Sr. Machado de Assis ao lado de Braz Cubas, de Palha, do Conego Dias e de outras não menos conhecidas personagens que a constituem, todas talvez excepcionaes, mas todas vivas, de uma verdade intensa, apezar da especie de risonha e descuidosa ironia com que são apresentadas. Porque, ao contrario da maior parte dos romancistas, elle não as descreve minuciosamente, salientando as suas qualidades e defeitos, não lhes enumera as virtudes e vicios, nem lhes diz por miudo os habitos e costumes, não as pinta em summa por dentro e por fóra; apenas fal-os falar e obrar, o mais discretamente que póde, e limita-se a completar-lhes o retrato com uma palavra, um dito ou um acto da personagem ou uma rapida apreciação sua, que são como o *coup de pouce*, a que se referia Rüskin, com que o mestre, concluido o quadro, dá-lhe a pincelada final que o illuminará todo.

Naquella idade dos trinta annos, cara aos balzacistas, Natividade, grande dama do Rio de Janeiro, formosa, opulenta de fortuna e gentileza, deu á luz, sem nenhum enthusiasmo, ou siquer essa alegria especial das mãis moças ou pobres,

dous filhos gemeos. O nascimento de algum modo tardio d'essas crianças foi antecedido e seguido de circumstancias pouco ordinarias, e de sentimentos diversos e contradictorios, de aborrecimento e alegria, de descontentamento e amor no casal. Em primeiro lugar, Natividade sentira que elles lhe brigavam no ventre, como os dous irmãos Esaú e Jacob no de Rebecca, mulher de Isaac, segundo a lenda biblica. Já vê o leitor donde vem o nome do livro. Natividade e o marido, um banqueiro meio apagado, passada a primeira e rapida contrariedade do nascimento dos dous meninos, põem-se a amal-os com grandes extremos. E elles crescem numa quasi excepcional atmosphera de amor e de carinhos. Mas parecidissimos quanto ao physico, o que é muito commum nos gemeos, divergem grandemente no moral, nos gostos, na indole, nas propensões e tendencias, o que é mais raro. Os nomes que se lhes havia de dar faziam objecto de questão e discussões na familia. Afinal, um motivo fortuito, fez resolvel-a pelos dos dous apostolos apparentemente socios e camaradas, mas de facto inimigos, Pedro e Paulo. Aquella differença entre a indole dos dous foi, desde a meninice delles, motivo de desgosto para Natividade, que em vão empregou todos os recursos da sua ternura maternal em combatel-a. Nesse empenho falharam-lhe todos

os seus mais engenhosos meios e Pedro e Paulo cresceram e fizeram-se homens, como Esaú e Jacob, adversarios, sinão inimigos — é preciso estabelecer o matiz. Gorada — o que é tão commum — esta obra de educação maternal, cada um delles escolhe carreira e partido differente. Só em uma cousa concordam, e coincidem, na eleição da mulher amada, que será a mesma, Flora. Eis outro delicioso typo de mulher, criado pelo Sr. Machado de Assis. Este é o de uma donzella, com todos os encantos e seducções da idade e do estado, e com alguma cousa de ideal, que, si a embelleza, nada lhe tira de realidade vivaz e humana.

Natividade morre, um pouco talvez da reciproca animosidade dos filhos. Ha nessa morte uma commoção a que não nos tinha habituado o auctor de *Braz Cubas*. Já moribunda, Natividade tentou um derradeiro esforço para reconcilial-os. Não logra sinão apparencias. O amor de Flora ou antes por Flora, que ambos sentiam sem animo de se declararem, porque cada um sabia tambem o outro apaixonado, e julgava-o o amado, augmentara naturalmente aquella separação, que Flora indecisa entre os dous, sem querer, antes não querendo, aggravava. O caso de Flora é singular. Entre dous rapazes esbeltos e amaveis que, — não ha enganarem-se mulheres nestas cousas — evidente-

mente a amavam, ella ama, sem saber qual delles, mas ama, sem objecto certo, indefinidamente. Ella tambem morre sem se ter decifrado o enigma cruel. E Pedro e Paulo continuam « os mesmos » que vinham desde o ventre materno, como verifica a philosophia pessimista e percuciente do Conselheiro Ayres.

Contado assim, eu estou que este romance não tem interesse, nem graça, porque o que principalmente lhe dá estas qualidades, é, primeiro, a lingua admiravel, a rara sciencia de dicção com que é escripto, e depois a arte peregrina e toda pessoal da composição, os mesmos *tics* e cacoêtes do autor, o engenhoso artificio da apresentação, uma psychologia subtil, por vezes talvez e infelizmente rebuscada, mas sempre intelligente e com aquelle sal de malicia caro aos paladares mais sãos. Não será talvez uma literatura forte, uma arte intensa capaz de commover-nos com emoções superiores; mas é, como raras, intelligente, original, distincta e deliciosa.

Não lhes parece que é muitissimo?

Como é um bom temperamento literario, com o talento correlativo, poude o Sr. Oliveira Lima este anno deixar o campo especial dos seus estudos, a historia nacional, e o estudo dos povos curiosos, e penetrar o da poesia, escrevendo uma obra de theatro: *Secretario d'El-Rey*

(H. Garnier). E' certo, como já lhe notaram, que, fazendo-o, não se afastou grandemente dos seus estudos predilectos, pois a sua peça, conforme indeterminadamente lhe chamou, é, segundo elle mesmo a qualificou, « historica » e historica « nacional ». Nós podemos chamar-lhe uma comedia. Na época em que se passa, 1738, era Escrivão de puridade e Secretario do Rei de Portugal o brazileiro — não lhe chamo illustre para o não confundir com os milhões de illustres de hoje — Alexandre de Gusmão, centro e alma da peça. Ha alguns annos eu não duvidaria acoimal-a de pouco dramatica, quero dizer de ter pouca acção. Hoje tal accusação não teria mais lugar de ser. Uma acção intensa e movimentada não é mais necessaria á excellencia de uma peça, maxime de uma peça que se não endereça especialmente ao palco. E, aliás, não falta á do Sr. Oliveira Lima a indispensavel para que obras como a sua mereçam ser consideradas com razão obras de theatro, boa literatura dramatica e até aptas para a scena. Penso que, além do seu valor literario, o *Secretario d'El-Rey*, feito um ou outro córte nas falas e dialogos, talvez demasiado longos para o proscenio, está na caso de affrontal-o sem receio. O seu enredo não só teria a vida e o interesse indispensaveis para isso, mas um raro sainete na historia do ministro apaixonado

ceder á razão, e ceder com espirito, no caso dos amores de sua amada com um rival, moço, guapo, cavalheiro, e seu inimigo.

Alexandre de Gusmão é, si não me engana o imperfeito conhecimento que delle tenho, um dos não muito numerosos typos brazileiros que acaso merecem ou pedem uma monographia. Emquanto não nol-a dá, o Sr. Oliveira Lima começou a vulgarizar-lhe a imagem nesta obra d'arte, d'onde ella resalta sympathica e interessante. Si historicamente bem verdadeira, não sei, mas certamente com traços e gestos que nos dão a impressão de que o é. Creio que numa obra de imaginação isto basta, ainda quando essa obra se diz historica. A representação do meio e da época parecem-me, sem embargo de um ou outro anachronismo de linguagem e talvez de usos, geralmente exacta. Na dos personagens, a do rei D. João V acha-se talvez um tanto favoravelmente exagerada, mas, aceita a peça no seu conjunto e sem preoccupações de rigorosa critica historica, sem prejuizo sensivel para a obra. A impressão geral é a da verosimilhança daquella anecdota, tão bem aproveitada pelo autor. Falei em anachronismos; não o serão, na segunda metade do seculo XVIII, em Portugal, « pinga » por bebida alcoolica; « chut! » por chiton! caluda! etc.? Mas estes senões, si o são, não desmerecem o

valor literario desta comedia, como a concebeu e a lavrou o autor. O Sr. Oliveira Lima, porém, não só não é um poeta, mas, o que lhe censuro, não tem pela fórma da arte literaria o apreço que ella exige. Creio ter-lhe até surpreendido em certo menosprezo, ou pelo menos desattenção ou indifferença, por ella. Ella não é, em todo o caso, uma das suas preoccupações de escriptor. Ora, numa obra d'arte, de poesia, como esta, essa preoccupação era indispensavel, e si alguma cousa lhe attenúa o merito, é esse desinteresse da arte literaria, de poesia, no grande sentido desta palavra, aliás menos visivel no *Secretario d'El-Rey* que nos seus outros interessantes livros, que tambem a dispensavam mais.

Iguaes falhas, mas talvez em gráu maior, julgo haver descoberto na obra estimavel com que acaba de estrear no nosso romance o Sr. Curvello de Mendonça, *Regeneração*. (H. Garnier). E' um romance pelo seu autor qualificado de « social ».

Mais de uma vez nos meus rascunhos criticos tive ensejo de notar quanto a nossa literatura ficava inconscientemente alheia aos movimentos sociaes que se passavam no mundo, e ás correntes de idéas que os suscitavam. Ainda quando um ou outro poeta, como Castro Alves, ou algum

seu imitador somenos, repetia aqui os tropos de de Victor Hugo ou versejava as idéas de Pelletan, de Michelet ou Quinet, ou tambem, mas em menor quantidade, de Proudhon, era principalmente o aspecto politico que viam no pensamento desses homens e que principalmente os interessavam e commoviam. Mas ao que é a propria essencia da questão social ficavam estranhos, não a percebendo siquer. Todos se presumiam e diziam republicanos, na crença ingenua de que a republica, para elles palavra magica que bastava á solução do problema de cuja complexidade e difficuldade não desconfiavam siquer, não fosse na pratica perfeitamente compativel com todos os males da organização social, cuja injustiça os revoltava. Havia apenas nelles, com o gosto imponderado das novidades e a imitação literaria, os instinctos revolucionarios, tão nossos, e tão fracos, que jamais sairam da van palavra e do verso mais ou menos retumbante. Porque estas manifestações não passaram da poesia, que aliás não deixou de si, nessa corrente, grande memoria. Em prosa, na ficção de qualquer especie, não me lembra houvesse deixado alguma. E no emtanto nessa mesma época já a literatura de toda a Europa, mestra e inspiradora da nossa, estava cheia de preoccupações sociaes, e traduzia com força e belleza as dôres, os sentimentos e aspirações

populares. Todo Tolstoi está nos *Miseraveis* de Victor Hugo.

Não me arreceio de dizer que foi o Sr. Graça Aranha, no seu forte e bello livro *Chanaan*, que de uma maneira consciente, e com um raro poder de criação e evocação, trouxe para as nossas letras as preoccupações sociaes do momento. E com tal superioridade que, a despeito da sua imaginação lyrica, do seu grande poder de idealização, de sua intensa e sincera emoção humana, o seu livro fica no fundo, e nos principaes episodios, uma obra de raro e distincto realismo, no qual o caracter, a vida, a paizagem brazileira se reflectem com extraordinaria verdade e relevo.

Pertence á mesma tendencia de espirito e intenções de *Chanaan* a *Regeneração* do Sr. Curvello de Mendonça. Tem, para uma estréa, qualidades, sinão já distinctas, apreciaveis. Parece um livro sincero, de leitura agradavel, muitas vezes com o delicioso encanto da simplicidade. E' duvidoso, porém, para mim ao menos, que tenha o da verdade, como a encontro por exemplo em outros livros da mesma corrente, como nos de Tolstoi, ainda quando elle idealiza. Direi que é demasiadamente um livro de escola e de propaganda, o que o prejudica, a meu ver, como obra d'arte. Sincero sob o aspecto do sentimento e das convicções do autor, é um arti-

ficial sob o aspecto da representação de nossa vida, e no seu entrecho. Tal foi ao menos a impressão que me deixou.

Quero crer que o leitor já conheça o romance do Sr. Mendonça. Não lhe farei, pois, o relatorio delle. A acção aliás é nenhuma, o que não noto como um demerito, pois é corrente na ficção moderna. Faltam-lhe, porém, episodios que ponham nelle mais vida e movimento, o que me parece mais de reparar. Antonio, o heróe do livro, é, no nosso meio, uma pura criação sem realidade, um typo de imaginação em que o autor encarna as suas concepções de socialismo libertario ou de anarchista. Esse « homem rude, amante da natureza e do campo, inimigo das ivadades pomposas das grandes cidades », era leitor de Kropotkine, de Tolstoi, de Ruskin e até de Carlyle, que aliás não tinha nada de socialista, antes pelo contrario. Grande numero de paginas do romance são cheias das pregações de Antonio, num estylo que busca imitar o das pregações evangelicas, e que acabam por fatigar pela sua abundancia e pelo que tem de postiço. A figura de Antonio, pregador popular catholico, rude cathequista religioso dos sertões, mystico e bruto como tantos temos tido, e de que o Conselheiro podia ser o prototypo, seria grandemente verdadeira ; a de um Antonio tolstoista no meio rural brazileiro, plenamente fetichista

no seu disfarce catholico, é um facto que offende, acho eu, o sentimento do real. Aliás, todo o livro, parece-me já o ter dito, com as qualidades estimaveis que possa ter, carece desse sentimento, a ponto de, passando-se no nosso interior, não conseguir dar-nos delle, e da sua gente, uma impressão sufficiente. E' escripto num tom, ás vezes encantador, de romantismo e de idyllio, com a velha e boa sentimentalidade dos romanticos. Não impede isso, porém, que lhe sintamos a intenção demasiado manifesta de proselytismo, o erro, digamos a palavra, de transformar doutrinas sociaes, aspirações humanas, utopias philosophicas em realidade. Mais racional e esthetico seria, pela representação da realidade, mostrar-nos a necessidade da regeneração social, segundo a preconisam os autores do anarchismo, e insinual-a, do que nos dar como realizados e operando aquelles ideaes. Assim, qualquer que seja o seu merito, e o não occultei, o romance do Sr. Curvello de Mendonça entra na classe dos romances ideaes, propheticos, que imaginam a vida fóra do tempo e do espaço, em épocas muito futuras. Confesso que não tenho por essa especie de livros o menor gosto.

Pareceu-me um romance bem real o *Roman Brésilien* do Sr. Delpech. Só por ser uma descripção da nossa vida, feita com boa observação

e sympathia, a elle me refiro, porque, embora escripto por um francez que aqui vive a nossa vida ha annos, é um romance francez, talvez o unico pelo qual os Francezes da França possam fazer uma idéa exacta do Brazil e da sua sociedade. Comquanto um pouco *touffu*, é, com um ou outro senão, um livro bem feito e agradavel.

Nenhum anno sem livro parece ser a divisa do Sr. Cœlho Netto. O seu deste é o *A Bico de Penna* (Porto, Chardron, 1904), collecção copiosa de phantasias (poderiamos chamar-lhes folhetins), contos e perfis. O estylo geral é o da chronica, ou do nosso antigo folhetim, luso-brazileiro, remodelado pela influencia daquella especie literaria franceza. E nesse genero, pelos seus dons de imaginação, de lingua, de espirito, e de alta phantasia, o Sr. Coelho Netto é um dos melhores escriptores da nossa lingua. Este conceito, que é apenas justo, mais o comprova o seu novo livro onde, ha pedaços como *Lavradores*, *Balões*, em que tudo é de louvar, a lingua castiça e elegante, o bom espirito, a observação justa e percuciente.

Comquanto sempre menos notavel como copia, não foi talvez muito somenos á poesia a prosa nacional o anno passado, de 1905. No romance, o mais consideravel, pelo volume e pelas nobres pretenções de fazer obra de reflexão e de estudo, ainda que de imaginação, foi o

livro do Sr. Rocha Pombo, *No Hospicio* (H. Garnier). O Sr. Rocha Pombo é um escriptor de vontade, talvez em excesso versatil para as capacidades da sua cultura e talento, demasiado copioso para as suas qualidades literarias. Raro genero literario não terá ensaiado, sem em nenhum dar uma nota pessoal, que lhe indique a vocação, ou lhe distinga a individualidade. Mas como parece trabalhar com consciencia e boa vontade, o seu lavor literario merece louvado e animado. O seu romance, em que ha estimaveis ambições de pensamento, pecca por monotono e prolixo, no seu estylo descolorido não ha qualidades que lhe disfarçassem este peccado. Para dar relevo e valor dos pensamentos que por elle espalhou e de que o encheu, precisava de uma lingua infinitamente mais amestrada e mais distincta do que, sinto dizer-lhe, é a sua. Obras taes, em todas as literaturas, vingam principalmente pelo estylo, que, só, póde fazer valer a idéa, dado que esta exista.

O Sr. Souza Bandeira é um espirito votado ás cousas do direito. Os que o conhecem, pessoalmente ou de leitura, facilmente terão notado que o gosto da sua profissão não só de jurista, mas de advogado, o amor da jurisprudencia, na sua fórma theorica ou na sua fórma pratica — e que amor ha ahi que não possamos con-

ceber? — é, si posso dizer assim, a faculdade predominante do seu espirito. Esse amor chegará, ás vezes, até a indiscreção e ao exagero, como no seu, aliás muito curioso e interessante, ensaio, *O advogado na literatura e na vida real*, em que elle, com mal empregado carinho, pintou por demais bonito esse profissional... O que lhe vale, porém, e o põe acima dos milhares de leguleios que infestam a Cidade, é que naquella sua faculdade ha, bem proporcionada ao seu elemento principal, uma boa dose de espirito philosophico e uma boa dose de espirito literario: a capacidade de discernir e comprehender os aspectos philosophicos do direito, e de generalizar-lhe os factos, até confundil-os com cogitações mais altas e mais universaes da sociologia, e a capacidade, nem sempre correlativa, de exprimir-se com a clareza, a correcção, as qualidades, difficeis de definir, de estylo, que fazem o escriptor, e outras que revelam o homem de letras.

Este juizo, parece-me, o livro do Sr. Souza Bandeira, *Estudos e Ensaios* (H. Garnier), que acaba de vir a lume, comprova, com pequenas restrições, que lhe não alterariam a exactidão essencial. Não obstante haver o autor começado a escrever para o publico ha mais de vinte annos, é este o seu primeiro volume, ainda um livro de fragmentos, e até, póde-se-lhe notar, de pouca

unidade. E' de esperar, e cordialmente o desejo, não seja sinão o primeiro de outros que mais completamente demonstrem as qualidades que já são manifestas e estimaveis neste.

O Sr. Souza Bandeira não duvidou incluir nelle, « a titulo de documento », os seus primeiros ensaios, de rapaz que se inicia nas letras no jornalismo academico, ou melhor escolar. Peço licença para advirtil-o que isso lhe cria uma obrigação, que lhe não preciso dizer qual seja. E, embora pareça indiscreta a advertencia, faço-a sem receio, sabendo quanto é elle capaz de desobrigar-se do compromisso que eu enxergo na republicação, « a titulo de documento », dos seus primeiros escriptos. Começa aliás o Sr. Souza Bandeira a desempenhar-se delle nos ultimos do seu volume.

O que de algum modo ainda offende o bom gosto literario amoroso da medida e discreção, do sentimento das proporções, e respeitoso da lingua, nos primeiros ensaios do Sr. Souza Bandeira, *Ligeiras idéas sobre o monismo*, *A philosophia positiva no Brazil*, e até em algum posterior, como *O monismo no direito*, vai pouco a pouco desapparecendo nos seus escriptos ulteriores. Nesses já a fórma, sem alcançar ainda, não direi a perfeição, que parece é inattingivel (até porque é muito relativa a maneira de a julgar), mas o caracter e a distincção, melhora

visivelmente. Os juizos são menos livrescos e as opiniões mais assentadas, e as capacidades de generalização, que o Sr. Souza Bandeira é dos não muito numerosos a ter entre nós, se exercem com mais medida e melhor base. Nos primeiros nota-se, com desgosto, a fraseologia empolada, o ar dogmatico, um sentido menos apurado das gradações do pensamento e da sua expressão. Estes defeitos, porém, não são do Sr. Souza Bandeira. O seu bom gosto natural e a sua extensa e boa cultura literaria, feita nas obras capitaes da intelligencia humana em todas as literaturas principaes, deviam forçosamente leval-o a uma apreciação pratica mais justa da arte de escrever. São da escola a que teve fatalmente o Sr. Souza Bandeira, quando em annos verdes, que não são a idade do discernimento, de ceder. Elle soffreu a influencia poderosa de Tobias Barreto e da roda de discipulos que o cercavam e o admiravam, alguns certamente com a consciencia que uma tal admiração póde permittir, outros, talvez a maioria, sem a menor sombra della, por simples e beocio espirito de imitação. Os caracteres distinctivos dessa escola foram justamente aquelles, a falta de medida no pensamento e na expressão, o ar doutoral, o amor indiscreto da novidade, principalmente alleman, o absurdo da fraseologia biologica e do termo technico,

o estylo turgido, palavroso, empolado. E com esses defeitos tanto ou quanto, sinão muito, de pedantesco, no conceber e no dizer. De alguma cousa disso ainda se encontram exemplos menos numerosos e graves, é certo, do que em outros escriptores do mesmo grupo literario, nos primeiros ensaios do Sr. Souza Bandeira. Mas, taes senões, repito, eu não lh'os quero imputar, são da escola; e não é na idade em que os escreveu que, salvo os engenhos de excepção, temos a personalidade bastante para refugar influencias tão poderosas como foi incontestavelmente a de Tobias Barreto, dos escriptores brazileiros de todos os tempos o mais alheio á medida e ao bom gosto. Lastimo, sim, que ainda de vez em quando a ella sacrifique o Sr. Souza Bandeira, como na maneira decidida e menos ponderada, a meu ver, do seu *O monismo no direito.*

Taes senões, porém, como já notei, vão paulatinamente desapparecendo no estylo, e, portanto, no pensamento do sr. Souza Bandeira. Sob esse aspecto os seus tres ultimos estudos, *A marinha de outr'ora*, o já citado *O advogado na literatura e na vida real, O padre catholico e a cathequese*, a proposito do excellente romance *O Missionario*, do Sr. Inglez de Souza, são, além de boas amostras de critica intelligente e capaz, um progresso evidente sobre a sua maneira

primitiva. Sem me deixar contagiar pela abundante prodigalidade com que o Sr. Souza Bandeira distribue os epithetos de philosopho e pensador, não lhe chamarei nem uma nem outra cousa. Mas jurista, critico, moralista, o Sr. Souza Bandeira o é com capacidades de philosophia e de pensamento, habito de philosophar e de generalizar, e ao mesmo tempo sciencia dos assumptos, que lhe dão desde já um distincto lugar entre os nossos escriptores desses generos. Não tem sinão continuar, pondo todavia um pouco mais de cuidado no apurar, sem sair do natural, a sua lingua, como quer que seja ainda por vezes descurada. Faz-se neste momento no Brazil um bom e util, e necessario movimento a favôr da boa linguagem portugueza, que os nossos escriptores, que nós, posso dizer sem fingida modestia, iamos pouco a pouco, com a nossa ignorancia ou o nosso desmazelo, reduzindo a uma algaravia luso-franco-brazileira. Julgo um bom serviço prestado não só ás nossas letras, mas ao nosso falar nacional, a reacção contra esse desleixo provocada pela campanha dos Srs. Ruy Barbosa, Heraclito Graça, João Ribeiro, Mario Barreto e outros, campanha que repercutiu na provincia, onde alguns bons estudiosos da lingua propagam a san doutrina. E' evidente que se está procurando escrever melhor, isto é, com mais acerto, mais de

accordo com a grammatica, o diccionario e o genio da nossa lingua. E' preciso, porém, reconheço, que tão salutar reacção não se demasie e caia nos excessos do purismo e do classicismo. Seria uma pura irracionalidade. E' real que as linguas evolvem e que se não volta ao passado. O purismo, em todas as linguas, é uma impossibilidade de ordem historica, quasi de ordem material. São os mais illustres philologos que o ensinam. O classicismo hoje seria uma retrogradação caturra a processos de escrever, em inteiro desaccordo com o nosso modo de pensar e conceber.

Mas, sem cair num e outro, o estylo, comprehendendo a linguagem de cada epoca, póde guardar a fidelidade necessaria ás boas normas da lingua, conservadas através da sua evolução. Um famoso exemplo da possibilidade disto é Victor Hugo — e eu poderia citar ainda, em França, Th. Gautier ou Flaubert, e no portuguez Garrett, ou o Sr. Machado de Assis. Com ser um revolucionario literario, e ser um genio a quem as normas classicas pesavam, e que as destruio na rhetorica, Victor Hugo — o grammatico, como lhe chama um critico — manteve-se fidelissimo á grammatica, ao diccionario, á sua lingua. E, sem sair das suas regras mais severas, fez della tudo o que quiz.

Com os senões de uma informação falha e

incompleta, de certa incoherencia nas opiniões e conceitos, defeitos de composição são a macula principal do livro do Sr. Manoel Bomfim *A America Latina* (H. Garnier). Obra, em relação ao nosso trabalho literario, relativamente consideravel, e de louvaveis aspirações de nos dar uma interpretação racional, uma theoria justa da America latina, a do Sr. Bomfim não foi talvez composta com aquelle estudo e vagar que a sua natureza exigia. E sendo um espirito culto, uma intelligencia alumiada, elle proprio não póde deixar de sentir as falhas do seu livro de estréa. A má qualidade da sua informação, certos preconceitos de ordem scientifica, como a applicação de conceitos biologicos aos phenomenos sociologicos, sempre difficil e perigosa, com aquelles motivos primeiro indicados, não lhe deixaram dar á nossa literatura o livro de que elle é capaz. Como o propheta da Biblia que saíu para almaldiçoar e acabou abençoando, mas ao envés delle, o Sr. Manoel Bomfim, tomando a penna para contestar a má opinião européa sobre a nossa America, acabou escrevendo contra esta um terrivel libello, em que os seus detractores europeus, si acaso soubessem a nossa lingua, poderiam achar excellentes subsidios de opiniões de um pensador americano. Sem embargo destes defeitos geraes, o livro do Sr. Bomfim não é nem banal, nem mediocre e

revela no seu autor nobillissimo gosto e aptidão não vulgar para estudos serios e trabalhos de folego. E' emfim um livro que provoca discussão, o que não é pouco.

Não me tem, infelizmente, faltado occasião de pronunciar-me contra o vicio do pedantismo literario, do estylo inchado, da linguagem empolada, das idéas destemperadas, das metaphoras pretenciosas, e do alardo ridiculo de uma erudição que não custa a reconhecer falsa, ou apenas de superficie, vicio que é principalmente do Norte. Foi, parece, ali inoculado, em organismo já acaso preparado pelo gongorismo dos escriptores nortistas do seculo XVIII, e principios do XIX, e dos quaes Rocha Pitta e Baena são os exemplares, principalmente por alguns professores do Recife, como Aprigio Guimarães e Tobias Barreto. E' daquelle a phrase tola, com que se lambiam de goso os seus discipulos, de *palavrões, palavrões, não diz quem quer; palavrões, palavrões só diz quem póde.* Como si todo o mundo não os pudesse dizer; o que é difficil e raro e uma das mais eminentes qualificações do escriptor é não dizel-os.

Tenho aqui um livro, in-8°, de 230 paginas, que me obriga a voltar á mesma censura e traz o titulo de *Problemas de Philosophia biologica.* E' seu autor um joven estudante de direito ou

já bacharel do Recife, alma certamente enthusiasta e candida, mais de poeta, por ventura, que de philosopho, tanto que acompanhou o seu livro de um retrato, com aquella vaidade dos artistas de nos fazerem admirar, não só a sua obra, mas tambem a sua pessoa. Já aquelle facto está revelando uma das singularidades da mente nacional, um rapaz do 3° anno de direito, mal saido dos brincos da puberdade, enfrentando com os difficilimos problemas da philosophia biologica, em terras de verdadeira cultura só tratados pelos Huxleys, os Darwins, os Hœkels, os Gegenbauers, e iguaes summidades, de solidos, profundos e longos estudos, em que encaneceram. E quando se sabe o que é aqui o preparo biologico dos nossos estudantes de direito, ou de qualquer outro curso superior, limitado, ainda nos que melhor o fazem, a rudimentos de historia natural (zoologia e botanica) estudados ás pressas e mal no mesquinho Langlebert ou, ainda peior, nuns folhetinhos de 500 réis de uma bibliotheca popular portugueza, não se precisa de nenhuma prevenção menos sympathica para avaliar o que póde escrever sobre materia tão vasta, tão difficil, tão superior ás suas capacidades, ainda o intellectualmente mais bem dotado estudante, ou até já bacharel formado. Acontece pois que os que têm o ousio de tentar estudos e obras, para que nada os

autorizava, limitam-se a repetir sem critica, porque não estão no caso de avaliar, julgar e escolher, entre ellas, as opiniões dos expositores estrangeiros, traduzidos em francez. Penso ás vezes que uma reforma profunda e radical na educação nacional devia começar, depois de nos forçar a aprender a ler, por prohibir, sob as mais graves penas, que aprendessemos o francez. O nosso trivial conhecimento dessa lingua nos está prejudicando de todos os modos. Só elle permitte que os nossos estudantes escrevam tratados de philosophia biologica, repetindo os conceitos, as palavras, os pensamentos, as idéas de todos os biologistas philosophos da Europa, vertidos em francez. E como não têm, nem podem ter, nenhuma idéa sua, a não ser de palpite, e é preciso encher os claros entre uma e outra citação, e tambem não sabem a unica lingua que importa a um escriptor saber, a sua, completam esses espaços vasios com dissertações palavrosas, que apenas servem de traço de união, raramente bem posto, entre os conceitos dos muitos autores que citam. Este gosto (poder-se-ia chamar-lhe mania) das citações, é, a meu ver, a unica influencia notavel do Sr. Ruy Barbosa nas nossas letras. Num povo geralmente ignaro como somos, mais imaginoso e phantasista que sabedor, a immensa maioria é daquelles como o nescio personagem

do dramaturgo portuguez, que julgava dos sermões que ouvia pela copia de latim que continham, que elle aliás não entendia. Eis uma amostra da lingua em que o joven philosopho pernambucano expõe as idéas alheias, com certeza muito mais simples e claramente ditas por seus autores : « Os desfibrinados ensaios que constituem o presente volume não collimam, de modo algum, o esquadrinhamento minucioso e inquisicional de problemas inteiramente novos e originaes ou o estudo exhaustivo e completo de certa ordem de questões... para cuja solução cabal e satisfactoria, se me sobra a maior boa vontade deste mundo, competencia não me outorgo, nem m'o permitte a ignorancia ».

E' o que o nosso povo chama com a sua, ás vezes fina, ironia, « falar difficil », e o falar difficil é a principal caracteristica do estylo dos nossos philosophos indigenas, de Tobias Barreto para cá. Encetando o capitulo *A Biologia e a physico-chimica* (*excusez du peu*) escreve o Sr. Araujo Jorge : « Pensando consoante se segue, ignoro se serei, involuntariamente, victima de uma illusão seductora de phrases e palavras ou de uma especie de daltonismo ou emblyopia intellectual... » E não ha um paragrapho em todo este livro, do qual se não pudesse citar uma linha ao menos deste estylo, tão admiravelmente capitulado por Herculano de « gongo-

rismo scientifico ». Apanho ao acaso : *atmosphera gnostica da humanidade*, *connubio do sentimento do maravilhoso*, *das palavras de... evolam-se effluvios do mais requintado e rigoroso vitalismo*, *individualização mental*; *coalescencia de idéas*, *idéas residuaes*, e mil outras, que em cada pagina as ha. Ora, isto não é a linguagem do verdadeiro saber, e admiro-me que os nossos philosophos, tomando do francez as suas philosophias, não lhe tomem tambem a sua clareza, elegancia e simplicidade. Faça o leitor esta experiencia : leia, no original ou em boas traduções francezas, as obras geraes de Hœkel e de Darwin, e depois leia Tobias, o Sr. Fausto Cardoso, o Sr. Estellita Tapajós, este Sr. Jorge, e outros philosophos indigenas, discipulos daquelles eminentes sabedores, e eu aposto que entenderá mais facilmente aquelles do que estes, não obstante escreverem na sua lingua materna. E' que nós, apezar de nos gabarmos do nosso progresso intellectual, estamos ainda no gongorismo, que, independentemente do nome e da epoca, é um facto da indole da lingua, sinão da gente iberica e portanto da portugueza. E' tambem que a nossa sciencia, a nossa philosophia, de terceira e quarta mão, não a digerimos nem assimilamos ainda o bastante para sermos capazes de exprimil-as com simplicidade e clareza — essa probidade das linguas.

A critica das theorias do Sr. Jorge não seria sinão a das theorias dos seus numerosos assessores, cujas citações por extenso, ou abreviadas, ou apenas indicadas, enchem a maior parte do seu livro, e para esta eu não tenho a competencia que não reconheço nelle e que, como vimos de um trecho seu, elle mesmo começa por negar-se. Mas, mostrar, como fiz, como é composto este livro, de opiniões alheias e mau estylo proprio, basta, parece-me, para avalial-o.

Entretanto, o livro, mesmo assim feito, revela claramente no Sr. Araujo Jorge uma intelligencia capaz de cousas suas e até originaes. Com o francez, é talvez a nossa muita intelligencia que nos está fazendo mal. Esta intelligencia brazileira, que, ainda sem os exageros de gabos tão da nossa indole, é commum, facil, esperta, viva, prompta, picante, porém mais aguda que fina, mais vivaz que realmente penetrante e ponderada, e antipathica á reflexão, está prejudicando a nossa cultura e o nosso saber. Demasiado confiante nas suas proprias forças, vaidosa, ella não duvida de nada e tópa a tudo. E' caracteristico de Portugal e do Brazil, (o facto foi ali notado pelo Sr. Ramalho Ortigão, aqui pelo Sr. Sylvio Roméro) que o homem de estudo é tido ali e aqui em menos conta que o improvisador. Nas escolas, nas academias do Brazil, o renome, a fama, a

admiração vai infallivelmente ao estudante madraço, mas loquaz, verboso, falador, esperto em enganar os mestres e condiscipulos com apparencias de saber, disfarçadas na audacia de dizer o que não sabe, de inventar. Nesse meio, e ainda na nossa sociedade, é commum este juizo : « Fulano? Fulano estuda; é um burro de estudo; Cicrano, esse sim, é um talento, nunca leu cousa alguma. « Quer dizer que o nosso povo ainda admitte a sciencia infusa, que é a que elle principalmente admira. Um dos nossos homens de Estado mais famosos foi o Barão de Cotegipe, que se gabava, e que era gabado, de não abrir livro. E boa parte da sua fama lhe veiu desta circumstancia. Mas tambem se dá o contrario, os que põem todo o saber nos livros, e que se contentam com lel-os sem medital-os, sem assimilal-os, sem fazer do seu succo um alimento são do seu espirito; para esses é mais facil e mais expedito cital-os a todo o proposito, alardeando erudição que engana os simples. De sorte que não temos saber, cultura propria, sinão puramente livresca. Grande pena é que moços de talento e excellentes disposições para cogitações philosophicas como o Sr. Araujo Jorge não estudem e meditem ponderada e demoradamente em vez de nos darem precipitadamente o producto indigesto de leituras copiosas e forçosamente mal feitas. E eu creio

dar-lhe uma prova de grande sympathia falando-lhe assim.

São do mesmo espirito e inspiração, diremos da mesma corrente, porém mais amadurecidos e ponderados, um livro, *Ensaios de Critica*, do Sr. Arthur Orlando (Recife, Diario de Pernambuco, 1904) e um folheto do mesmo autor *Propedeutica politico-juridica* (Recife, Edelbrock, 1904); já este titulo revela a escóla. São de sociologia, direito, biologia, e literatura os *Ensaios* do Sr. Arthur Orlando, e, de parte as divergencias de pontos de vista, dos melhores que aqui se têm escripto. O que se refere ao adulterio e conclúe pela necessidade do divorcio, comquanto ainda reflicta demasiado idéas alheias, é um bom trabalho. Salvo quando a sua amizade lhe faz exagerar o valor e a importancia de Tobias Barreto, ou quando o seu bairrismo o obriga ao mesmo em relação a Pernambucco, ha em geral nestes *Ensaios* do Sr. Arthur Orlando um maior sentimento da medida, uma originalidade maior, e melhor lingua, do que nos escriptos congeneres dos escriptores da mesma corrente. O seu *O problema da Morte*, feito sobre o livro de Luis Bourdeau, é um modelo de boa recensão e critica literaria e philosophica. De outros seus *Ensaios* deste livro se poderia dizer o mesmo.

A *Propedeutica politico-judica* parece devia

ser a introducção de obra de maior vulto em que se estudassem á luz do evolucionismo de Spencer e do monismo de Hœkel, que amalgamados formam a philosophia do autor, os nossos problemas de ordem politico-juridica, especialmente os postos pela Republica. Verificando, logo ao começar, que « a proclamação da Republica marca uma éra nova para a nacionalidade brazileira », assenta o Sr. Arthur Orlando que : « O antigo e o novo regimen são de tal modo differentes um do outro que espiritos, educados sob as influencias do primeiro, mal comprehenderão as instituições do segundo, si não fizerem taboa raza das idéas que constituem a substancia do nosso passado constitucional. » Estou, nesta parte, de inteiro accordo com o pensador pernambucano, e creio não fôra aventurado attribuir o mau caminho que leva a Republica ao ter sido principalmente dirigida por quem não lhe comprehende os principios essenciaes ou que ainda, sendo capaz de comprehendel-os, não tem a intuição e o sentimento do espirito e das necessidades das novas instituições.

Os escriptores cujo estylo empolado e, a meu ver, de mau gosto censurei, attribuindo-o a influencia de certos mestres do Recife (sem esquecer, entretanto, que delle já se achavam modelos anteriormente) podiam redarguir-me

que o Sr. Mello Moraes filho não foi de modo algum discipulo desses mestres, nem é jurista, nem philosopho, nem sabe de Hœkel ou de Gegenbauer e, no emtanto, tem tambem o mesmo estylo repolhudo e turgido. O seu ultimo livro, *Artistas do meu tempo*, lhes daria razão, e confirma o que mais de uma vez escrevi deste escriptor. O Sr. Mello Moraes nunca poude sair daquelle encantador e luminoso periodo de enthusiasmo literario, que se traduz em grandes gestos lyricos e frases retumbantes. Como critico, elle julga com exclamações e qualificativos, e o preconceito patriotico, que tem muito estreito ou que alardêa com muito mau gosto, lhe faz a cada passo ver grande o que é realmente pequeno. E' um nacionalista de temperamento e proposito. Os seus estudos tradicionalistas, de si mesmos grandemente interessantes, seriam preciosos, si o autor os fizesse com menos imaginação e phantasia e com mais critica e segura verificação de suas informações. O seu enthusiasmo patriotico, posso dizer o seu bairrismo, inteiramente descabido em taes locubrações, que a unica fórma que dessas virtudes consentem é o amor sincero do assumpto, evidentemente viciam aquelles seus estudos de preoccupações que lhes tiram o caracter de rigorosa e estricta verdade que deviam ter.

Depois, como escriptor, o Sr. Mello Moraes filho está mais de meio seculo atrazado. Dir-se-ia que elle considera a simplicidade, a moderação no julgar e dizer, a medida justa das cousas como defeitos, e portanto escreve ao envés de tudo isso, parecendo timbrar em exagerar os meritos dos seus heróes, para justificar-se de se occupar delles. De somemos artistas, que são todos os nossos de que trata, julga-se elle obrigado a fazer grandes homens. E as suas metaphoras e estylo figurado? Para dizer-nos que Paula Brito foi, em menino, aprendiz da Typographia Nacional, escreve: « Demandando precoce os climas da Typographia nacional (9).». Querendo informar que um musico, Domingos Ferreira, era filho de outro musico, diz que elle « entrou na vida pela porta larga da musica » (116). D. Pedro II é « uma resolução que tudo podia », o Conservatorio de Milão, a respeito de Carlos Gomes, « um laboratorio de auroras matinaes a acharem-lhe as curvas do porvir, os escarpamentos da gloria » (90). Que quererão dizer frases destas: « Remontando as origens que de tão longe turbilhonam, repetem esvaecidos écos a escala nominal da *troupe*, sendo os interpretes da inspirada producção F. e F. » (89)? Os estrangeiros notaveis que visitaram o Brazil são a « cathedral mystica dos eminentes espiritos que collabora-

ram no nosso engrandecimento » (60); o theatro de S. Pedro é para João Caetano « o esquife de pedra do seu nome » (34); noutro passo « o progresso desencadeiava-se fragoroso » (35), o que é justamente contrario á idéa de progresso. Antonio de Castilho é « um promontorio das letras portuguezas » (23), uma joven franceza, orphan, é a « lutuosa gallicana » (22). Grammaticalmente, o Sr. Mello Moraes Filho não escreve peior do que a maioria de nós outros escriptores brazileiros, mas o seu estylo, que deixo ao leitor qualificar, é este, e decididamente retarda de mais de meio seculo, e é anachronicamente gongorico e feiamente empolado.

Dous livros do Sr. Coelho Netto, dos quaes um, *Pastoral*, é um simples folheto. *Agua de Juventa* (Porto, Chardron, 1905) é uma collecção de contos, dos quaes o primeiro dá o titulo ao livro. Como todos os contos do Sr. Coelho Netto, têm estes, com as mesmas qualidades de linguagem e estylo, tão peculiares ao autor, que já lhe fazem uma « maneira », as de imaginação, phantasia, e até, si bem em menor grau, de imprevisto, que distinguem a sua obra novellistica. Nem ha nessa sua maneira nenhuma mudança apreciavel de fundo e de fórma. Os seus assumptos são os mesmos, interesses sentimentaes, casos amorosos, cujo sabor é real-

çado com o molho picante dos incidentes ou das apreciações ou siquer da intenção picaresca ou brejeira. Nenhum outro com a novidade bastante para ser notada, e o tom geral destes contos, de uma innocente malicia, podia-se chamar de inconsequente. Escrevendo muito bem, tendo já um estylo seu, embora se lhe descubra facilmente a filiação no de Eça de Queiroz, que as vezes segue até a incitação pueril, o Sr. Coelho Netto é passivel, penso eu, de reparos que, sem pretender em diminuir-lhe a justa nomeada, me parece devem ser feitos. E' um que o seu estylo cada vez se uniformiza mais, é cada vez mais regular, mais mechanico, posso dizer mais monocordio, não deixando quasi lugar ao imprevisto, á novidade e, dentro do mesmo estylo, á originalidade da expressão, que lhe quebrasse a monotonia da sua mesma regularidade e lhe désse o resalto que diverte o espirito e descança a attenção. E' outro que a lingua do Sr. Coelho Netto, mais formosa que bella, clara, colorida, vibrante, mais ainda as vezes incolor, não raro empolada, descair na emphase e na declamação, como é aqui tão commum, é portugueza de lei, mas com rebuscas classicistas, superabunda mais do que conviria a um escriptor brazileiro de vocabulos unicamente portuguezes, já sem curso do Brazil.

Entenda-se que eu não pretendo que os escriptores brazileiros evitem os termos portuguezes; ao contrario, eu sou pelo respeito á vernaculidade (não ao purismo, que é insensato) da nossa lingua. Parece-me, porém, que o escriptor brazileiro deve, independentemente de qualquer sentimento de nacionalismo ou nativismo, mas cedendo sómente ás necessidades da boa escripta literaria, das quaes uma das primeiras é que nos entendam os nossos leitores naturaes, preferir as fórmas nacionaes ás estranhas. E' exactamente o contrario que faz o Sr. Coelho Netto. No seu livro, de que acima me occupei, *A bico de penna*, ha um capitulo consagrado á lavoura e aos lavradores. Pois tendo nesse trecho de usar de numerosos termos rusticos, e outros de uso geral, o Sr. Coelho Netto deu sempre preferencia aos vocaculos de Portugal aos do Brazil, de sorte que o seu leitor commum, brazileiro, se achará embaraçado para comprehendel-o, ignorando certamente o que é *lençaria*, *armentio*, *azenha*, *azequias*, *bacorinho*, *cevado*, *lardo*, *guaiado*, *tapigo*, palavras para as quaes temos synonymos brazileiros, de uso tão legitimo como o dessas. E em *Agua de Juventa* ainda respiguei *bandounas*, *convalles*, *andurriaes*, *deventre*, *códa*, *zumbrido*, e *povo salaz!* posto na boca de um medico do interior, maldizendo dos seus clientes. Longe de mim a idéa

do aconselhar o menospreço da lingua portugueza, antes acho que a cuidamos pouco, mas si ha em materia de lingua um direito dos escriptores da autoridade do Sr. Coelho Netto, é o de fixarem pela escripta, integrarem na literatura, darem direito de cidade ás expressões populares de bom cunho, legitima e universalmente usadas no paiz. Ora, no Brazil (e creio que, fóra dos diccionarios, em Portugal tambem) *lençaria* é roupas brancas; *armentio* é gado ou rebanho; *azenha* é roda de engenho ou engenho d'agua; *azequias* são rêgos; *bacorinho* é leitão; *cevado* é capado; *lardo* é toucinho e *guaiado*, absolutamente desconhecido, seria plangente, choroso. E *tapigo* é tapagem ou tapume. De sorte que ao Sr. Coelho Netto é mais facil entendel-o um leitor portuguez do que um brazileiro. Julgo errado este seu criterio linguistico e penso que o futuro escriptor brazileiro, verdadeiramente grande, será aquelle que, escrevendo tão puramente como fôr possivel a lingua vernacula, a escreva segundo o falar patrio e não sacrificando o vocabulario e boleios de frase do seu povo aos dos minhotos e alemtejanos. E é talvez por isso que, apezar da minha fundada admiração pela obra do Sr. Coelho Netto, eu não posso disfarçar o que lhe acho de artificial, de postiço, de affectado.

A sua *Pastoral*, « evangelho em um prologo e tres quadros », como lhe chama (Lisboa, Tavares Cardoso, 1905) é um poema dramatico em prosa e verso, para servir de libreto á musica de varios mestres nossos, mas muitissimo superior ao commum dos libretos. Tem um real valor literario e paginas de grande belleza de lingua e estylo, e ainda de emoção religiosa, que o Sr. Coelho Netto teve artes de lhe dar.

O Sr. João Ribeiro não é um escriptor que se publique com abundancia; antes é, no duplo sentido do termo, um escriptor raro, si bem muito mais laborioso do que erradamente, e por apparencias, de commum o julgam. Desde os os seus livros *Versos* e *Estudos philologicos*, ambos de 1902, e ambos compostos com antigas producções, não publicára mais livro algum o Sr. João Ribeiro. Entre esses dois o seu espirito, original, mas paradoxal e de alguma sorte bizarro, no sentido francez da palavra, passou por modificações de que os seus dois livros deste anno *Crepusculo dos Deuses* e *Paginas de Esthetica* (ambos de Lisboa, Teixeira, 1905) são o documento. Essa evolução do seu espirito, de um lado para o puro estheticismo, segundo a metaphysica alleman, que ultimamente influiu nelle, de outro para o classicismo da linguagem, quiçá levado até ao purismo, ao menos no que

respeita ao primeiro ponto, não se fez de momento e já vinha indicada na sua obra poetica ou puramente literaria, de ficção ou de critica, como uma tendencia do seu espirito. E si a sua funcção de grammatico, aqui o mais bem acceito de entre os seus confrades nessa especialidade, e de philologo, parecia dever inclinal-o ao culto da lingua vernacula, o que justamente o distinguia dos grammaticos indigenas era a largueza do seu espirito de homem de letras, e artista de temperamento, a especie de desembaraço fidalgo com que, dando regras de grammatica, não parecia prestar-lhes uma consideração extraordinaria, nem ter pela disciplina em que num momento se especializára nenhum fetichismo. Si me permitissem, eu diria que elle era um grammatico *modern-style*, sem férula, sem rapé, sem latins intemperantes, que intimamente, de si para si, desadorava a grammatica e os grammaticantes. Mas os grammaticos, como as mulheres, com quem aliás não terão nenhum outro ponto de contacto sinão o genio brigador, mudam tambem frequentemente, e o Sr. João Ribeiro mudou, e é hoje o principal e por ventura o mais auctorizado evangelista da reacção a favor da vernaculidade portugueza no Brazil. Foi para servir esta causa, que não poderia aqui achar propugnador mais capaz, que elle compoz a sua *Selecta Classica*, da qua

me occupei alhures (1) e que é, no seu genero, actualmente, a melhor que conheço da lingua portugueza.

Mas não bastava ao Sr. João Ribeiro, que não queria fazer de frei Thomaz, prégar a doutrina sem o exemplo. Elle sabe, com o seu classico, que « fazer uma coisa e mandar ou aconselhar outra, é querer indireitar a sombra da vara torcida », e, portanto, voltando á pura literatura, poz-se a escrever como os classicos, segundo se verifica das suas duas obras deste anno, acima nomeadas. Não sou dos que applaudem esta evolução, ou, antes, reacção, do Sr. João Ribeiro. Eu preferia o seu estylo antigo, tão correcto quanto se poderia exigir, mesmo vernaculo, porém muito mais seu, muito mais pessoal, muito mais original e encantador que o de hoje, e de uma clareza que tive mais de uma vez occasião de louvar.

A primeira das suas obras do seu novo estylo é o *Crepusculo dos Deuses*, contos allemães por elle postos em vernaculo, com igual mestria de ambas as linguas. Não obstante traduzidas, estas paginas são de um escriptor, cujo estylo pouco perdeu das suas qualidades fundamentaes, mas se me afigura agora nellas mais trabalhado, mais rebuscado, deixando perceber o

(1) V. neste vol. *Questões da lingua portugueza*

esforço de fazer classicismo. E', em summa, menos espontaneo do que já foi. E' assim que o Sr. João Ribeiro agora escreve « começaram de notar », « sujeito dramatico », em vez de assumpto, « assim sobre... como », « entre sós », de duas pessôas que falam entre si, « lenesissimas », termo raro, por brandissimas, « alongar-se » por afastar-se, « mal a meu grado » em vez do vulgar máu grado meu, e ainda outras expressões e palavras, cujo resaibo classico ou pelo menos antiquado, dá ao seu estylo alguma coisa de menos natural. Não ouso dizer que o torna artificial, porque o escriptor de raça, o poeta, o artista que ha no Sr. João Ribeiro tiveram o poder de reduzir ao minimo os inconvenientes desta propositada modificação do seu estylo, e é de notar, em favor dos bons quilates do seu gosto que apezar de intencional e trabalhada nesta clave, a sua linguagem é muito menos rebuscada, e inçada de termos antiquados ou raros que a do Sr. Coelho Netto, por exemplo. Mas é principalmente nas deliciosas *Paginas de Esthetica* que essa mudança é mais sensivel, e onde por assim dizer se sente a lucta vadatra no escriptor entre a lingua dura dos classicos, rebelde á representação das coisas modernas e finas da esthetica, inepta para exprimir as delicadezas, matizes e cambiantes que a exposição de doutrinas tão vagas e opiniativas, e fóra intei-

ramente da preoccupação dos classicos da lingua, exigem.

E não sou eu só, e sem auctoridade, que verifico esta inaptidão da nossa lingua classica. Tambem a certifica (V. *Manoel Maria du Bocage*, Garnier, 1867, III, 247) aquelle Castilho a quem o Sr. João Ribeiro, (a meu parecer com exagerada estimação, ou não querendo ver no escriptor sinão a linguagem) chama « o grande e o maior dos escriptores portuguezes dos ultimos tempos ». (*Selecta Classica*, LVII, nota 31). Não me custa, entretanto, reconhecer que dessa lucta saíu o Sr. João Ribeiro, tanto quanto possivel, vencedor, e que não é o menor encanto das suas *Paginas de Esthetica* o picante do resaibo classico num estylo moderno, marchetado de paradoxos, de ironias, de novidades de pensamento e de fórma, e que um sentimento, antes talvez uma intuição de arte, ás vezes claro, ás vezes mysterioso, envolve n'alguma coisa de indefinido, que é de si mesmo uma maneira de ser, talvez a melhor, da arte. E' um curto livro com mais materia que estirados volumes, porque não é um livro de palavras, mas de idéas, principalmente de sensações, um livro que requer discussão e desperta contradições. Si as suas idéas capitaes não são do auctor, elle as fez suas pelo modo por que as comprehendeu e a maneira propria por que as expoz.

Não é meu proposito discutil-o, nesta simples noticia. Mas sempre notarei que o conceito geral de arte do Sr. João Ribeiro me parece como quer que seja estreito e eu diria atrazado, si esta palavra não pudesse ser mal interpretada. Para elle, si me não explico mal a sua theoria, exposta entre citações de conceitos alheios e ironias proprias, ainda é a realização da belleza. « A arte, diz elle, não tem, pois, que ser moral ou immoral, politica ou social, ou scientifica; talvez o é, e alguma vez o não é, não estando obrigada a cousa alguma, senão a ser a propria belleza do Cosmos. » A beneficio de alguma explicação, eu estou com o Sr. João Ribeiro na metade deste seu parecer, mas quanto á sua conclusão, fico indeciso. Que é a belleza? Que é o bello? E, demais, é só o bello, segundo é vulgarmente entendido, o objecto exclusivo da Arte? Na pretendida profundeza, apenas facil subtileza, de certos theoricos allemães da esthetica, caros ao Sr. João Ribeiro, eu não logro descobrir sinão o vazio de concepções que por inorganicas têm de se manifestar em fórmas imprecisas e nebulosas. Pendo para os Francezes : *Ce que l'on conçoit bien s'énonce clairement.* Que em sua essencia a Arte seja o *minimum* musical do Universo, ainda, com alguma bôa vontade, chego a comprehender, porque entendo a Arte como uma synthese geral, mas

que a Arte é a Natureza — X, como diz um certo Arno Holz, estheta allemão, não tenho vergonha de não entender, porque me não deixo impôr pelas extravagancias da originalidade. Que na Arte, por exemplo, « nem tudo se ha de dizer », como aconselha o Sr. João Ribeiro, estou de pleno accordo, pois creio que o indefinido faz parte da Arte, cujo fim principal, si se lhe póde achar um fim, é provocar emoções, e não dar noções. Todo um seu delicioso capitulosinho é sobre a Belleza na Arte, em que insiste o Sr. João Ribeiro. Sei que era a concepção grega, theorizada por Platão, mas sei tambem que não ha mais meio de nos contentarmos com ella. E parecendo o Sr. João Ribeiro adoptar o conceito de Gœthe de « que é certo que nem sempre é bella a natureza; mas as suas intenções são sempre bôas », cáe no finalismo em arte, contra a sua theoria, ou do Sr. Arno Holz, atraz citada, e contra a mais corrente e acceite philosophia. Divergindo assim do que é o proprio fundamento da esthetica do Sr. João Ribeiro, muito haveria que contradictar-lhe; mas o seu opusculo não é um tratado nem um compendio, sinão um livro de idéas e sensações, a que a ironia, o tom familiar, a bonhomia espirituosa, dando-lhe um singular sainete epico, tiram todo o dogmatismo caturra, e cuja leitura será deliciosa para todo o espirito livre.

Por outros aspectos, póde este livro ser considerado o manifesto de reacção classica intentada pelo Sr. João Ribeiro, que faz, e muito bem, da lingua, do estylo, da arte de escrever, da linguagem literaria objectos da esthetica. Muito haveria que dizer desta parte do seu livro, onde as suas opiniões são mais pessoaes, menos abordoadas ás alheias, que na porção delle relativa ás bellas-artes. E por isso é talvez a mais systematica e mais comprehensiva deste livro.

Não alcanço entender porque o Sr. João Ribeiro, no ardor do seu proselytismo vernaculo, havia de lançar anathema sobre o que chama um dos caracteres da nossa fórma literaria, o *brazileirismo*. Si o Sr. João Ribeiro fôsse simplesmente um estheta, exclusivamente preoccupado de uma belleza indefinida e indefinivel, eu perceberia que, por uma indiosincrasia literaria, lhe repugnasse o *brazileirismo* de linguagem; mas sendo um philologo tambem, e por ventura principalmente, não acabo de entendel-o. Pois não nos ensina elle proprio, como philologo, que as linguas, em tempo algum, e em gente alguma, nunca estiveram paradas, nunca definitivamente se fixaram, e que estão, de sua propria natureza, sujeitas a mudanças constantes, determinadas por circumstancias inevitaveis de tempo, de clima, de influencias diversas como, o contacto com outras linguas, as

imposições de novas necessidades, invenções, descobertas e mil outras, cuja enumeração fôra cançativa? (1). Não nos ensina mais que é um facto natural, inilludivel nas linguas os modos especiaes, peculiares ao povo que as fala, ou até a uma parte desse povo, de compôr certas frases ou entender certos vocabulos, differentemente do processo seguido por outros idiomas, ainda affins, pelo que se chamam taes frases *idiotismos*, e tambem, da gente que as inventou, latinismos, francezismos, luzitanismos? Si é assim, si tal nos ensina a philologia e o Sr. João

(1) « O mesmo contacto de povos e de idéas novas, por um lado enriquece o lexico e por outro delle desterra locuções e palavras antigas que càem em desuso ou são literalmente esquecidas. *Em balde para revocal-as á vida esforçam-se os eruditos, os letrados e os grammaticos; quasi sempre sem exito. E' da propria indole da lingua essas perdas e renovações constantes*, que são como o signal da sua nutrição e vida. » João Ribeiro. *Grammatica portugueza*, curso superior, (12ª. edição, Rio, Francisco Alves, 1905, XVII). E contra as restaurações archaicas : « Não se póde dar vida a palavras que não correm na linguagem presente. » (*Ib.* p. XVIII). E no seu *Diccionario grammatical* (Rio, Alves, 1889, p. 75) : A possibilidade e *fatalidade* da dialectação creoula ou mestiça resultou da vida nova dos europeus nas colonias », mostrando logo como « diversos factores (que são os mesmos que enumerei) collaboraram para isso ».

Ribeiro, mestre della, porque desconhecer que tambem o povo brazileiro, producto ethnographico já muito differençado do portuguez, e sobre cuja lingua ha quatro seculos actuam uma natureza, linguas, povos, idéas, pensamentos, instituições, costumes, sentimentos diversos dos que a formaram originariamente e desenvolveram até o seculo do nosso descobrimento, porque a nós brazileiros, em summa, não nós é licito inventar tambem esses modos de dizer? (2) Vedar-nol-o não é só ir contra os mais bem assentados conceitos da philologia, mas querer o impossivel. Ora, não ha purismo que resista a essa mudança, que se chama, com o nome que absolutamente não é classico, de evolução. E o proprio Sr. João Ribeiro escreve

(2) V. João Ribeiro, *Diccionario grammatical* citado, v. *brazileirismos*, p. 74, particularmente p. 85, *in fine*, onde chama de « indocil má vontade » a antipathia, aliás natural, com que os portuguezes « acoimam de barbaras e viciosas as producções artisticas da literatura americana ». « Semelhante critica, accrescenta o Sr. João Ribeiro, fundamentada na ignorancia do caracter proprio das linguas da *instabilidade do homogeneo* — não póde nem poderia produzir nem merecer efficacia ou respeito. » Não vou tão longe no meu combate á reacção purista ou classica, de que o Sr. João Ribeiro é actualmente o mais eminente fautor. Leia-se mais todo o cap. *gallicismos* do mesmo auctor, na sua *Gramm.* cit. p. 247 e seguintes, especialmente *in fine*, p. 250—52.

desapontamento, e *blóco* nestes seus livros, e num exemplo seu de sua *Grammatica* cit. *massacrados*, (p. 213), que são estrangeirismos modernos, por fórma alguma castiços. Ha duas especies de *brazileirismos*, o synctatico ou de frase, e o de palavras, e contra nenhum delles se póde lavrar uma condemnação absoluta, antes de os ter estudado a ambos e verificado, á luz de bons principios philologicos, a sua legitimidade. Era um trabalho para o Sr. João Ribeiro, e que eu desejava vel-o fazer. Como condemnar que um brazileiro falando ou escrevendo diga *moleque*, em vez de *garoto*, *tigela*, em vez de *malga*, *leitão* em vez de *bacoro*, ou hesite em chamar a uma mulher joven e garrida de *moça faceira*, porque faceira em Portugal é da carne do boi, e *moça* uma criada ou uma concubina? O contrario, acho eu, é que é de condemnar, e, si vingasse a doutrina do Sr. João Ribeiro, já praticada aliás pelo Sr. Coelho Netto, cairiamos nesta extravagancia, de uma literatura nacional cuja lingua não é a da nação da qual pretende ser a expressão.

E, em que pése ao primoroso escriptor das *Paginas de Esthetica*, o brazileirismo, como elle mesmo o definiu nas suas obras de grammatico, não é o *slang* dos Americanos malsinado pelos puristas inglezes (como si se pudesse falar de pureza da lingua ingleza!) mas, um facto philo-

logico, natural, normal, legitimo, contra o qual não prevalecerão nenhumas reacções puristas.

Entre os novos publicistas brazileiros, o Sr. Henrique Coelho, não obstante ainda pouco conhecido, por não ter até aqui escripto inãos na provincia, em jornaes, que raro lhe ultrapassam os limites, é seguramente um dos mais distinctos e de maiores esperanças.

E' um estudioso sério, capaz de meditação, de vistas e idéas geraes e escreve naturalmente bem. O seu livro, que creio é o primeiro, *O poder legislativo e o poder executivo* (S. Paulo, 1905) é demonstração disso, mas pela sua natureza especial escapa á minha apreciação, que se resume á pura literatura. Mas sempre direi, crendo não exceder a minha escassa competencia, que este livro, pela doutrina e pela clareza da exposição excellente, do Sr. Henrique Coelho, entre as publicações brazileiras congeneres é com a sua sobriedade, a liberdade espiritual do autor, a sua emancipação dos preconceitos politico-juridicos communs, a sua tendencia para não ver no Estado outra legitimidade que a que lhe daria a de realizar o bem e a commodidade do individuo, em summa, um modo mais humano de considerar o instituto social.

XI

INDICE DOS SEIS VOLUMES

DOS "ESTUDOS DE LITERATURA BRAZILEIRA"

PRIMEIRA SÉRIE

I. — A Revolução chilena e a questão da America latina. Sobre o livro *Balmaceda* do Sr. Joaquim Nabuco.

II. — A Questão do casamento. A proposito do *Livro de uma sogra*, do Sr. Aluizio Azevedo.

III. — O Positivismo no Brazil. Sobre *Doutrina contra doutrina*, do Sr. Sylvio Roméro.

IV. — Um Romance symbolista. A *Giovanina* do Sr. Affonso Celso.

V. — Literatura apressada. A proposito da *Flor de sangue*, romance do Sr. Valentim Magalhães.

VI. — Um historiador politico. O Sr. Joaquim Nabuco.

VII. — Martins Penna e o Theatro Brazileiro. Sobre uma nova edição das suas comedias.

VIII. — O Sr. João Ribeiro e Luiz Guimarães

JUNIOR. Discurso recebendo o primeiro na Academia Brazileira.

IX. — ALGUNS LIVROS de 1895 a 1898.

SEGUNDA SÉRIE

— O QUE FALTA A NOSSA LITERATURA.

II. — OS POETAS DA SEGUNDA GERAÇÃO ROMANTICA, Gonçalves Dias, Alvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Junqueira Freire, Laurindo Rabello.

III. — DUAS EPOPÉAS BRAZILEIRAS. O « Uruguay » de Bazilio da Gama. O « Caramurú » de Santa Rita Durão.

IV. — FAGUNDES VARELLA.

V. — CASTRO ALVES.

VI. — GARRETT E A LITERATURA BRAZILEIRA.

VII. — JOÃO LISBOA MORALISTA E POLITICO.

VIII. — GONZAGA.

IX. — UM POETA SYMBOLISTA. O Sr. Alphonsus de Guimaraens.

X. — OS PENULTIMOS ANNOS DO IMPERIO. Sobre o livro do Sr. Joaquim Nabuco « Um Estadista do Imperio.

XI. — BERNARDO GUIMARÃES. A proposito de uma nova edição das suas « Poesias ».

XII. — TAUNAY E A « INNOCENCIA ». Sobre a quarta edição deste romance.

XIII. — O PARNASIANISMO NO BRAZIL. A proposito da edição definitiva das « Poesias » do Sr. Alberto de Oliveira.

TERCEIRA SÉRIE

I. — Um seculo de literatura (A literatura brazileira no seculo XIX).
II. — Um romance da vida Amazonica. O « Missionario » do Sr. Inglez de Souza.
III. — Um Irmão de Braz Cubas. O « Dom Casmuro » do Sr. Machado de Assis.
IV. — Das condições da producção literaria no Brazil.
V. — Nova historia das Origens brazileiras. « Brazil » pelo Sr. Zeferino Candido.
VI. — Um nababo dos tempos coloniaes. Sobre o livro « Felisberto Caldeira « do Sr. Rodrigo Octavio.
VII. — O Brazil naval. « Quatro seculos de actividade maritima » pelo Almirante Sr. A. de Jaceguay.
VIII. — José de Alencar e o drama. « O Jesuita ».
IX. — O Sr. Joaquim Nabuco. A proposito de seu livro « Minha Formação ».
X. — A questão orthographica na lingua portugueza.
XI. — O Sr. Garcia Mérou e o Brazil intellectual.
XII. — Os hollandezes no Brazil. A proposito do livro « O principe de Nassau » do Sr. Thomaz Alves.
XIII. — Alguns livros de 1900.
XIV. — Ainda a questão orthographica. Carta do Sr. Candido de Figueiredo.

QUARTA SÉRIE

I. — O Sr. Coelho Netto.
II. — O primeiro poeta brazileiro, Bento Teixeira Pinto.
III. — A Independencia do Brazil. A proposito do Reconhecimento do Imperio » do Sr. Oliveira Lima.
IV. — O Sr. Machado de Assis poeta.
V. — Poesia e poetas. Sobre alguns livros de versos.
VI. — Nova biographia de Camões. « Vida e obras de Luiz de Camões « por Wilhelm Storck.
VII. — Os « Contos » do Sr. Domicio da Gama.
VIII. — Arcadias e Arcades brazileiros. A proposito da obra do Sr. Theophilo Braga.
IX. — Paginas soltas do Sr. Joaquim Nabuco. Sobre os « Discursos e Escriptos literarios » do mesmo.
X. — Uma innovação na metrica portugueza. A pro rosito das « Elegias a Leão XIII » do Sr. Magalhães de Azeredo.
XI. — Camaras e politicos da monarchia. Sobre o livro do Sr. Affonso Celso « Oito annos de parlamento ».
XII. — Os Jesuitas no Pará. A proposito dos « Jesuitas no Grão Pará » do Sr. J. Lucio de Azevedo.
XIII. — Alguns livros de 1901.

QUINTA SÉRIE

I. — O Sr. Olavo Bilac.
II. — O « Chanaan ». Romance do Sr. Graça Aranha.
III. — O Sr. João Ribeiro poeta,
IV. — Um Livro de critica. « Homens e livros » do Sr. Magalhães de Azeredo.
V. — Um Poeta. O Sr. Mario de Alencar.
VI. — A Campanha de Canudos pelo Sr. Enclydes da Cunha.
VII. — Um romance da Vida publica brazileira « A todo transe » pelo Sr. Emmanuel Guimarães.
VIII. — Tres poetas : O Sr. Lucio de Mendonça, o Sr. Affonso Celso, o Sr. Antonio Salles.
IX. — Franklin Tavora e a Literatura do Norte.
X. — Um Romance da Vida fluminense. « A Fallencia » por D. Julia Lopes de Almeida.
XI. — Alguns livros de 1902.

INDICE

I. — A « Historia da Literatura Brazileira », do Sr. Sylvio Roméro..... 1

II. — O Primeiro lyrico brazileiro. Botelho de Oliveira..... 15

III. — As « Odes e Elegias » do Sr. Magalhães de Azeredo..... 35

IV. — Questões da lingua portugueza..... 47

A. — A lingua portugueza no Brazil... 47

B. — A orthographia portugueza..... 57

C. — Heresias linguisticas e literarias. 85

D. — Briga de grammaticos a proposito da redacção do Projecto do Código Civil..... 99

V. — O Sr. Alberto de Oliveira..... 135

VI. — A Academia Brazileira..... 149

VII. — Uma poetisa e dous poetas : D. Julia Cortines, Luiz Guimarães filho, Cruz e Souza 165

VIII. — Machado de Assis..... 187

IX. — Livros e autores de 1903 a 1905..... 199

X. — Indice das cinco primeiras series dos « Estudos de literatura brazileira..... » 267

Paris. — Typ. H. Garnier, 6, rue des Saints-Pères, 312.2.1910